



Università
Ca'Foscari
Venezia

Corso di Laurea Magistrale
in Lingue e letterature europee, americane e postcoloniali
ordinamento ex D.M. 270/2004

Tesi di Laurea

**Dizer o indizível: uma tradução
de *Um sopro de vida* de Clarice Lispector**

Relatore

Prof. Vanessa Castagna

Correlatore

Prof. Carla de Souza Faria

Laureando

Tatiana Pellizzer

Matricola 841190

Anno Accademico

2017/2018

*Às minhas avós, Erminia e Silvana,
que me ensinaram a não abrir mão com os desafios da vida.*

Índice

Introdução	p. 7
I. Clarice Lispector, do silêncio à palavra	p. 11
I.1. Clarice Lispector, o círculo que nunca se fecha	p. 11
I.2. O sopro que infunde vida	p. 15
I.2.1. Inventar um personagem é criar um novo eu ao espelho ...	p. 18
I.2.2. O silêncio pulsante que move as palavras: dizer o indizível	p. 26
I.3. A recepção de Clarice Lispector	p. 31
I.3.1. A recepção de Clarice Lispector no Brasil	p. 34
I.3.2. A recepção de Clarice Lispector na Europa	p. 37
I.3.3. A recepção de Clarice Lispector na Itália	p. 40
I.4. Sobre a tradução de <i>Um sopro de vida – pulsações</i>	p. 48
I.4.1. Epígrafes, citações e referências intertextuais	p. 49
I.4.2. O léxico: neologismos, termos de especialidade, nomes próprios e acrónimos	p. 53
I.4.3. Trocadilhos	p. 56
I.4.4. Onomatopeias	p. 57
I.4.5. Desvios sintáticos	p. 58
I.4.6. Idiomatismos	p. 63
I.4.7. Pontuação	p. 64
Un soffio di vita – pulsazioni	p. 67
Considerações finais	p. 194
Bibliografia	p. 199

Introdução

Clarice Lispector (1920-1977) é considerada pela crítica uma das melhores escritoras brasileiras do século XX. Nasceu numa família judia da Ucrânia, que, por causa da violência dos pogroms contra os judeus, viajou para o novo continente em busca de melhores possibilidades de vida.

Escreveu durante toda a sua vida e, depois da sua morte, as suas obras, que até ao último dia se esforçou de terminar, têm continuado a ser publicadas. Nesta última porção de obras literárias há também o romance *Um sopro de vida – pulsações*, caracterizado por uma profunda introspeção, numerosas reflexões sobre a vida perante o seu destino certo, a morte, e sobre a escrita como única possibilidade de salvação.

Em vida publicou oito romances, seis coletâneas de contos e quatro livros de literatura infantil. Com o primeiro romance *Perto do coração selvagem*, publicado em 1943, inaugurou uma nova perspectiva na história da literatura brasileira: o estilo simples, mas incisivo, a fragmentação da narração e a profunda indagação existencial são os marcos fundamentais da sua obra. Imediatamente mostrou a sua capacidade de manipular a linguagem escrita e a sua preferência não pelos acontecimentos, mas pelas emoções e sensações por eles causados.

A publicação do primeiro livro foi um choque seja para o público brasileiro dos anos 30, acostumado naquele período a romances lineares e de carácter regionalista, seja para a crítica. O romance provocou reações contrastantes: se, por um lado, alguns críticos ficaram encantados com o estilo e a inovação da autora, por outro lado acharam o romance incompleto, sem objetivo certo. Clarice Lispector começaria, de facto, a ser verdadeiramente apreciada pela crítica e pelo público só vinte anos depois, quando voltou para o Brasil depois das suas numerosas viagens para a Europa e os Estados Unidos, para seguir o trabalho diplomático do marido.

Nos anos 60 e 70 Clarice Lispector tornou-se um verdadeiro fenómeno literário, que nunca acaba de maravilhar os seus leitores: com a publicação da coletânea de contos *Laços de família* (1960) e do romance *A paixão segundo G.H.* (1963) alcançou o ponto mais alto da sua literatura. Em 1973 publicou outro romance que provocou um choque à crítica e aos seus leitores: *Água Viva*, um romance sem acontecimentos em que um “eu”

feminino se comunica ao seu amado “tu”, num fluxo de pensamentos que corre sem um objetivo preciso. Pode-se dizer que com essa obra Clarice Lispector alcança o grau zero da escrita. A partir desse momento, porém, a escritora está cansada, mas a sua necessidade de criar não se apaga, portanto encontra na pintura outra maneira para expressar-se. Nesses últimos anos de vida, a autora escreve contemporaneamente dois romances: *A hora da estrela*, que conseguirá publicar em 1977, e *Um sopro de vida – pulsações*, publicado postumamente em 1978.

As suas obras, que continuam a ser publicadas depois da sua morte, demonstram quanto Clarice Lispector é uma autora fundamental na literatura brasileira do século XX, tendo levado o público, com a sua escrita inovadora, a apreciar outro tipo de narrativa: a introspeção, a busca existencial, os limites da linguagem e a interrogação da vida.

A partir dos anos 50 as obras de Clarice Lispector começaram a ser traduzidas no estrangeiro, começando pela França, onde em 1954 se publicou uma primeira tradução de *Perto do coração selvagem*. As línguas em que foi maiormente traduzida são o inglês, o francês e o espanhol, seguidas pelo alemão e o italiano. Nos últimos vinte anos a sua obra começou a ser recebida e traduzida também em línguas faladas só em determinadas realidades nacionais.

Enquanto viveu na Itália, Clarice Lispector conheceu o poeta Giuseppe Ungaretti que foi o primeiro que entrou em contacto com a sua obra e tentou traduzir alguns trechos escolhidos do primeiro romance da autora. Depois dessa primeira tentativa, a Itália redescobriu a obra de Clarice Lispector só depois da sua morte, em 1980, muito mais tarde em comparação com outros países. Mas em pouco tempo os tradutores italianos traduziram sete romances, três coletâneas de contos e um livro de literatura infantil.

No novo milénio, na Itália o interesse pela obra da autora não se apagou e, além de novas traduções de romances já traduzidos, em 2013 foi publicado um volume que visa resumir o mundo de Clarice Lispector, sob o título *Le passioni e i legami*. A obra de Clarice Lispector, de resto, projeta-se também no século XXI, porque aborda questões existenciais e universais do ser humano e sua obra ainda não acabou de ser reeditada e traduzida.

Para aproximar-se da obra de Clarice Lispector é preciso abater os muros da convenção e abandonar-se às vertiginosas metáforas, jogos de palavras, contradições inesperadas, sentimentos expressos no seu estado mais primitivo, sem nenhum pudor ou

vergonha. A narrativa da autora cava no fundo do coração pulsante da vida, para levar à superfície, da fonte obscura que cada um tem dentro de si, o que é inexpressável e indizível e a possibilidade de mostrar só a sua sombra, porque a palavra não consegue ser a sua completa manifestação. O “eu” precisa de um “tu” para comunicar-se, mas ao mesmo tempo essa comunicação é impossível, porque fica sempre algo de não dito. A escrita de Clarice Lispector trabalha sobre o silêncio, sobre o que não se conhece, mas que se pode conhecer através de uma revelação, ou estado de graça, um instante improvisado que não pode ser controlado pela razão e, no momento em que se tenta explicar, as palavras não são suficientes.

Um sopro de vida – pulsações é um livro que Clarice Lispector escreveu quando se aproximava da hora da sua morte. Cada frase é permeada pela angústia perante o Desconhecido, pela necessidade de encontrar uma maneira para salvar a vida de alguém ou salvar-se. O protagonista da obra é um e trino: um Autor anônimo que por meio do sopro de vida – que é a palavra – cria a sua personagem Ângela Pralini, exatamente como Deus criou o homem da terra e soprou nele para dar-lhe vida. Ao mesmo tempo tanto Ângela como o Autor são uma projeção na ficção de Clarice Lispector mesma. Num jogo de espelhos e reflexos as personagens dialogam através de um monólogo que, quando se interrompe, permite ao outro tomar voz e tentar existir por meio da palavra.

O presente trabalho, após uma apresentação da autora e da sua recepção crítica e a problematização do processo tradutivo, propõe a tradução de *Um sopro de vida – pulsações*, uma obra que coloca o tradutor perante um duplo desafio: por um lado a interpretação da linguagem de Clarice Lispector, aparentemente simples, que não significa nada mais do que diz, mas que ao mesmo tempo é cheia de metáforas, neologismos, contraposições improvisas; por outro lado é preciso adaptar a língua italiana aos trocadilhos, ao sentido expresso no texto, mas também ao sentido que não está completamente expresso. Nenhuma língua possui todas as palavras para indicar os infinitos movimentos do espírito humano, e a palavra em si é um limite que se impõe aos sentimentos, porque evidencia ou esconde determinados aspectos. Acontece com frequência que entre as línguas não existe uma tradução exatamente equivalente dos termos, sobretudo quando se referem a processos mentais.

Como as palavras não permitem uma comunicação total do pensamento do ser humano, também a tradução apresenta alguns limites na traduzibilidade dos vários

conceitos expressos: há sempre algo que sobra, que fica não dito e que só se pode adivinhar. As reticências ao fim do livro aludem ao facto que sempre há algo mais de dizer, mas que só o silêncio possui na sua plenitude e no seu significado absoluto.

I. Clarice Lispector, do silêncio à palavra

I.1. Vida e obra de Clarice Lispector: um círculo que nunca se fecha

Clarice Lispector nasceu em Chechelnyck (Ucrânia) a 10 de dezembro de 1920, na viagem que sua família empreendeu para escapar dos pogroms, violentas perseguições contra os judeus ucranianos. Nunca voltou ao seu país de origem e, ainda criança de colo chegou a Maceió, no nordeste do Brasil. No Brasil toda a família mudou de nome e a pequena Chaia tornou-se Clarice.

Clarice Lispector passou a sua infância no Recife, agarrando-se à sua imaginação com sofridas oscilações entre o universo da fantasia e a triste realidade. Já desde criança, gostava de inventar histórias e enviava-as para o *Jornal de Pernambuco* para que fossem publicadas; mas isso nunca chegou a acontecer porque, ao contrário das histórias das outras crianças, as suas não contavam acontecimentos ou anedotas, mas sensações e outras coisas vagas. Apesar desta primeira frustrada tentativa, continuou na sua vida de escritora a deixar de lado os acontecimentos e a contar as emoções por eles provocadas. Clarice Lispector nunca parou de acreditar no milagroso poder das palavras: quando a mãe estava doente inventava histórias e encantos para podê-la salvar, e, apesar de ter-se dado conta que as palavras não têm nenhum poder mágico sobre a realidade, buscar o poder das palavras foi a sua maior missão de escritora até à sua morte: salvar a vida de alguém.

Quando Clarice Lispector já era adolescente mudou-se com o pai e as irmãs para o Rio de Janeiro e em 1939 entrou na Faculdade de Direito. Nesse período trabalhou como redatora na Agência Nacional, dando início à sua atividade jornalística que continuará no curso da sua vida. Em seguida, foi transferida para o jornal *A Noite*, onde trabalhou como repórter.

O ano 1943 é um momento de grandes acontecimentos na vida da linda e jovem Clarice: nesse ano obteve a cidadania brasileira em vista do seu casamento com o diplomata Maury Gurgel Valente e, no mesmo ano, publicou o seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, um romance considerado revolucionário na história da

literatura brasileira. Este romance inaugurou também a narrativa e o estilo inovador da jovem escritora e a sua obra de profunda reflexão sobre a vida.

Depois do seu casamento, Clarice Lispector viajou pela Europa para acompanhar o marido no seu trabalho nas embaixadas. A primeira etapa foi a Itália, profundamente marcada pela Segunda Guerra Mundial. Na Itália conheceu o poeta Giuseppe Ungaretti e escreveu o seu segundo romance, *O Lustre*, publicado em 1946. Depois de alguns anos mudou-se para a Suíça, em Berna, cidade que considerava a tumba das emoções. Em Berna nasceu o primeiro filho do casal Gurgel Valente, Pedro, e a autora escreveu o seu terceiro romance, *A cidade sitiada*, publicado em 1949, que ela considerava o seu livro mais difícil.

Depois de quase nove anos na Europa, em 1952, mudou-se com o marido e o filho para os Estados Unidos. Em Washington nasceu o seu segundo filho, Paulo, e escreveu o seu quarto romance: *A maçã no escuro*, um romance sobre a necessidade de comunicar-se e o caminho difícil de representação por meio da prática da escrita.

. Graças à insistência do filho Pedro que queria que a sua mãe escrevesse também histórias para ele, Clarice Lispector inventou contos para crianças que anos depois publicaria na coletânea intitulada: *O mistério do coelho pensante* (1967).

Clarice Lispector detestava as questões diplomáticas e sofria longe do Brasil, portanto em 1959 o casal Gurgel Valente separou-se e a escritora voltou para o Rio de Janeiro com os dois filhos. Quando voltou para o Brasil, recomeçou a trabalhar como jornalista para garantir a subsistência da sua família e publicou nas revistas *Senhor*, *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*. Além disso, desde quando voltou para o Brasil, Clarice Lispector começou a existir como escritora e não só como nome. Havia muita curiosidade sobre ela e no novo clima artístico brasileiro era acolhida como uma das melhores escritoras.

Em 1960 publicou a sua primeira coletânea de contos, *Laços de Família*, em que se fundem o universo da loucura e da extravagância e o universo da normalidade e da vida familiar. Em 1967 finalmente Clarice Lispector conseguiu publicar o romance que escrevera nos Estados Unidos, *A maçã no escuro*, ou seja, o único romance que considerava bem estruturado e em que o protagonista é um homem, que se alheia da linguagem dos outros e tem de procurar dentro de si a sua própria linguagem para poder expressar-se.

Em 1963 confirmou-se oficialmente a separação do casal Gurgel Valente, que provocou em Clarice Lispector uma grande dor, a maior da sua vida. No mesmo ano publicou *A paixão segundo G.H.*, cuja protagonista tem um nome desconhecido e representa a questão de nomear o mundo e do percurso experimentado nessa procura do nome ou da própria identidade.

Nos anos 60 a produção da escritora foi intensa e a sua obra ia obtendo cada vez mais divulgação. Em 1967 Clarice sofreu um acidente, devido a um incêndio no seu apartamento, que causou danos e deixou marcas no seu corpo: por causa das numerosas cicatrizes e da mão deformada, a sua beleza ficou afetada e entrou em depressão. Em 1967 começou a trabalhar para o *Jornal do Brasil*, onde escrevia crônicas sobre a sua infância, sua vida de dona de casa, mãe e escritora e era muito amada pelo público. Em 1969 publicou o romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, que narra como se constrói uma relação entre duas pessoas envolvidas num jogo amoroso, em que os personagens completam-se e ao mesmo tempo contrariam-se.

Em 1973 publicou *Água Viva*, um livro sem história nem trama. A obra tem um subtil substrato de enredo, dado por uma mulher-pintora que escreve a outro personagem, que amou e provavelmente ainda ama. Quando publicou esse romance Clarice Lispector já não tinha o equilíbrio emocional para estruturar os manuscritos para a publicação e Olga Borelli ajudou-a muito nesse aspeto. A partir desse momento Clarice Lispector estava tão cansada que começou a precisar de isolar-se, mas a sua criatividade era tão inquieta que começou a pintar. Nesses anos a autora era muito solicitada e tinha uma quantidade enorme de compromissos e eventos em que participar.

Em 1977 publicou o seu último romance: *A hora da estrela*, que é um diálogo difícil, mas necessário, com o outro. O leitor, perante a personagem de Macabéa, tem uma reação contraditória: num primeiro momento ri, mas logo depois se arrepende. A personagem tem um impulso de esperança consumido pelo sistema. Nesse romance a autora aproxima-se das questões sociais: num Brasil em que o intelectual é o porta-voz das injustiças, portanto, porque é que uma escritora como Clarice Lispector não se faz cargo dessa denúncia? Surge perante essa questão um forte desânimo, como as palavras da própria autora revelam:

Não sei mais escrever, perdi o jeito. Mas já vi muita coisa no mundo. Uma delas, e não das menos dolorosas, é ter visto bocas se abrirem para dizer ou talvez apenas balbuciar, e simplesmente não conseguirem. Então eu queria às vezes dizer o que elas não puderam falar. (Lispector em Finazzi Agrò: 2013, p. 101)

Como afirmou numa entrevista de 1977 para o programa Panorama da TV Cultura, escrever parecia-lhe não servir para nada e ela escrevia sem a esperança que a sua escrita pudesse mudar alguma coisa.

Contemporaneamente a *A hora da estrela* escreveu outro romance que não conseguiu publicar: *Um sopro de vida – pulsações*. No fim da sua vida Clarice Lispector ainda estava ligada aos encantos de quando era menina, ainda à procura das palavras que podem significar a salvação. Ela não conseguiu salvar a sua mãe, mas ainda esperava poder salvar alguém. Esse último livro é um diálogo com a vida e na hora da sua morte criou uma última ficção por meio do sonho de Ângela: apesar da morte do artista, morreu apenas no palco como personagem, fingidamente (Lispector: 2012, p. 137).

Morreu no dia 9 de dezembro de 1977, na véspera do seu aniversário, como se o acaso tivesse determinado que a sua vida fosse o reflexo da sua obra: um infinito círculo que nunca se fecha.

I.2. O sopro que infunde vida: escrever como dar à luz

Quando Clarice Lispector tinha sete anos já gostava de inventar histórias, como refere a amiga Olga Borelli. Começou quando era criança e nunca parou. Tudo o que queria era penetrar nas entranhas da língua, à procura do significado profundo das palavras e da fonte primária de que brotavam os sentimentos, as sensações e as intuições, mergulhados no fluir da vida.

A surpresa perante o mistério da vida e a estupefação perante um mundo impossível de narrar eram o produto de uma observação aguda, uma atitude interrogativa e dubitativa que para ela era tão natural. A sua escrita é uma constante reflexão sobre o que se sente e a melhor maneira para dizê-lo, e, mergulhada nessa espécie de perpétua análise, interroga-se sobre o mundo ao seu redor e sobre a verdadeira identidade das coisas. Graças a esta sua predisposição natural, através do seu olhar filtra a realidade com o fim de produzir uma linguagem que está além da linguagem, capaz de captar os mínimos movimentos do coração humano. Clarice Lispector é o tipo de escritora que interiorizou o escrever como destino absoluto (Borelli: 1981, pp. 67-70).

Clarice Lispector, com a sua escrita, representa uma mudança no panorama da literatura brasileira, sobretudo porque a sua ficção é focada no que pertence ao domínio da expressão, dos sentimentos, das sensações conscientes e inconscientes. O objetivo da sua procura é falar sobre a vida, sobre a linguagem e a criação, inscrevendo a matéria vivente, a maneira de pensar a palavra e a experiência do mundo no seu movimento pulsante e gritante. A autora que dizer a “coisa em si”, falar do que da coisa não se pode atingir, da sua seiva secreta.

Em 1943 publica o seu primeiro livro, *Perto do coração selvagem*, que é também a primeira tentativa de um autor brasileiro de penetrar na complexidade psicológica da alma moderna. Clarice Lispector abandona os assuntos regionalistas para dedicar-se a temas mais universais, tanto que o crítico literário Antônio Cândido escreve que “este romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério” (Cândido: 1977, p. 127). A descoberta do quotidiano é algo que é sempre possível e o seu milagre sempre abre novos caminhos a novos mundos. Com a graça do seu espírito indisciplinado, um olhar capaz de tocar profundamente o interior das pessoas e de desmascarar o aspeto

convencional da vida, procura chegar à origem do instinto vital. Já a partir desta primeira obra a autora empreende um caminho em que a língua se transforma numa barreira que se coloca nas antípodas da comunicação. As palavras transformam-se em reflexos enganadores: quando tentamos exprimir-nos através das palavras, elas aludem sempre a algo mais e transformam o pensamento que no momento em que é enunciado ganha novas matizes e torna-se uma imagem provisória do ser:

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que digo. (Lispector: 1980, p. 11)

Eis que, através da voz de Joana, a protagonista de *Perto do coração selvagem*, Clarice Lispector reassume o poder e o fracasso das palavras, ou seja, por um lado a palavra como única possibilidade de aparente comunicação e, por outro lado, o fracasso da palavra que não pode dizer completamente as coisas como são, por causa do seu limite. Joana sabe bem o que é, e essa impressão é alojada dentro dela, mas não sabe como a dizer. Ela sente as coisas, mas sem possuí-las. A linguagem nunca alcança representar as sensações, as emoções e os sentimentos das personagens que têm algo que dizer, mas não sabem como explicá-lo, têm de encontrar aquela palavra “nunca”, que não é nem masculina, nem feminina e que no livro *Água Viva* será chamada “it”.

Nos livros da autora a atenção não é focalizada na sucessão dos acontecimentos, mas nas repercussões que eles provocam no indivíduo. O desassossego, o desejo de ser, o fluxo de pensamentos, o poder do olhar, a disgregação do ser, a sombra do silêncio, o impulso ao dizer expressivo, são os temas marcadamente existenciais sobre os que reflexiona a obra de Clarice Lispector (Nunes: 1989, p. 133). Não são narrados os acontecimentos, mas o seu reflexo, que se transforma numa avalanche de sensações e emoções, que correm num contínuo fluxo que plasma a realidade através das palavras, palavras pronunciadas num estado meio acordado, em que a nossa mente fala uma língua estranha, uma mistura de luz e trevas. São palavras como sonhos e quando se tenta lembrá-las estando acordados não se consegue estabelecer o sentido daquelas palavras e a sua combinação. Trata-se de uma linguagem sonâmbula, em que a palavra mergulha

num fluxo ao que o leitor tem de se abandonar, num vórtice hipnótico de repetições, síncopas, variações, neologismos e trampas.

A atitude de questionamento da vida, própria de Clarice Lispector, leva-a a escrever por meio de rajadas de questões seguidas pela ausência de respostas. Através das questões colocadas pelas suas personagens, a autora visa aprofundar a sua reflexão sobre a linguagem. As questões são parte integrante dos monólogos das personagens que dialogam com o outro ou consigo mesmas como perante um espelho, para despir-se e tocar com as palavras a veia pulsante que dá ritmo à vida. Clarice Lispector utiliza o monólogo interior como discurso indireto livre, representando uma imersão no fluxo de consciência dos personagens para conhecer os seus pensamentos e os seus sentimentos relacionados com o seu desejo de viver, de analisar a consciência da vida e participar no processo de escrita do narrador. O monólogo construído através das palavras é capaz de criar um mundo, que, contudo, é incomunicável por causa dos limites da linguagem. Só através da abertura para o outro conseguem encontrar uma maneira para comunicar-se: as personagens de Clarice Lispector partem de um “eu” para chegar a um “tu” e estabelecem com esse outro uma relação dialógica. No confronto com essa alteridade podem por fim descobrir qual é a sua própria identidade: na medida em que se olham no espelho eles descobrem-se e criam-se.

A possibilidade do imprevisto reconhecimento de si, a revelação de realidades ocultas do quotidiano, dá-se por meio de um processo de “epifania” – ou “estado de graça” – em que o “eu” se comunica com o mundo, numa espécie de contemplação em que se revela algo que tem um conteúdo que a razão e a linguagem não poderiam atingir só com as suas forças (Agamben: 2005, p. 25). É através dessa revelação que os personagens se dão conta da insuficiência da linguagem para explicar o indizível. Depois desse instante revelador as personagens têm de voltar a si mesmas no mundo real, como se tivessem sido acordados violentamente, criando uma rutura com o tempo e a realidade. O estado de graça é algo que não acontece com frequência, que revela uma verdade à personagem, subvertendo-a completamente e relançando-a no mundo real com esse novo conhecimento que não pode explicar:

Mas agora quero ver se consigo prender o que me aconteceu usando palavras. Ao usá-las estarei destruindo um pouco o que senti. (Lispector: 1988, p. 40)

Nesse trecho de *Água Viva* o “eu” que fala procura as palavras para poder comunicar a sua experiência ao “tu” para quem está a escrever, mas não pode porque, utilizando as palavras, poderia “destruir” o que sentiu. Faltam as palavras para dizer o que não se pode dizer, mas recusa-se a colmatar essa falta com novas palavras porque aquelas que já existem deveriam ser suficientes. Se algo fica não dito, então esse algo é o proibido que só se pode adivinhar: “Atrás do pensamento não há palavras: é-se” (Lispector: 1988, p. 43). Tudo o que não se pode exprimir com as palavras está atrás ou antes do pensamento; antes da escrita (pensamento com palavras) existe o pré-pensamento, ou seja uma visão instantânea, uma rapidíssima ideia irracional. Às vezes a sensação do pré-pensamento é uma agonia: uma espécie de criação que se debate nas trevas e se liberta só depois de ter pensado com as palavras (Lispector: 2012, p. 16).

O que Clarice Lispector designava como inspiração era o trabalho do inconsciente, a elaboração da língua até satisfazer a ânsia de exprimir as infinitas facetas das sensações da vida. A inspiração era algo que acontecia de repente: passava dias sem escrever nada e depois de repente começava sem conseguir parar. Com a escrita Clarice Lispector adentrava-se nos meandros da mente humana, dando à luz novas criaturas, cujas palavras utilizava para tirar a superfície da realidade e mostrando, sem timor ou pudor, a veia pulsante que dá vida.

A pulsação e a possibilidade de criação por meio da palavra são a temática principal de *Um sopro de vida – pulsações* (1978), obra que encerra o caminho empreendido com *Perto do coração selvagem* (1943) pela autora para a seiva secreta da palavra, à procura de outro nível de sentido, que lhe pertencia tão pouco quanto aquilo que existe no além. O sentido revela-se através da respiração e não por palavras. “É um sopro” (Borelli: 1981, p. 79).

I.3.1 Inventar um personagem é criar um novo mundo ao espelho

Um sopro de vida – pulsações é uma obra póstuma de Clarice Lispector, publicada em 1978 depois que os vários manuscritos esparsos que a compunham foram reunidos por

Olga Borelli, amiga da autora que viveu com ela por oito anos e participou no seu processo de criação, anotando pensamentos e partilhando momentos de inspiração.

O romance foi escrito entre 1974 e 1977, paralelamente a *A hora da estrela*, sua última obra publicada. O romance nasceu de um impulso doloroso que Clarice Lispector não conseguia conter e pode-se observar que há uma certa coerência em relação ao momento da vida de Clarice: a sombra da morte iminente e o afã de infundir vida. A morte da autora antes da publicação da obra faz pensar que o livro estará de qualquer maneira incompleto e que as reticências no fim aludem à possibilidade de uma continuação eterna da sua obra, que fica inacabada, infinitamente, como a história que começou quando era criança: não tinha que parar nunca (Gotlib: 1985, pp. 75-77).

O livro apresenta-se como um texto quase teatral, um diálogo desconexo entre duas personagens: um Autor, que se mantém anónimo, e Ângela, nascida pela necessidade do Autor de projetar-se e comunicar-se numa personagem inventada por ele. O vago enredo é a criação consecutiva de personagens que precisam um do outro, e divide-se em quatro partes: uma introdução do Autor sobre a escrita e o ato de escrever, onde a única voz que fala é a sua, “O sonho acordado é que é a realidade”, “Como tornar tudo um sonho acordado?” e “Livro de Ângela”. Os títulos estão relacionados ao sonho, à visão da realidade através do sonho como se a vida fosse um sonho acordado. O livro começa com um grito, um grito que emerge do silêncio da página branca, o grito de uma voz que quer fluir nas palavras escritas como que para salvar a vida de alguém, provavelmente a sua própria vida. É a voz do Autor que emerge e tenta explicar o que quer escrever e em que consiste o ato de escrever. Para poder projetar-se fora de si precisa de inventar uma personagem: Ângela Pralini, escritora também, que é contraposta e complementar a ele:

Tive um sonho nítido inexplicável: sonhei que brincava com o meu reflexo. Mas meu reflexo não estava no espelho, mas refletia uma outra pessoa que não era eu. Por causa desse sonho é que inventei Ângela como meu reflexo? (Lispector: 2012, p. 23)

Ângela, cuja voz é estranha e trémula, vai adquirindo cada vez mais independência da voz do Autor até chegar a escrever o seu próprio livro, que corresponde à última parte, intitulada “Livro de Ângela”: uma análise e uma reflexão sobre a verdadeira essência das coisas e sobre a sua aura. A partir de objetos do quotidiano aparentemente banais,

passando pelas máquinas e chegando às joias, Ângela tenta descrever quais são as suas impressões e sensações perante eles, numa combinação inesperada de palavras para dizer como é que é “a coisa” na sua essência primordial.

A escrita ou a leitura do livro ocorrem no mesmo momento em que acontecem os factos. O leitor pode acompanhar o desenvolvimento dos eventos, como o Autor transcreve em palavra o seu fluxo de consciência. O Autor apresenta Ângela através de uma espécie de *zoom*, como uma câmara que à medida se aproxima da personagem e a enquadra:

E eis que de repente entro no pleno meio de uma festa. Estou alvoroçado e apreensivo: não é fácil lidar com Ângela, a mulher que inventei porque precisava de um fac-simile de diálogo. [...] Criar um ser que me contraponha é dentro do silêncio. Clarineta em espiral. Violoncelo escuro. Mas consigo ver, embora bem e mal, Ângela de pé junto a mim. Ei-la que se aproxima um pouco mais. Depois senta-se ao meu lado, debruça o rosto entre as mãos e chora por ter sido criada. (Lispector: 2012, p. 24)

Ao ler este trecho, o olhar do leitor e o do Autor coincidem, aproximando-se de Ângela passo a passo. Ângela parece espavorida, debruça o rosto entre as mãos e chora por ter sido criada, como os recém-nascidos, que logo depois do parto, para fazer o primeiro fôlego choram e permitem assim a passagem de oxigénio. No fim do livro, ao contrário a câmara afasta-se e alheia-se de Ângela até ela desaparecer. Na última página o texto parece escrito como um guião, como se houvesse outro autor externo – Clarice Lispector, que intervém para indicar à sua personagem Autor o que tem de dizer: “Quando o olhar dele vai se distanciando de Ângela e ela fica pequena e desaparece, então o Autor diz:”; no momento em que Ângela desaparece para ir para a terra “onde se revive”, o Autor declara recuar a objetiva da sua câmara até que a perde de vista, e é nesse momento que também as suas palavras se tornam cada vez mais raras, e se esgotam em reticências, que conferem à obra a possibilidade do infinito.

Um sopro de vida possui um esquema triádico de composição: há um autor interposto entre a sua criadora, Clarice Lispector, e a sua criatura, Ângela Pralini. A autora torna-se personagem das suas personagens num movimento circular: autora e leitora do

seu próprio livro, nele se recapitula, escrevendo o epitáfio de onde começa e termina o livro (Nunes: 1989, pp. 170-171):

Já li este livro até o fim e acrescento alguma notícia neste começo. Quer dizer que o fim, que não deve ser lido antes, se emenda num círculo ao começo, cobra que engole seu próprio rabo. (Lispector: 2012, p. 18)

A presença de Clarice Lispector pode-se entrever em várias partes do livro, seja nas palavras de Ângela, seja nas do Autor, que às vezes percebem que há algo que os move e que não podem controlar. Apesar de querer que Ângela seja livre de exprimir-se, o Autor dá-se conta que na verdade é ele que tem o poder de decidir sobre a vida de Ângela e isso o perturba: é como um jogo de titereiros com os seus títeres. Muitas vezes o Autor pergunta-se se Ângela tem consciência de que é uma personagem, porque ele, de vez em quando, sente que é a personagem de alguém.

No começo do livro a voz que fala declara abertamente: “Eu que apareço neste livro não sou eu. Não é autobiográfico, vocês não sabem nada de mim. Nunca te disse e nunca te direi quem sou.” (Lispector: 2012, p. 18) Apesar das várias referências à vida e à obra de Clarice Lispector, a voz que fala pretende criar uma sensação de mistério e confusão ao redor da sua identidade, que se mantém obscura até ao fim do livro, porque tanto o Autor como Ângela têm traços comuns com a autora. Em primeiro lugar, o Autor propõe uma descrição de Ângela e apresenta-a como uma mulher que se parece muito com Clarice Lispector, não só fisicamente, mas também por alguns aspetos peculiares da sua vida: Ângela é uma jornalista que escreve crónicas para um jornal, mas não está satisfeita porque acha que isso não é literatura. Além de escritora, Ângela também é pintora, gosta das grutas e inventou uma nova maneira de pintar: seguindo as nervuras da madeira¹. Utilizando as palavras como pinceladas, Clarice Lispector consegue produzir, através da sua escrita, efeitos mais ou menos visíveis de luz e sombra.

¹ Nos últimos anos da sua vida, Clarice Lispector encontrou na pintura uma nova maneira para exprimir-se, como ato de rebelião ao vazio de palavras que sentia dentro de si. A partir do livro *Água Viva*, a autora utiliza muitas referências à pintura na sua obra, gostava muito de pintar grutas “sempre sonhadoras com suas nevoas, lembrança ou saudade? Espantosa, espantosa, esotérica esverdeada pelo limo do tempo” e de pintar sobre painéis de madeira, porque as suas nervuras eram como o negativo de uma fotografia: seguindo os seus movimentos a autora podia atingir a verdadeira imagem que estava escondida (Lispector: 1998, p. 43).

Em segundo lugar Ângela e o Autor referem-se às obras de Clarice Lispector como se tivessem sido escritas por eles:

Ângela. – [...] O objeto – a coisa – sempre me fascinou e de algum modo me destruiu. No meu livro *A cidade sitiada* eu falo indiretamente no mistério da coisa. Coisa é bicho especializado e imobilizado. Há anos também descrevi um guarda-roupa. Depois veio a descrição de um imemorável relógio chamado Sveglia: relógio eletrônico que me assombrou e assombraria qualquer pessoa viva no mundo. Depois veio a voz do telefone. No «Ovo e a Galinha» falo no guindaste. (Lispector: 2012, p. 92)

Neste trecho há várias referências à obra de Clarice Lispector: o primeiro é sobre o terceiro romance da autora, publicado em 1949, *A cidade sitiada*, o segundo diz respeito ao guarda-roupa de *A paixão segundo G.H.*, e os outros estão relacionados com os contos *Sveglia* e *O ovo e a galinha*. Outra referência a um romance anterior de Clarice Lispector é dada pelo Autor no momento em que explica como sair do silêncio através da palavra: “não é um grito triste, não. Eu já falei isso no meu livro chamando esse grito «it»”. O livro em que Clarice Lispector fala do “it” é *Água Viva*, publicado em 1973.

Além disso, *Um sopro de vida* reflete perfeitamente a vicissitude existencial da autora perante a sua morte próxima, a sua ânsia de dar à luz algo que nunca termina. As ficções que deseja produzir são o lado irreal da realidade, mas não completamente o seu exato oposto. Essa necessidade de deixar a sua voz fluir através das bocas dos seus personagens, que para existir precisam uns dos outros, termina com o desaparecimento das duas mulheres nos extremos: por um lado Ângela Pralini, que se alheia lentamente do olhar do Autor até desaparecer, por outro lado a morte real de Clarice Lispector, que escreveu até ao dia antes de morrer.²

A interdependência dos personagens é dada pela necessidade um do outro para poder-se comunicar, criar o outro para transformar o monólogo num aparente diálogo, um diálogo “entre surdos” em que um diz uma coisa ao outro e quando o outro responde, está a falar de uma coisa diferente. Cada um segue o seu próprio fio do discurso sem

² Olga Borelli conta que o dia antes de morrer Clarice Lispector perdeu muito sangue e empalideceu. Tentou deixar o seu quarto, mas uma enfermeira a deteve e ela gritou “você matou meu personagem” (Gotlib: 1985, p. 484).

nunca ouvir verdadeiramente o outro, conduzindo dois monólogos alternados que nunca conseguem confluir num diálogo:

AUTOR. – Isto afinal é um diálogo ou um duplo diário? [...] Ângela é minha tentativa de ser dois. Infelizmente, porém, nós, por força das circunstâncias, nos parecemos e ela também escreve porque só conheço alguma coisa do ato de escrever. (Lispector: 2012, p. 31)

O Autor escreve um livro e Ângela outro; os dois são parecidos porque Ângela é uma parte do Autor, saiu das trevas do seu mundo interior, para ser ao mesmo tempo duas pessoas, complementares e contrapostas, e uma só. Ângela é a alteridade que permite ao Autor reconhecer sua identidade. A ideia do outro surge a partir do reflexo da própria imagem e do reflexo da imagem do outro, que leva a um regresso à realidade do que é refletido, como Narciso que não se apaixonou por si mesmo, mas pela sua imagem refletida no espelho d'água, que julgou um ser real: “estou apaixonado por um personagem que inventei: Ângela Pralini” (Lispector: 2012, p. 111)

Na parte intitulada “Livro de Ângela” a voz da personagem faz-se mais intensa e o seu discurso transforma-se num fluxo de consciência. Ângela, ao ganhar mais espaço, abandona-se às suas reflexões sobre a vida, sobre os objetos, estudando a aura dos mesmos. Ela fala do que não se pode ver só através do olhar, mas que é intangível, oculto, misterioso e secreto. Através do seu olhar oblíquo tenta penetrar no que não se pode ver, escrever o que não se pode escrever, procurando captar com as palavras o inexprimível. Trata-se de construir um espaço em que a palavra consegue inscrever-se e descrever o movimento pulsante e gritante da vida.

A escrita, como se mencionou, desenvolve-se simultaneamente aos factos, como se houvesse uma tentativa por parte de quem escreve de capturar o “instante-já”, que foge continuamente, e projetá-lo para o infinito no momento da leitura. O Autor tenta alargar o seu tempo com a criação de Ângela, mas ele é inexorável e nunca para. A narração oscila entre o tempo cronológico e o atemporal em que tudo simplesmente é, foi e sempre será. Pelo que diz respeito ao tempo cronológico, há várias referências nos diálogos ao momento do dia em que se fala, como por exemplo “Faz um dia muito bonito” (Lispector: 2012, p. 79) ou “essa noite não dormi com minha mulher” (Lispector: 2012, p. 36). O momento mais enunciado é a madrugada, aludindo-se a uma linguagem sonâmbula,

àquela sensação de quem, acabado de acordar, terminou de sonhar e ainda está mergulhado na atmosfera do sonho. É o momento em que o inconsciente sugere palavras que não pertencem nem à vigília nem ao sono.

Tudo se passa num sonho de acordado: a vida real é um sonho. Eu não preciso me «entender». Que vagamente eu me sinta, já me basta. Quando eu penso sem nenhum pensamento – a isto chamo de meditação. (Lispector: 2012, p. 63)

O contínuo amanhecer é uma continuidade da vida sobre a morte, que sobrevoa todo o texto como uma sombra escura. A morte representa a finitude da vida, o destino inevitável do homem, a eternidade e o instante. De facto, Ângela escreve que a morte será o seu maior acontecimento individual, é um instante e acontece só uma vez. O coração para e é a mais ínfima fração de segundo. Clarice Lispector põe nas palavras de Ângela e do Autor a sua angústia perante a morte, o seu medo do desconhecido, do que a ultrapassa, do que sempre foi e nunca mais será. E exprime também o seu rancor para com as pessoas vivas, que não se dão conta do fluir da própria vida, do tempo que corre sem nunca regressar, e empregam o tempo nas coisas banais de cada dia. Perante a consciência de que o mundo continuará a existir mesmo depois que a sua existência tiver terminado, a sensação de que o mundo começou no exato momento em que ela começou a pensar e a ter uma consciência e que vai parar com ela abre as portas da eternidade que, em contraposição ao instante-já, é considerada como um agora permanente:

Eu tenho um problema, é o seguinte: quanto tempo duram as coisas? Se eu deixar uma folha de papel num quarto fechado ela atinge a eternidade? Tem uma hora em que as coisas não acabam nunca mais. Sua aura é petrífica. Se bem cuidado, um pedaço de papel não acaba nunca. Ou se transforma. (Lispector: 2012, p. 95)

O desassossego perante a eternidade das coisas é o que leva Ângela a reflexionar sobre os objetos e sobre a fragilidade do “eu” que na morte encontra o seu ponto final. A morte funciona como ato contraposto à criação: no começo do livro a voz do narrador diz: “vivam os mortos, porque neles vivemos”, o que é uma alusão à ressurreição e à vida eterna. Ângela compreende o tempo da eternidade por meio de um sonho dentro de um sonho, em que alguns artistas trabalhavam num palco e de repente foram mortos; depois

os artistas levantaram-se do chão e disseram-lhe: “na verdade nunca morreremos quando acontece a morte. Só morreremos como artistas. Isso seria a eternidade?”. Portanto, a sua obra tão-pouco chega ao ponto final, mas prolonga-se nas reticências.

A eternidade é também o tempo de Deus, que às vezes parece estar perto da condição dos homens e outras vezes resulta inatingível, como alguém que é distante demais do ser humano. Deus cria o homem e ao mesmo tempo é criado por ele como esperança de salvação. Deus e o homem precisam um do outro para a sua própria existência, Deus precisa das rezas dos homens e o homem precisa de Deus para ser perdoado.

Deus emerge do silêncio, do que não pode ser nominado pelas palavras do homem. Vale a pena evidenciar que na tradição judaica é severamente proibido representar ou mencionar o nome de Deus, que só se encontra escrito na Bíblia hebraica através do tetragrama que transliterado corresponde às consoantes YHWH (ou JHWH), mas cuja ausência das vogais torna incerta a pronúncia. Na tradição judaica o significado do tetragrama é “eu sou o que sou” ou “eu sou aquele que é” e é o próprio sentido que Clarice Lispector e os seus personagens procuram através da escrita, ou seja, libertar-se de todas as coisas do mundo real, ficar despídos na própria essência e simplesmente ser um “eu”.

Através da nomeação, atribuem-se determinadas características às coisas e, portanto, mascara-se a sua verdadeira essência. O mesmo acontece ao homem que para atingir a sua seiva vital tem de se despir de tudo o que possui e conduzir uma vida de monge que é a única via para alcançar o núcleo em que se origina o “eu”.

O romance inteiro tem um tom de reza, é um livro que fala baixo, que sussurra e transforma cada palavra num sopro. Nele há várias alusões às frases utilizadas nos rituais religiosos, como “que a paz esteja entre nós, entre vós e entre mim” ou “que Deus vos abençoe” que culminam numa prece final de Ângela:

\

Meus Deus, me dê a coragem de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites, todos vazios da Tua presença. Me dê a coragem de considerar esse vazio como uma plenitude. Faça com que eu seja Tua amante humilde, entrelaçada entre Ti em êxtase. [...] Faça com que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim como se estivesse plena de tudo. Receba em Teus braços o meu pecado de pensar. (Lispector: 2012, p. 13)

Mas quem é o Deus a quem Ângela dirige a sua oração? Deus criou o homem e o Autor criou Ângela: será que é o Autor o Deus de Ângela? E se o Autor é o Deus de Ângela, será que Clarice Lispector é o Deus do Autor? Essa concatenação de criadores e criaturas, pode-se resumir num círculo fechado: Deus criou Clarice Lispector, que criou o Autor, que criou Ângela, que criou Deus. Deus é o criador, quem sopra nas narinas do homem para dar-lhe vida, é o responsável da existência de outro ser. O ato de criação de Ângela pelo Autor não é completamente divino, mas literário também. A existência da sua personagem permite ao Autor reconhecer-se como identidade e instaurar um diálogo que é vital, exatamente como Deus criou o homem porque precisava de uma alteridade. Como Deus precisou de Adão e Adão de Eva, o Autor precisa de Ângela para compreender a falta de definição da vida (Gevarson Defilippo: 2015, p. 4). O livro abre-se com uma citação do Génesis, do momento em que Deus, depois de ter criado a natureza, da terra criou o homem e soprando nas suas narinas infunde-lhe a vida. O texto refere-se constantemente à criação seja como nascimento biológico, a partir da união entre homem e mulher, até ao parto, seja como nascimento de um novo ser humano ou personagem por meio do sopro de vida. E cada novo homem ou personagem é também a criação de um novo mundo.

O ato da criação pressupõe uma ruptura. No seu livro, *Ângela*, introduz o papel do homem e da mulher dentro da criação como seres sensuais (Ferrero Cárdenas: 2017, p. 295). Mistura-se, portanto, a criação literária com o milagre da vida humana, terrena, cósmica e divina. Ângela põe no centro da criação a mulher e a mãe. O nascimento implica também dor e sangue. O parto é utilizado como metáfora para descrever a palavra que vem à luz, que sai das trevas para poder dizer e tudo o que consegue dizer é “ah”. “Ah” é o sopro que produz a palavra, é a origem primeira da criação, é o eco do orgasmo, é um som que se produz simplesmente abrindo a boca, “é uma questão de fôlego vital” (Lispector: 2012, p. 123).

I.3.2 O silêncio pulsante que move as palavras: dizer o indizível

Um sopro de vida começa com um grito que irrompe do silêncio, com a necessidade de salvar a vida de alguém, como se através da palavra houvesse uma possibilidade de vida.

A voz que fala procura salvar a própria vida através das palavras, como Clarice Lispector quando era criança tentou salvar a mãe inventando histórias, porque achava que brincar com as palavras teria efeitos milagrosos. O livro é, portanto, uma reflexão sobre a escrita, sobre a linguagem e os seus limites, perante a representação de emoções, sensações e do próprio ato de escrita.

Aproximando-se desses limites da linguagem, Clarice Lispector percebe o indizível, algo que fica não dito na tentativa de representar a realidade do mundo por meio das palavras. Há sempre algo que sobra, algo que não é expresso e que fica envolto na sombra do silêncio.

Tenho pensamentos que não posso traduzir em palavras – às vezes penso um triângulo. Mas quando procuro pensar e fico preocupado com procurar pensar e nada surge. Às vezes meu pensamento é apenas o sussurro de minhas folhas e falhos. Mas para o meu melhor pensamento não são encontradas as palavras. (Lispector: 2012, p. 70)

O silêncio é algo que poderia ser dito, mas que no momento em que é dito deixa de ser silêncio. Ele elabora-se à sombra da palavra, identifica-se com o desconhecido, com algo que vai além do que enuncia. O silêncio é a sombra projetada do que existe, é algo que foge e que inscreve uma ausência. Clarice Lispector em várias ocasiões convida o leitor a ir além das palavras escritas na página branca, a ler nas entrelinhas; o que diz nunca é simplesmente o que diz, mas algo mais, e a escrita flutua na superfície de uma brilhante escuridão (Lispector: 1998, p. 43). As palavras que utiliza escondem outras, as verdadeiras, que não podem ser nominadas, mas às quais só se pode aludir.

A impossibilidade de dizer tudo é o que move a escrita de Clarice Lispector, a necessidade de chegar à coisa, ou seja, aquele ponto da experiência que não encontra palavras. A autora manipula a língua para levá-la a contornos imprevisíveis. Na sua obra Clarice Lispector adianta-se até aos limites entre o silêncio e a palavra, procurando captar o “it” – neutro, opaco, ignoto – por meio da palavra, que é o único meio que o homem possui para a sua procura. O silêncio é o que move a sua narrativa e é também o destino da palavra. O texto visa alcançar o grau zero da escrita, no sentido que é uma profunda reflexão sobre a linguagem e pretende alcançar o horizonte da não palavra, que se alheia à medida de que a autora se aproxima dela.

Há um constante debate entre o silêncio e a palavra, até tocar a questão dos seus limites na sua incompreensão do ser:

Quase não sei o que sinto, se na verdade sinto. O que não existe passa a existir ao receber um nome. Eu escrevo para fazer existir e para existir-me. Desde criança procuro o sopro da palavra que da vida aos sussurros. (Lispector: 2012, p. 84)

A questão da nomeação é um assunto muito importante, porque ressalta os limites da linguagem como possibilidade de comunicação. A linguagem descompõe e esconde o que leva à luz da coisa, criando um desequilíbrio entre a coisa e a palavra utilizada para designá-la no momento da enunciação e é esse não-dito, ou o lado escuro da palavra, que permite a pluralidade de significados. Dar um nome às coisas é significar um contorno à sua aura, evidenciando alguns aspetos e ocultando outros. A escrita de Clarice Lispector consiste em gravar a linguagem até encontrar a palavra perfeita capaz de mostrar a verdadeira essência da coisa, a linguagem pretende ser uma possibilidade através da escrita de alcançar um novo espaço em que é possível a criação de algo de irrepresentável. As coisas existem no momento em que são nomeadas, e nomeá-las é dar-lhe uma identidade: tudo existe em abstrato, mas concretiza-se na palavra. A palavra é o que permite ao ser humano ordenar o seu mundo e tem de encontrar uma palavra capaz de dizer mais do que a palavra diz: escrever é capturar o que está além da linguagem.

A linguagem é o único meio que o homem tem para referir-se ao mundo, mas não é suficiente. O Autor apresenta um livro silencioso, que fala em voz baixa, que por um lado se embate com a impossibilidade de nomear o que não tem nome e por outro lado apresenta uma linguagem criadora: Ângela deve a sua existência às palavras. A escrita literária possui construções complexas, nascendo de uma língua ordenada por regras gramaticais e estruturais:

Dizer palavras sem sentido é minha grande liberdade. Pouco me importa ser entendida, quero o impacto das sílabas ofuscantes, quero o nocivo de uma palavra má. Na palavra está tudo. [...] Eu quero escrever com palavras tão agarradas umas nas outras que não haja intervalos entre elas e entre eu. (Lispector: 2012, p. 83)

A escrita de Clarice Lispector desenvolve uma reflexão sobre a linguagem tanto no campo da transgressão das regras gramaticais e de sintaxe quanto na expressão do mundo interior por meio da voz das suas personagens. A autora quer dar um novo sentido às palavras para chegar à realidade além do mundo fenomênico. O que é importante não é o sentido evidente da frase, mas o ritmo, o som produzido por meio de combinações que não têm sentido, mas que escondem um significado profundo e oculto, que não é perceptível imediatamente, mas que pode ser ouvido na sua sonoridade e no seu silêncio.

O impulso a dizer transforma-se por causa do aspeto ambíguo da palavra, que liberta e ao mesmo tempo escraviza. A autora quer libertar-se da linguagem dos outros e produzir uma escrita permeada de matizes poéticas que indicam um movimento em círculo da palavra ao silêncio e do silêncio à palavra. A figura retórica mais utilizada é a repetição, seja de palavras ou de frases, e, além da sua função rítmica, afeta a intensidade da palavra e do discurso. A repetição aumenta a carga da palavra: repetindo-a muitas vezes ela “perde” o seu significado e ganha uma nova aura evocativa. Com a repetição da frase ou da palavra toma consciência dos sentidos que ficam além dos evidentes e pode perceber o sopro da palavra, o silêncio entre as marteladas.

Por causa desta aura silenciosa, de algo que no momento em que se fala ou se escreve é calado, a comunicação nunca pode acontecer completamente. A obra de Clarice Lispector aponta para o problema da incomunicabilidade humana e o instrumento de que se serve para investiga-la é a língua portuguesa, que manipula até à criação de efeitos estranhos. As frases não são escritas na maneira de falar habitual, mas a autora, consciente disso, assegura que é o mesmo português (Moser: 2009, p. 209).

Clarice Lispector cava na língua para alcançar o significado mais íntimo das palavras e das combinações possíveis que têm um poder imenso de criação, constroem o próprio mundo e ao mesmo tempo erguem um obstáculo à liberdade de poder dizer. As personagens, perante a impossibilidade de dizer, tendem ao silêncio, que coincide com o indizível, onde faltam as palavras. Clarice Lispector serve-se da pontuação para inscrever essa ausência, fundamental para trabalhar nos espaços vazios da linguagem. O silêncio pode-se manifestar em oposição à presença das palavras e ser marcado através da pontuação, a pausa e a respiração. Ele é a percepção de um vazio que é também plenitude, a palavra flutua sobre ele e é a sua manifestação mais evidente. O silêncio não se pode traduzir em palavras, porque, no momento em que se torna palavra, já é uma

interpretação: tem de ficar no campo do indizível. Toda a obra de Clarice Lispector é uma constante tentativa de fazer emergir esse profundo silêncio, de desvelar o indizível que é a sombra da linguagem, e a sua reflexão sobre esse assunto acaba no seu último livro, *Um sopro de vida – pulsações*, que termina com reticências, como se essa procura nunca pudesse encontrar uma resposta definitiva, mas só a sua ausência, uma rampa de lançamento para o silêncio criador.

I.3. A receção da literatura brasileira e de Clarice Lispector

Em português, o termo “receção” é utilizado para indicar o ato ou o efeito de receber, de aceitar algo que é dado, de acolher; em linguística, representa um conjunto de fatores e fenómenos que ocorrem no processo de compreensão de uma mensagem. *Estética da receção* é um termo que, por seu lado, vem do alemão e tem o significado de “apropriar-se”; supõe uma ação que tem que chegar à aprovação de um determinado código ou mensagem. O conceito de “estética da receção” incorpora também o de “horizonte de expectativa”, ou seja, aquele sistema de atitudes do leitor perante uma obra literária num determinado momento histórico. Contudo, pode acontecer que a obra não seja aceite naquele momento e que seja reabilitada mais tarde porque se desenvolve um novo horizonte de expectativa que lhe permite tornar-se acessível. Os críticos literários, os tradutores e as editoras são os principais intermediários entre a obra e o leitor, e colaboram dentro de um sistema de valores dinâmicos, destinado a mudar no tempo e no espaço (Laus Pereira: 1995, pp. 109-110).

Quando um leitor, por vários motivos, não pode ter acesso à versão original de um texto, conta com a tradução como se fosse o original e é por isso que o papel do tradutor é fundamental na divulgação de uma obra numa determinada cultura. Através da tradução é possível ampliar as fronteiras do conhecimento e permitir às pessoas de outros países e culturas ler um texto escrito numa língua diferente da própria. Mas o tradutor é antes de tudo um leitor e a leitura que propõe é apenas uma das várias possibilidades de ler um texto, que reflete o seu estilo, valores e formação. Neste sentido, a prática da tradução determina de maneira significativa a divulgação das obras de um autor dentro de um contexto diferente daquele em que a obra nasceu, e define também a sua valorização. As traduções têm uma grande responsabilidade em injetar as obras dentro de outro sistema literário e as funções que desempenham podem ajudar a abrir ou fechar as portas à outra cultura.

O crítico literário brasileiro Antônio Cândido, sublinha que a literatura, entendida na maneira mais ampla possível – ou seja, como produto das criações de tipo poético, de ficção ou dramáticas a todos os níveis de uma sociedade –, é um fator indispensável de humanização. “A literatura é o sonho acordado das civilizações” (Cândido: 2011, p. 177) enquanto produz humanidade no ser humano, agindo seja ao nível do consciente seja ao

nível do subconsciente. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia e permite viver os problemas e as questões de maneira dialógica. É uma forma de expressão e manifesta uma determinada concepção do mundo de indivíduos ou grupos de indivíduos, é uma forma do conhecimento e representa um modo de organizar a matéria. Através da literatura, o homem pode dar forma aos sentimentos e ao modo de ver o mundo que tem de organizar. A organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador. Quando a sociedade se empenha num esforço real de equidade, produz-se, como consequência, um aumento da tendência à literatura e uma maior produção de obras.

No caso do Brasil, pode-se ver uma grande desigualdade que divide a sociedade: por um lado, os mais altos níveis de instrução e de cultura, por outro lado uma massa numericamente maior de pessoas que, além de não terem acesso à literatura, não têm nem os bens necessários à sobrevivência. A distinção entre cultura popular e cultura erudita, como afirma Cândido, não deve ser uma justificação para manter uma separação iníqua da sociedade e não teria que produzir esferas incomunicáveis de obras, com a consequente incomunicabilidade dos leitores.

Além das dificuldades internas no desenvolvimento de uma sociedade homogênea, reduzindo a diferença cultural entre a parte erudita da sociedade e a parte constituída pela massa preponderante de analfabetos (ou quase), o Brasil tem que enfrentar outro desafio, ou seja, exportar a sua literatura para o exterior, num contexto internacional cada vez mais condicionado pela globalização.

A literatura brasileira pertence às literaturas lusófonas, ou seja, à área da literatura em língua portuguesa, que se coloca numa posição periférica e tem um caráter excêntrico. Isso foi determinante para o Brasil a nível histórico-social. Sendo o único país de língua portuguesa na América Latina, não conseguiu fruir daquele que é chamado *boom* hispano-americano. Autores brasileiros contemporâneos de Borges, Márquez e Cortázar, como Guimarães Rosa ou Graciliano Ramos, são traduzidos para outras línguas, mas não como escritores ligados a esse *boom*. Lawrence Venuti em *Escândalos da tradução* evidencia que nos anos do *boom* hispano-americano, as editoras britânicas e norte-americanas publicaram 330 traduções do espanhol e somente 64 do português brasileiro. Além disso, o Brasil não pôde contar com Portugal como ponte literária, porque até 1974 estava mergulhado no Salazarismo.

O fator histórico que mais condicionou a difusão da literatura brasileira no exterior foi a ditadura de 1964. Com o general Castelo Branco começa o período de privação dos direitos políticos, e muitos intelectuais por causa da repressão cultural foram aprisionados ou escolheram o exílio noutros países da América Latina, na Europa ou nos Estados Unidos. Esses escritores, artistas e professores formaram a classe da inteligência brasileira que depois da “Lei de Amnistia” de 1979, levaram para a pátria um grande patrimônio de experiência e de cultura. A Europa e os Estados Unidos entraram em contato com uma cultura brasileira até aquele momento pouco conhecida: a cultura brasileira de exportação (Stegagno Picchio, 1977, p. 589). Nos anos 80 o Brasil voltou a participar ao diálogo internacional e nesse momento a produção literária e cultural brasileira começou a ganhar projeção. Os conceitos de espaço e de tempo mudaram radicalmente com o advento das novas tecnologias, as transformações no campo da comunicação e sobretudo a necessidade de adaptar-se à globalização. Esse cambio a nível internacional permitiu a descoberta e a tradução de sempre novos artistas brasileiros.

A literatura brasileira combateu muito pela sua identidade e, uma vez alcançada a independência, precisava de desenvolver sistemas de divulgação das suas obras. O Ministério da Cultura e a Fundação da Biblioteca Nacional assinaram em 2011 um acordo para financiar projetos de tradução da literatura brasileira, com o fim de promover uma reavaliação cultural a nível internacional. Além da participação em feiras e congressos internacionais, a publicação de revistas como *Machado Magazine* editada pelo Instituto Itaú Cultural, com o apoio do Itamaraty, que propõe ao público em versão digital e impressa trechos ou capítulos traduzidos para o inglês e o espanhol, são com certeza um incentivo para o comércio e a receção a nível internacional da literatura brasileira.

Numa entrevista para o Instituto Itaú Cultural, em 2008, o escritor brasileiro Milton Hatoum afirma:

O português é um idioma que atrapalha a inserção internacional de um autor? Sim. Porque é uma língua pouco conhecida, falada e estudada. Há poucos departamentos de português nas universidades norte-americanas, por exemplo.

E você acredita que esse cenário pode mudar em pouco tempo? Só se houver um investimento em uma política da língua. Uma política cultural que contemple a literatura brasileira. A Espanha tem o instituto Cervantes, que conta com uma presença muito forte no mundo todo; Portugal tem o instituto Camões... eu já

falei certa vez que o Brasil merece um Instituto Machado de Assis em algumas capitais da Europa e nos Estados Unidos, para divulgar a literatura brasileira clássica e o trabalho de autores contemporâneos. Isso já começa a ser feito em algumas cidades, algumas embaixadas já estão fazendo isso³.

I.3.1. A recepção de Clarice Lispector no Brasil

A literatura brasileira começou a afirmar a sua independência com a *Semana de Arte Moderna* em 1922, pretendendo refletir uma realidade específica através de uma consciência nacional criadora e produzindo novos efeitos linguísticos. O aspecto fundamental do modernismo era a experimentação, que depois da sua imediata explosão redundou no compromisso intelectual no campo social dos anos 30. A nova geração de artistas, a partir dos anos 30, sentia o compromisso com a sociedade e sua atitude é mais crítica do que inventiva. Emerge o significado que os termos “moderno” e “contemporâneo” têm para novas gerações; todos os intelectuais exercem uma atividade crítica ou de denúncia social e o romance torna-se radical no seu compromisso sociológico (Stegagno Picchio: 1997, pp. 473-475).

É nesse contexto histórico que em 1943 Clarice Lispector publica o seu primeiro romance *Perto do coração selvagem*, caracterizado por uma narrativa descontínua, que implica uma reflexão sobre a linguagem e os seus mecanismos de representação. Clarice Lispector apresenta-se ao público brasileiro como portadora de uma grande novidade, que por um lado foi bem-recebida pela crítica, mas por outro foi muito difícil de compreender. A jovem autora representou uma rutura com a tradição literária do seu tempo, porque abandonou os temas sociais para dedicar-se à alma humana.

A publicação do primeiro romance da autora foi uma surpresa, sobretudo para os leitores não acostumados aos temas desenvolvidos no livro e para os críticos literários da época. Um dos primeiros a escrever um comentário crítico à obra de Clarice Lispector foi António Cândido, que reconheceu imediatamente na autora um dos escritores fundamentais da literatura brasileira contemporânea. No seu artigo *No raiar de Clarice Lispector* publicado logo após do romance, escreve: “Tive um verdadeiro choque ao ler

³ HATOUM, Milton, *Tradução - Para uma política da língua*, entrevista, 12/12/2008: <http://conexoesitaucultural.org.br/entrevistas/por-uma-politica-da-lingua/> (14/02/2019).

o romance diferente que é perto do coração selvagem, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim” (Cândido: 1977, p. 127). De acordo com o crítico, a escrita da autora tem uma força mental, consegue adaptar a língua ao pensamento mais complexo ou inexprimível e torna a ficção uma forma de conhecimento e indagação sobre o mundo e os sentimentos. A escrita transforma-se num instrumento da alma e conduz pelos labirintos mais retorcidos da mente. Os vocábulos são constringidos a abandonar o seu significado corrente para satisfazer as necessidades da expressão que Clarice Lispector quer conferir a eles.

Sérgio Millet é outro crítico da época que ficou encantado com o primeiro romance da autora. Ele achava que a autora tivesse o dom de dar às palavras uma vida própria. Num do dia 11 março 1944, publicado no *Diário Crítico*, afirma: “Mas isso é excelente! Que sobriedade, que penetração, e ao mesmo tempo, apesar do estilo nu, que riqueza psicológica!” (apud Fascina: 2015, p. 96). *Perto do coração selvagem* foi um livro completamente diferente das experiências habituais do romance regionalista dos anos 30 e por esse motivo foram necessários quase vinte anos para que Clarice Lispector fosse apreciada por um público cada vez mais cativo e acostumado à sua maneira de escrever. Na entrevista de 1977 para a TV Cultura a autora afirmava que “antes ninguém me entendia e agora me entendem. Eu acho que tudo mudou, porque eu não mudei, não”⁴.

Por outro lado, *Perto do coração selvagem* não recebeu só críticas positivas, mas negativas também. O crítico Álvaro Lins afirmou que o romance era incompleto e demasiado distante do horizonte de expectativa da época. Na sua opinião, os romances não se fazem só com um personagem e com pedaços esparsos de romance, mas têm de ser lineares. Depois da publicação de outros dois livros de Clarice Lispector, *O Lustre* (1946) e *A cidade sitiada* (1949), também o crítico Millet, que num primeiro momento ficou deslumbrado com o estilo da autora, afirma que a sua escrita resulta confusa e sem objetivos certos.

Depois da publicação do primeiro livro, Clarice Lispector seguiu o marido no estrangeiro e só em 1959, quando a autora voltou para o Brasil, o seu nome começou a ser associado a uma pessoa existente e a não ser considerado um pseudónimo. Quando a autora vivia no estrangeiro nunca se preocupou com que a sua obra fosse traduzida, mas continuou a escrever romances. Quando voltou para o Rio de Janeiro foram publicados

⁴ Panorama com Clarice Lispector (entrevista): <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>

Laços de família (1960), *A maçã no escuro* (1961) e *A paixão segundo G.H.* (1964). Esses romances levaram a uma nova atitude da crítica em relação à autora e a partir desse momento foi Benedito Nunes quem maiormente se encantou com a obra da autora e publicou vários ensaios e estudos.

A coletânea *Laços de família* interrompeu o período de silêncio da escritora e com *A paixão segundo G.H.* muda o horizonte de expectativa. A preocupação existencial, a reflexão psicológica, a narrativa não linear, a utilização do fluxo de consciência tornaram-se temas muito mais apreciados e compreendidos nesse período. Além disso, o estudo de Benedito Nunes abriu novas aberturas à discussão dos temas das obras da autora. Clarice Lispector tornou-se fonte de inspiração para uma nova geração de escritores e, de facto, *A paixão segundo G.H.* marcou o ponto mais alto da carreira da autora, e é uma das experiências mais ousadas na ficção brasileira. A autora nesse período publicava as suas obras dentro de uma nova mentalidade mais acostuada às temáticas e aos seus recursos estéticos.

Em 1973 é publicado o livro *Água Viva*, que provocou no público da época o mesmo choque que trintas anos antes provocara *Perto do coração selvagem*. Este romance inaugura uma terceira fase na recepção crítica da obra de Clarice Lispector; é um livro que não tem um enredo, mas só um fluxo de pensamentos que um “eu” expõe a um “tu” que ama. Nesse momento a autora está na moda, é chamada para participar em várias conferências no Brasil, na América Latina e nos Estados Unidos também. Perante este livro a crítica teve opiniões contrastantes. Por um lado, Clarice Lispector nunca apresentava uma narrativa tranquila e linear, e por isso não satisfazia o leitor imediatamente. Por outro lado, há quem pense que o que traz prazer na leitura não é o obvio, mas o que é sugerido, e é esse imprevisto que torna o texto um espaço de fruição.

Essa terceira fase de recepção de Clarice Lispector é a mais chocante, porque um ano depois da publicação de *Água Viva* a autora surpreenderá os seus leitores outra vez com a coletânea de contos *A via crucis do corpo* (1974). O livro foi bem-recebido pela crítica feminista liderada por Wilma Arêas: Clarice Lispector estava consciente de que se estava a lançar num processo de escrita libertária que mostraria a condição mais primitiva da condição humana. Pela primeira vez na sua obra o sexo aparece de maneira direta e brutal, os tabus sexuais são enfrentados com a naturalidade de quem conhece

perfeitamente a sensibilidade feminina que não tem a possibilidade de expor os seus desejos.

Depois da morte da autora foram publicadas numerosas obras póstumas, como o romance *Um sopro de vida – pulsações* (1978), várias coletâneas de contos, crônicas e cartas que contribuíram para confirmar a excelência e a singularidade de uma autora muito amada pelo seu público nacional e pelo público internacional.

I.3.2. A recepção de Clarice Lispector na Europa

Clarice Lispector foi tradutora e autora traduzida. Dedicou-se à tradução, por questões económicas, antes de começar a sua carreira de escritora, quando ainda estudava Direito na universidade, e também na década de 1959-1969, quando, separada do marido, voltou para o Brasil, para lá ficar até à sua morte. Clarice Lispector traduziu principalmente do inglês, do francês e duas vezes do espanhol, portanto era competente em avaliar as traduções nessas três línguas.

A partir dos anos 50 as suas obras começaram a ser traduzidas em várias línguas e é uma das escritoras brasileiras do século XX mais traduzidas. A tradução permite de manter em vida uma obra no espaço e sobretudo no tempo. As obras de Clarice Lispector são uma interminável fonte de novas interpretações, que apaixonam os leitores de todo o mundo. A primeira tradução de um texto de Clarice Lispector foi em francês em 1952, quando foi traduzido o capítulo onze de *A cidade sitiada*, que não teve nenhuma repercussão crítica. Em 1954, Denise-Teresa Moutonnier traduziu pela primeira vez a primeira obra completa de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, depois de dez anos da primeira publicação do romance. Clarice Lispector quando viu a tradução exclamou que era “escandalosamente ruim” (Laus Pereira: 1995, p. 110), afirmando que além de ter enjoo em ler coisas escritas por ela, tinha medo de ler as traduções que faziam da sua obra, porque por mais que pudessem ser bem-feitas, não era ela a escrever e não queria saber como transformavam o que escrevia.

Consultando a secção do *Index Translationum* da página da UNESCO, que elenca todas as traduções de Clarice Lispector nas várias línguas até 2008, e juntando as

traduções das obras traduzidas até hoje, pode-se ter uma visão geral de quais obras foram traduzidas e em que língua, e quantas edições foram publicadas.

Tomando em consideração as 20 obras publicadas pela autora: 9 romances, 6 coletâneas de contos e 5 livros de literatura infantil, podemos obter os resultados recolhidos na seguinte tabela:

Tabela A *Traduções de Clarice Lispector em outras línguas*

Língua	Nº obras	Obras Traduzidas:
<u>Inglês</u>	20	Romances: <i>Perto do coração selvagem (PCS)</i> , <i>O Lustre (OL)</i> , <i>A cidade sitiada (CS)</i> , <i>A maçã no escuro (ME)</i> , <i>A paixão segundo G.H.(PGH)</i> ; <i>Uma aprendizagem ou O Livro dos Prazeres (ALP)</i> ; <i>Água viva (AV)</i> , <i>A hora da estrela (HE)</i> ; <i>Um sopro de vida (SV)</i> . Coletâneas de contos: <i>Laços de família (LF)</i> ; <i>A legião estrangeira (LE)</i> ; <i>Felicidade clandestina (FC)</i> ; <i>Onde estivestes de noite (OEN)</i> ; <i>A Via Crucis do Corpo (VCC)</i> ; <i>A bela e a fera (BF)</i> . Literatura infantil: <i>O mistério do coelho pensante (MCP)</i> ; <i>A mulher que matou os peixes (MMP)</i> ; <i>A vida íntima de Laura (VIL)</i> ; <i>Quase de verdade (QV)</i> ; <i>Como nasceram as estrelas (CNE)</i> .
<u>Francês</u>	18	Romances: PCS; OL; CS; ME; PGH; ALP; AV; HE; SV. Coletânea de contos: LF; FC; OEN; VCC; BF. Literatura infantil: MCP; MMP; VIL; CNE.
<u>Espanhol</u>	14	Romances: PCS; OL; ME; PGH; ALP; AV; HE; SV. Coletâneas de contos: LF; FC; OEN. Literatura infantil: MCP; MMP; VIL; QV.
<u>Italiano</u>	11	Romances: PCS; OL; ME; PGH; ALP; AV; HE. Coletâneas de contos: LF; VCC; OEN. Literatura infantil: MCP.
<u>Alemão</u>	11	Romances: PCS; OL; CS; ME; PGH; ALP; AV; HE. Coletâneas de contos: OEN; BF. Literatura infantil: MCP.
<u>Sueco</u>	7	Romances: PCS; PGH; AV; HE; SV. Coletâneas de contos: LF; FC.
<u>Finlandês</u>	5	Romances: PCS; PGH; ALP; AV; HE.
<u>Catalão</u>	4	Romances: PGH; AV. Literatura infantil: MCP; MMP.
<u>Holandês</u>	3	Romances: PGH; HE. Coletâneas de Contos: LF.
<u>Hebraico</u>	2	Coletâneas de contos: LF; FC.

Danimarquês	2	Romances: PGH; HE.
-------------	---	--------------------

Os dois romances que mais foram traduzidos são *Perto do coração selvagem* (1943) e *A paixão segundo G.H.* (1964). Analisando os resultados da pesquisa no site da UNESCO, pode-se observar que há 5 edições alemãs da tradução de *Perto do coração selvagem*, publicadas com poucos anos de diferença. A coletânea de contos mais traduzida é *Laços de família* (1960), que tem duas edições suecas, a última de 2012. A literatura infantil foi traduzida sobretudo para o francês, inglês e espanhol, com só uma tradução em alemão de *O mistério do coelho pensante* em 2013 e outra em italiano do mesmo livro em 1991.

A língua que tem mais obras de Clarice Lispector traduzidas é o inglês, seguida pelo francês e pelo espanhol. No mundo anglófono, a recepção das obras de Clarice Lispector recebeu novo impulso graças à biografia do escritor norte-americano Benjamin Moser, *Why this world: a biography of Clarice Lispector* (2009) e a publicação da tradução de quatro romances em inglês coordenada pelo biógrafo e publicadas em 2012 pelas editoras Directions Publishing (USA) e Penguin Classics (UK).

Na França, depois da primeira publicação de uma obra de Clarice Lispector em francês em 1954, o interesse pela obra da autora despertou novamente em 1970, quando saiu a tradução de *A maçã no escuro*, traduzida com o título de *Le bâtisseur de ruines*. A obra da escritora brasileira começou a interessar verdadeiramente o público francês só depois da sua morte, graças às traduções publicadas pela editora Editions de Femmes e a intermediação de Hélène Couxis, que escreveu vários ensaios e participou em seminários internacionais sobre Clarice Lispector. Nos anos 70, o pensamento da época colocava a mulher no centro da atenção e, apesar de isso ter sido um fator que facilitou a divulgação da obra de Clarice Lispector, mesmo quando deixou de ocupar um lugar preponderante no pensamento da época, a obra de Clarice Lispector continuou a interessar um grande número de leitores. Há que sublinhar que Hélène Couxis foi muito importante para a divulgação da obra de Clarice Lispector em língua francesa, mas deu à escritora brasileira uma imagem deformada, adaptada ao seu temperamento e ao seu sistema de valores.

Pode-se observar na Tabela B que há algumas línguas, faladas só em determinadas realidades nacionais, que têm traduções de obras de Clarice Lispector, sobretudo a partir do novo milênio: há 7 publicações em sueco, todas do século XXI, 5 em finlandês, das

quais só uma foi publicada no século passado, 4 em catalão e 2 em hebraico e dinamarquês.

O biógrafo Benjamin Moser lamentou que a grandeza de Clarice Lispector não seja muito conhecida fora da América Latina, e refletindo sobre as causas possíveis, concluiu que além de escrever em português, língua periférica e isolada numa América Latina em prevalência espanhola, era uma mulher numa economia de mercado que estereotipava o escritor latino-americano como um homem com bigodes, empenhado em escrever de selvas e bairros de lata. Além disso, ninguém poderia imaginar que o maior escritor judeu depois de Kafka fosse uma jornalista com um fascínio incrível que mais se parecia com uma mulher mundana do Rio de Janeiro do que com um génio místico. Na sua escrita de tipo universal, os leitores de todo o mundo podem encontrar um espelho para as suas almas. A contínua tradução e publicação das suas obras mostra um interesse que se desenvolve no tempo por essa escritora brasileira cuja escrita continua atual e conduz o leitor “perto do coração selvagem” da sua alma.

I.3.3. A receção de Clarice Lispector na Itália

Como mencionado antes, são numerosos os fatores que no tempo tornaram difícil a exportação da literatura e da cultura brasileiras para o exterior. Primeiro entre todos é o fato de ser um sistema literário jovem, que se dedica principalmente à importação do conhecimento dos sistemas literários mais consolidados. Se tomarmos como exemplo as traduções do italiano para o português brasileiro, e do português brasileiro para o italiano, consultando a secção do site da UNESCO dedicada às traduções *Index Translationum*, poderemos ver que entre 1977 e a primeira década do século XXI, as traduções do italiano para o português brasileiro são 2.000 e as obras traduzidas do português brasileiro para o italiano são só 556.

Em 1997, a brasilianista Luciana Stegano Picchio publicou um volume intitulado *Storia della letteratura brasiliana*, que é a segunda edição de *La letteratura brasiliana*, publicado em 1972, definindo essa segunda edição como necessária, enquanto tinha passado um quarto de século desde a primeira e, além do desenvolvimento da literatura brasileira, também o público italiano era diferente daquele do início da segunda

metade do século XX. Se os italianos mudaram a própria visão do Brasil, é sobretudo graças à literatura traduzida para o italiano. Nas últimas páginas da edição de 1997, Luciana Stegagno Picchio propõe uma lista de traduções italianas das obras literárias brasileiras até 1996.

Tabela B: *Obras traduzidas do português brasileiro para o italiano*

Século XIX	3 autores traduzidos	4 publicações
Década de 10	1 autor traduzido	1 publicação
Década de 20	1 autor	2 publicações
Década de 30	2 autores	4 publicações
Década de 40	3 autores	3 publicações
Década de 50	12 autores	18 publicações
Década de 60	7 autores	16 publicações
Década de 70	19 autores	25 publicações
Década de 80	19 autores	45 publicações
1990-1996	32 autores	47 publicações

Como se pode ver na Tabela A acima, a partir da década de 50 há um incremento seja das publicações, seja dos autores brasileiros traduzidos. Esse incremento aconteceu graças a poetas como Giuseppe Ungaretti, que viveu no Brasil entre 1936 e 1942 e se dedicou às traduções de autores brasileiros, e sendo um poeta já consagrado pela crítica italiana, as suas traduções e os seus ensaios sobre a literatura brasileira suscitaram interesse no público italiano. Outra figura importante na divulgação da literatura brasileira foi Maurílio Mendes, que representou uma possibilidade de maior abertura, de superação dos clichés e estimulou também um aprofundamento dos conhecimentos sobre aquela terra distante.

É, contudo, nos anos 80 que há uma viragem, quando autores até então desconhecidos na Itália começaram a ser traduzidos e a exercer um papel fundamental na divulgação de alguns valores na nossa cultura. É o caso de Clarice Lispector, que se tornou um dos autores mais traduzidos na Itália, que a descobriu muitos anos mais tarde do que outros países europeus como França e Espanha, mas que em poucos anos

recuperou o tempo perdido, ao traduzir de 1981 até 1989 sete narrativas, e as suas obras continuam a ser traduzidas até hoje.

O primeiro contato que a Itália teve com Clarice Lispector foi em 1943, quando ela chegou a Nápoles, depois do seu casamento com Maury Gurgel Valente, diplomata que deveria abrir a base brasileira na Itália, para assistir as tropas da FEB (Força Expedicionária Brasileira) no território italiano que estavam a combater contra os alemães. A cidade de Nápoles tinha sido libertada um ano antes e a população era pobre e vivia em profunda miséria. Clarice Lispector empenhou-se com grande energia em ajudar os soldados feridos, conversando com eles, lendo e escrevendo cartas e dando conselhos. A menina que tinha deixado a Europa como refugiada perseguida pelos nazistas voltou como mulher para ajudar as vítimas da Segunda Guerra Mundial. O poeta Rubem Braga define-a como “Princesa de Nápoles” e o maior elogio que recebeu foi o de um homem pelas ruas de Nápoles que dizia em voz alta ao seu amigo “esse é o tipo de mulher de que precisamos para construir a Itália” (MOSER: 2009, pp. 145-146).

Em Roma, encontra o poeta Giuseppe Ungaretti, com quem tinha muitas coisas em comum. Uma delas é o hermetismo: se Clarice Lispector foi definida como “hermética”, Ungaretti era precisamente o orgulhoso fundador da escola hermética. Clarice Lispector era uma judia brasileira nascida na Ucrânia, Ungaretti era um judeu italiano nascido no Egito. Ele viveu alguns anos no Brasil e contribuiu para a tradução e difusão de obras brasileiras na Itália. Junto à sua filha Anna Maria, traduziu alguns trechos escolhidos do romance *Perto do coração selvagem*, recém-saído no Brasil, para que fossem publicados na revista literária italiana *Prosa*, mas isso não aconteceu.

A tradução das obras de Clarice Lispector começou muito tarde na Itália, comparando com outros países, a partir dos anos 80. Consultando o arquivo da Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, pode-se obter uma lista de todas as obras de Clarice Lispector traduzidas para o italiano e as várias edições. Pesquisando pelo nome da autora, aparecem 25 resultados, dos quais 5 são excluídos porque 4 são obras críticas e *A descoberta do mundo* é uma coletânea de crônicas da autora, que não foi organizada ou publicada por ela.

Tabela C: *Traduções e edições italianas das obras de Clarice Lispector.*

<i>Perto do coração selvagem</i>	<i>Vicino al cuore selvaggio</i>	Adelphi, 1987; Adelphi, 2003; Corriere della sera, 2013.
<i>O lustre</i>	<i>Il segreto</i>	B.C. Dalai, 2010; La tartaruga, 1999.
<i>A maçã no escuro</i>	<i>La mela nel buio</i>	Feltrinelli, 1988;
<i>A paixão segundo G.H.</i>	<i>La passione secondo G.H.</i>	La Rosa, 1982; Feltrinelli, 1991.
<i>Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres</i>	<i>Un apprendistato o Libro dei piaceri</i>	La Rosa, 1981; Feltrinelli, 1992.
<i>Água Viva</i>	<i>Acqua Viva</i>	Sellerio, 1997; Adelphi, 2017.
<i>A hora da estrela</i>	<i>L'ora della stella</i>	Feltrinelli, 1989.
<i>Laços de família</i>	<i>Legami famigliari</i>	Feltrinelli, 1986, 1984.
<i>A Via Crucis do corpo</i>	<i>La passione del corpo</i>	Feltrinelli, 1987.
<i>Onde estivestes de noite</i>	<i>Dove siete stati di notte?</i>	Zanzibar, 1994.
<i>O mistério do coelho pensante</i>	<i>Il mistero del coniglio che sapeva pensare.</i>	Mondadori, 1991.
Textos seletos	<i>Le passioni e i legami</i>	Feltrinelli, 2013.

A primeira obra de Clarice Lispector que foi traduzida para o italiano foi *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, traduzida em 1981 por Rita Desti pelos Editori La Rosa. A revista literária portuguesa *Colóquio/Letras* publicou em setembro do mesmo ano a seguinte recensão:

CLARICE LISPECTOR EM ITALIANO

«Na sua procura quase desesperada de uma correspondência perfeita entre o mundo das coisas reais e presentes e o das palavras, como a protagonista desta *Aprendizagem*, Clarice consegue ‘dizer o óbvio de maneira extraordinária’. Assim, ao invés de Guimarães Rosa e dos narradores formalistas de matriz joyciana, Clarice Lispector não inventa palavras, antes elege entre as existentes as únicas possíveis e insubstituíveis». Este um passo da introdução de Rita Desti à sua versão italiana de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, há pouco (1981) dada a lume em Turim pelos Editori La Rosa⁵.

⁵ “Clarice Lispector em italiano”, in *Colóquio Letras*, n. 63, setembro 1971, p. 101.

A tradução das obras de Clarice Lispector continua homogênea ao longo das últimas duas décadas do século XX, para recomeçar depois na segunda década do século XXI com três novas traduções de *O lustre* (2010), *Perto do coração selvagem* (2013) e *Água Viva* (2017). Em 2013, é publicado o volume *Le passioni e i legami*, pela editora Feltrinelli, que quer sintetizar o mundo de Clarice. No volume são recolhidos 4 romances e 2 coletâneas de contos. No jornal *Il Nuovo Manifesto*, o professor e tradutor Roberto Francavilla escreve um artigo em que anuncia que pronto vai sair por Adelphi a primeira tradução para italiano de *Um sopro de vida* e uma coletânea com todos os contos da autora.

Outro aspeto interessante para compreender a receção de Clarice Lispector na Itália é a escolha das capas dos livros. A capa é o cartão de visita com que o livro tem que capturar a atenção do leitor. A capa tem que ser cativante, suscitar expectativas num possível leitor. Vale a pena, portanto, comparar as capas dos romances de Clarice Lispector escolhidas pelas editoras brasileiras e italianas.

Capas das edições brasileiras

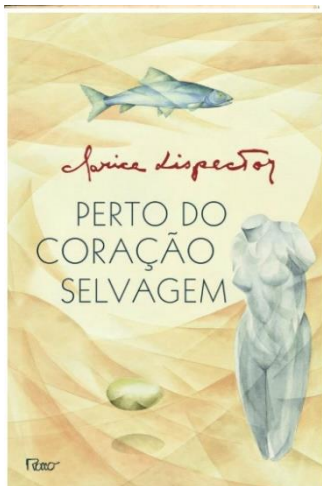


Capa da primeira edição de *Perto do Coração selvagem*, 1943, A Noite Editora.

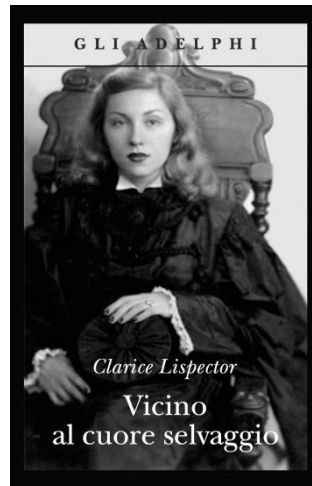
Capas das edições italianas



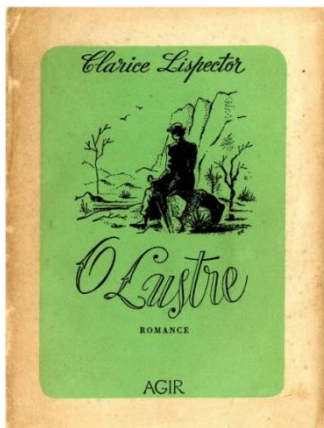
Capa da primeira edição de *Vicino al cuore selvaggio*, 1987, Adelphi.



Capa da edição da Editora Novas Fronteiras, 1998.



Capa da edição de 2003, Adelphi, de *Vicino al cuore selvaggio*.



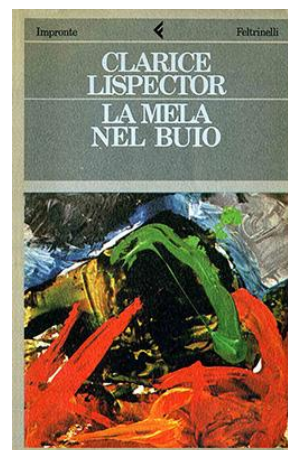
Capa da primeira edição de *O Lustre*, Agir, 1946.



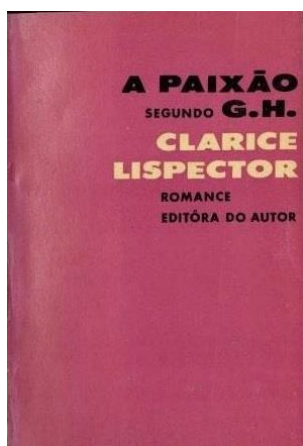
Capa de *Il segreto*, Dalai Editore, 2010



Capa da primeira edição de *A maçã no escuro*, Francisco Alves, 1961.



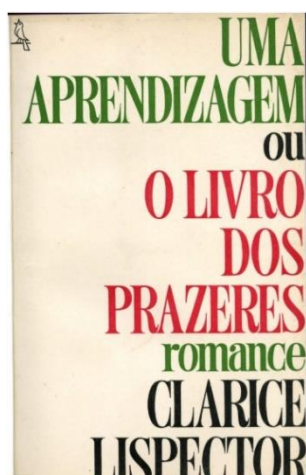
Capa de *La mela nel buio*, Feltrinelli, 1988.



Capa da primeira edição de *A paixão segundo G.H.*, Editora do autor, 1964.



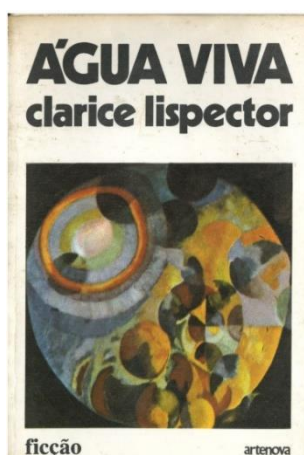
Capa de *La passione secondo G.H.*, Feltrinelli, 1991.



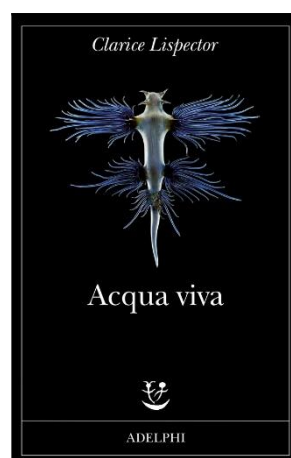
Capa da terceira edição de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, Sabiá, 1969.



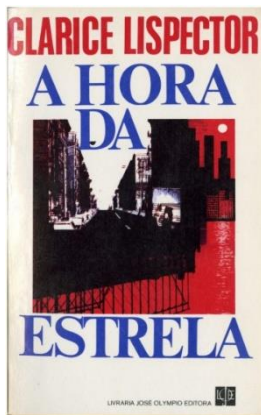
Capa de *Un apprendistato o Il libro dei piaceri*, La Rosa, 1981.



Capa da primeira edição de *Água Viva*, Artenova, 1973.



Capa de *Acqua Viva*, Adelphi, 2017.



Capa da primeira edição de *A hora da estrela*, José Olympio, 1977.



Capa de *L'ora della stella*, Feltrinelli, 1989.

Olhando as capas, pode-se observar que a maior parte das capas italianas apresenta uma imagem de Clarice Lispector, ao contrário das capas brasileiras que nunca apresentam a sua imagem. As capas brasileiras apresentam escritas que ocupam a maior parte da superfície, algumas têm também imagens abstratas ou representativas da mensagem do livro. Nas capas italianas a imagem ocupa quase toda a superfície, às vezes é uma imagem abstrata como no caso de *Acqua Viva* ou da primeira edição de *Vicino al cuore selvaggio*, outras vezes a imagem principal é uma fotografia da escritora, como se fosse ela mesma o que há de mais cativante, como se o seu olhar fosse capaz de enfeitiçar o leitor. É um caso excepcional porque a fotografia do autor não costuma ser utilizada como capa do seu próprio livro⁶.

De resto, as obras de Clarice Lispector começaram a ser traduzidas para o italiano somente depois da sua morte e a autora não era muito conhecida na Itália, pelo contrário no Brasil a publicação dos seus livros começou quando ela era ainda muito jovem, e sua beleza e seu fascínio foram tão elogiados no Brasil que não era preciso imprimir a sua foto na capa dos seus livros para que um leitor da época conhecesse o olhar encantador de Clarice Lispector.

⁶ A editora brasileira Nova Fronteira, na última década do século XX publicou uma nova edição dos livros de Clarice Lispector utilizando gráficas semelhantes nas capas, desenhadas por Victor Burton, e um exemplo pode ser a edição de 1998 de *Perto do Coração Selvagem*.

I.4. Sobre tradução de *Um sopro de vida – pulsações*

Um sopro de vida – pulsações é o último romance de Clarice Lispector, escrito nos últimos anos da sua vida, perante a angústia da morte. É um texto fragmentário, uma espécie de guião teatral constituído pelo monólogo interior de dois personagens, o Autor e Ângela, que se interrompe e se entrelaça quando um ou outro começa a falar; é um monólogo sob aparência de diálogo, mas sem nunca se tornar completamente diálogo. Não existe uma história, há só um leve enredo em que a personagem do Autor cria através do seu sopro outra personagem, que é o seu “eu” duplicado: Ângela. O romance é uma análise de uma autoanálise, uma procura sobre o que significa estar no mundo. O silêncio de um é o que permite ao outro falar e através da palavra tomar consciência da própria existência. A palavra, além do significado, torna-se um parâmetro fundamental para a existência: por meio das palavras fazemos existir as coisas, a nomeação é um processo de criação de um signo para reconhecer e organizar o mundo.

Clarice Lispector investiga o silêncio, trabalha incansavelmente com a palavra e aventura-se no caminho do inconsciente à procura da expressão capaz de tocar aquelas zonas da palavra dificilmente traduzíveis. A autora escreveu uma obra permeada pelo silêncio, pela impossibilidade da completa comunicação e a impossibilidade de traduzir em palavras os infinitos movimentos da alma humana.

Em cada palavra há sempre algo que sobra, algo que fica calado e que só se pode adivinhar. O mundo é concebido de maneira diferente por pessoas que falam línguas diferentes e os conceitos designados numa língua nem sempre têm o mesmo valor na outra. Portanto, na tradução haverá sempre um ganho ou uma perda, nem que seja de matiz, no momento em que se traduz de uma língua para outra.

Foi com consciência disso que se realizou a tradução do romance *Um sopro de vida – pulsações* (1978) de Clarice Lispector apresentada neste trabalho. Nas primeiras edições do romance havia uma prefácio de Olga Borelli, amiga da autora que, depois da sua morte, se ocupou da reorganização dos manuscritos do livro⁷. Essa nota explicativa desapareceu nas edições mais recentes e deixa aos novos leitores a sensação de que

⁷ “Durante oito anos convivi com Clarice Lispector participando de seu processo de criação. Eu anotava pensamentos, datilografava manuscritos de inspiração de Clarice. Por isso, me foi confiada, por ela e por seu filho Paulo, a ordenação dos manuscritos de *Um sopro de vida*.” (Manuscritos de *Um sopro de vida*, em www.claricelispectorims.com.br)

Clarice Lispector tivesse concebido o livro tal como é publicado, ou seja, como um monólogo-diálogo infinito entre os dois personagens. Como se trata de duas vozes que falam, no momento da tradução é preciso dar voz a um texto, seguindo as pausas, as exclamações, as repetições e a ênfase. O desaparecimento da voz no fim do livro acontece gradualmente e não de repente. Através da voz dos personagens constrói-se uma linguagem sem memória, num constante presente, com substantivos e expressões que nomeiam a mesma natureza das coisas (Maggi em Nasi: 2001, p. 41-42).

Trata-se de uma tradução de um texto literário, com certeza mais aberta à interpretação da mensagem face à tradução de um texto técnico. A literatura tem um fim comunicativo intrínseco: neste caso não se trata de um texto estreitamente relacionado com aspetos ou valores culturais do Brasil dos anos 70, mas com uma procura existencial e universal; é preciso tornar acessível ao leitor a mensagem da obra. Além disso, a sintaxe utilizada pela autora é sim a sintaxe portuguesa, mas manipulada com base nas exigências comunicativas de um determinado conceito ou mensagem; na tradução, portanto, é fundamental não perder aquela sensação de estranho que com certeza o texto provocou nos leitores brasileiros dos anos 70 e provoca nos de hoje: o leitor percebe o estranho no momento em que se encontra perante uma maneira pouco familiar de apresentar algo que poderia reconhecer, mas que tem a impressão de ver pela primeira vez (Eco: 2018, p. 173).

I.4.1. Epígrafes, citações e referências intertextuais

Um sopro de vida começa com uma declaração, ou seja, “Quero escrever movimento puro” (Lispector: 2012, p. 8), que evidencia um desejo do sujeito de escrever algo que seja exprimido através do ritmo, do pensamento poético, e que o leitor só pode acompanhar. Na página seguinte há quatro epígrafes. Como salienta, Peter Newmark, quando a citação de um texto está inserida no texto da língua de origem, teria de ser traduzida o mais literalmente possível. A tradução posta a confronto com o original deve ser facilmente identificável (Newmark: 1988, p. 256-257). A primeira epígrafe que abre o livro é a passagem 2,7 do *Livro do Génesis*. Para a tradução foi suficiente buscar a mesma passagem na Bíblia em italiano:

Do pó da terra formou Deus-Jeovah o homem e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida. E o homem tornou-se um ser vivente. *Gênesis 2,7*

Allora il Signore Iddio formò l'uomo dalla polvere della terra, alitò nelle sue narici un soffio vitale e l'uomo divenne un essere vivente. *Genesi 2,7*

A citação do *Livro do Gênesis* é exatamente inerente ao tema do livro: o sopro que infunde vida, a criação do homem por meio do sopro de Deus.

A segunda citação apresentada é do filósofo alemão Friedrich Nietzsche; como não foi possível encontrar nenhuma citação no italiano que correspondesse àquela do livro foi traduzida literalmente: “La gioia assurda per eccellenza é la creazione”⁸. O mesmo foi feito pela tradução de todas as outras citações, também daquelas que aparecem no “Livro de Ângela”. A terceira epígrafe da primeira página é de Andréa Azulay, uma menina que nos anos 1974-75 tinha uma correspondência com Clarice Lispector⁹. A citação de algo escrito por essa menina visa representar o encanto perante a espontaneidade da sua escrita. A última epígrafe é da mesma Clarice Lispector: a presença de uma citação sua é possível que seja uma tentativa de reforçar a ideia de que na ficção o livro não é escrito pela autora, mas pelo Autor anônimo que é uma das suas projeções.

Além das citações literárias há também um verso de uma canção infantil intitulada “Atirei o pau no gato”, que traduzida literalmente para italiano significa “Ho tirato un bastone al gatto”. Apesar da perda do ritmo na tradução literal, no momento em que o leitor italiano lê a tradução de “atirei o pau no gato-to-to...” (Lispector: 2012, p. 44) não consegue imaginar Ângela que canta uma canção da sua infância e de repente interrompe-se e diz: “Meus Deus, como sou infeliz”. Para permitir ao leitor italiano ter a mesma reação ao ler o texto, foi preciso substituir a canção brasileira por uma canção infantil italiana, sendo possível, felizmente, encontrar uma muito parecida: “Volevo un gatto nero, nero, nero...”. Além da palavra “gato”, o começo contém logo uma repetição da palavra “nero”, como na canção brasileira é repetida a sílaba “to”. Dessa maneira, para o

⁸ “A alegria absurda por excelência é a criação”, Nietzsche (Lispector: 2012, p. 8).

⁹ No livro *Correspondências: Clarice Lispector*, publicado em 2002 pela Editora Roco, reproduzem-se algumas cartas entre Clarice Lispector e Andréa Azulay, menina de 9 anos que gostava de escrever poesias e pequenas histórias (Moser: 2001, p. 329).

leitor italiano será mais simples identificar-se com o estado de espírito de Ângela, que é muito mais importante do que o significado em si das palavras da canção.

No livro há também citações intertextuais, ou seja, alusões não explícitas a obras anteriores. Perante este tipo de citação, de acordo com Umberto Eco, existem duas categorias de leitores: o leitor ingênuo que não identifica a citação, mas consegue seguir de qualquer maneira o desenvolvimento do discurso, e o leitor culto e competente que identifica a referência e a sente como uma “citação maliciosa” (Eco: 2018, p. 213-215).

Saber desistir. Abandonar ou não abandonar – esta é muitas vezes a questão para um jogador. (Lispector: 2012, p. 12)

Nessa primeira citação intertextual é evidente a referência com “to be or not to be” do *Hamlet* de Shakespeare, e é uma expressão muito utilizada e conhecida também na língua italiana, portanto a tradução proposta é: “Saper desistere. Abbandonare o non abbandonare – questo è molte volte il problema per un giocatore”. A outra referência a outra obra é transparente para um leitor que tem algum conhecimento da língua e cultura portuguesa, mas pode ser menos transparente para o leitor que se aproxima pela primeira vez de um texto nessa língua:

Cada novo livro é uma viagem. Só que é uma viagem de olhos vendados em mares nunca dantes revelados. (Lispector: 2012, p. 14)

Este trecho remete para o terceiro verso do I canto de *Os Lusíadas* de Luís de Camões, que para um leitor de língua portuguesa é muito simples de identificar apesar da substituição de “navegados” por “revelados”. Evidentemente que o tradutor tem de descobrir as referências literárias para não empobrecer a própria tradução.

São numerosos as referências a outras obras da própria escritora: Ângela fala das obras de Clarice Lispector como se fossem suas:

O objeto – a coisa – sempre me fascinou e de algum modo me destruiu. No meu livro *A cidade sitiada* eu falo indiretamente no mistério da coisa. Coisa é bicho especializado e imobilizado. Há anos também descrevi um guarda-roupa. Depois veio a descrição de um imemorable relógio

chamado Sveglia: relógio eletrônico que me assombrou e assombraria qualquer pessoa viva no mundo. Depois veio a vez do telefone. No “O ovo e a galinha” falo no guindaste. (Lispector: 2012, p. 92)

A primeira obra citada é *A cidade sitiada*, terceiro romance da autora, publicado em 1949. Na tradução para o italiano não foi traduzido o título porque ainda não existe uma tradução no italiano do romance. O título corresponderia literalmente a “La città assediata” e se, por exemplo, por mera curiosidade o leitor quisesse ver de que romance se trata o primeiro resultado da sua busca na internet não seria uma referência a Clarice Lispector, mas a um filme de guerra norte-americano dos anos 50. O mesmo vale para o conto “O ovo e a galinha”, que faz parte da coletânea *A legião estrangeira* (1964) de que ainda não existe tradução para o italiano. Quanto aos títulos dos trechos de música clássica mencionados ao longo da obra, como são de grandes músicos clássicos conhecidos internacionalmente, para todos foi possível encontrar uma tradução italiana:

A coisa maior que se pode ter é a casa. Beethoven compreendeu isso e fez uma abertura sinfônica resplandecente chamada “A consagração da Casa” (Lispector: 2012, p. 100).

O título da abertura sinfônica foi substituído pelo título em italiano “La consacrazione della casa”, ou, noutro exemplo, “Rapsódia com Clarineta e Orquestra” de Debussy foi traduzido pelo seu correspondente “Rapsodia con Clarinetto e Orchestra”.

Quando Ângela no seu livro está a falar das joias, cita os dois primeiros versos da *Marseillaise*, o hino nacional francês: “*allons enfants de la patrie, le jour de la gloire est arrivé*” (Lispector: 2012, p. 107). Os dois versos são escritos em francês também no texto original sem nenhuma nota. Tanto o leitor brasileiro quanto o leitor italiano que não falam francês poderiam ter dificuldades em compreender o significado preciso dos versos, mas como está escrito dentro do contexto da Revolução Francesa e da decapitação de Maria Antonieta, mesmo que não compreenda o significado preciso de cada palavra, pode perceber o significado geral.

Por fim, este livro tem um tom confessional, quase de reza. São numerosas as citações de frases que são utilizadas nas orações e na celebração eucarística, às vezes até em latim. Para a tradução dessas frases foram utilizadas as correspondentes no italiano,

familiares ao leitor, como: “Que a paz esteja entre nós, entre vós e entre mim”, traduzida por “che la pace sia com noi, com voi e con me”; ou “Por que me abandonaste, meu Deus?”, traduzida por “Mio Dio, perché mi hai abbandonato?”. As duas expressões em latim “*Agnus Dei*” e “*ad secula seculorum*” não foram traduzidas para o italiano, porque, apesar de existir uma tradução reconhecida pela igreja, respetivamente “Agnello di Dio” e “nei secoli dei secoli”, a autora preferiu escrevê-las em latim foi uma escolha da autora que não se quis neutralizar.

I.4.2. O léxico: neologismos, termos de especialidade, nomes próprios e acrónimos

Em *Um sopro de vida* o elemento fundamental é o indizível: ou seja, o que permite ao leitor interpretar não só o que está escrito, mas também o que está além, como se a autora tivesse deixado pistas para o leitor para que ele possa atingir o sentido mais profundo. Quando um escritor escreve um livro tenta exprimir-se a si mesmo, encontrar as melhores palavras para traduzir em linguagem as sensações que emergem no pensamento, mas sem as palavras. O tradutor, ao contrário, quando traduz faz uma ação técnica sobre um texto que foi escrito pelo autor espontaneamente. A tradução deve ser fiel e desenvolta, tem de exprimir corretamente a mensagem do original e ao mesmo tempo não pode limitar-se a uma simples transposição palavra por palavra. Traduzindo Clarice Lispector é fácil tropeçar em vários neologismos, ou palavras forjadas pela necessidade da autora de falar através de palavras que já existem, mas que na sua simples essência de palavra não são suficientes para exprimir o sentido que ela deseja. Um exemplo disso pode ser a palavra “pré-pensamento”:

O pré-pensamento é em preto e branco. O pensamento com palavras tem cores outras. O pré-pensamento é o pré-instante. O pré-pensamento é o passado imediato do instante. Pensar é a concretização, materialização do que se pré-pensou. Na verdade o pré-pensar é o que nos guia, pois está intimamente ligado à minha muda inconsciência. O pré-pensar não é racional. É quase virgem. (Lispector: 2012, p. 15)

A palavra “pré-pensamento” foi traduzida criando uma nova palavra no italiano também: “pré-pensamento” alude a algo antes do pensamento; em vez de parafrasear a palavra, foi traduzida por “pre-pensiero” que é compreensível para um leitor italiano também. Ao contrário, foi parafraseada a palavra “aluarada” na frase: “mas sua aura é um ninho de aluarada luz leve” (Lispector: 2012, p. 100), onde “aluarada” é um adjetivo que significa “da cor do luar”. Como no italiano não existe um termo que indique a cor do luar, foi explicitado por meio de uma similitude: “l’aura è un nido di luce lieve come il colore del chiaro di luna”.

No livro podem-se encontrar palavras que não existem na língua portuguesa, ou são uma distorção de algumas palavras. Como o livro está escrito na linguagem dos sonhos, é possível que algumas vezes o incôscio, aludindo a um significado conhecido, possa exprimi-lo modificando a palavra através da qual quer exprimi-lo. Um exemplo pode ser a palavra “duróbila” na frase: “paga-se com a prisão a vida: uma palavra linda, orgânica, sestrosa, pleonástica, espérmica, duróbila” (Lispector: 2012, p. 48), em que “duróbila” provavelmente se refere a algo que dura no tempo. Para provocar no leitor italiano o mesmo efeito de estranhamento que a palavra provocou no leitor brasileiro, foi utilizada a palavra “durabile”, termo do italiano antigo que tem o mesmo significado da palavra “durevole”: o leitor italiano pode perceber o sentido do termo, mas percebe também que não é um termo utilizado no italiano corrente.

Outra palavra não dicionarizada foi “esplástico”, na frase “Então o corpo antes todo fraco e trêmulo tomou um vigor de recém-nascido no seu primeiro grito esplástico no mundo da luz” (Lispector: 2012, p. 120). A palavra é constituída pelo prefixo “es-” e a palavra “plástico”. Se a escritora tivesse escrito “um grito plástico” a expressão teria perdido a sensação que ganha graças ao prefixo “es-”, quase como se esse grito fosse uma explosão. Portanto a palavra foi traduzida com “splastico”, substituindo o prefixo “es-”, que para o ouvido de um italiano pertence mais às línguas ibéricas, com o prefixo “s-” mais adequado ao italiano. Outra palavra criada com a adição de um prefixo a um substantivo é “ultraluz” na frase “A realidade é fragmentária. Só é una a realidade do ultra-som e ultraluz do infinito”, em que à palavra “luz” se juntou o prefixo “ultra”. Na frase a palavra é posta perto de outra palavra com a mesma estrutura, mas que existe: “ultra-som”, portanto, como também no italiano existe “ultrasuono” a palavra “ultraluz” foi traduzida com “ultraluce” mantendo o prefixo “ultra”.

A língua portuguesa tem a capacidade de condensar conceitos em palavras e a palavra “saúde” é o exemplo máximo; mas no texto há outro, ou seja, a palavra “frajola”. No português do Brasil é uma palavra informal que designa alguém que se veste e se comporta de forma exageradamente elegante e afetada, o que corresponderia ao “dandy” inglês. No italiano não existe uma palavra capaz de reassumir o conceito que se esconde atrás da palavra “frajola” (exceto talvez o adjetivo “affettato”, que porém é polissêmico e por isso arriscado de se usar neste contexto); portanto, como a palavra é concretamente referida às rosas¹⁰, foi traduzida por “ostentate”, sacrificando uma parte do seu significado.

Apesar de ser um texto literário, aparecem de vez em quando alguns termos de especialidade. No campo da botânica são mencionadas três plantas típicas do Brasil, mas que não são muito conhecidas no resto do mundo. Em vez de mudar o nome das plantas por outras mais conhecidas dos leitores italianos, decidiu-se apenas transcrever o seu nome de modo a não naturalizar elementos culturalmente específicos. A primeira planta mencionada é a “sucupira”, utilizada no momento em que Ângela busca adjetivos para descrever-se¹¹. Sucupira é uma árvore tropical valorizada pela beleza e resistência da sua madeira. Outro termo que ficou inalterado na tradução é o “jiló”¹², uma planta muito parecida com a beringela, com exceção da cor. O jacarandá¹³, por outro lado, já é dicionarizado em italiano como *jacaranda*. Como são três plantas que o leitor italiano muito provavelmente não conhece, uma nota do tradutor teria ajudado a identificar o género de plantas, mas como é um texto literário e não um texto científico, se o leitor quiser mais informações poderá procurá-las autonomamente.

No livro são numerosos os nomes das pedras preciosas: todos foram traduzidos com o seu equivalente no italiano. Tratando-se de termos específicos não há muito espaço para a interpretação do termo em si, mas só das imagens evocadas quando a autora utiliza esses termos. A única pedra que sofreu uma alteração na transcrição do seu nome é a

¹⁰ “Tenho medo de rosas vivas porque elas são tão frágeis e frajolas e porque amarelecem” (Lispector: 2012, p. 105).

¹¹ “Eu gosto um pouco de mim porque sou adstringente. E emoliente. E sucupira. E vertiginosa. Estrugida.” (Lispector: 2012, p. 44).

¹² “Ai jiló, você o que é? é coisa? amarga que nem a vida.” (Lispector: 2012, p. 44).

¹³ “Meu biombo é feito de roliços cilíndricos de jacarandá. Eu quase diria que jacarandá é prata de lei” (Lispector: 2012, p. 97).

pedra de Iansã, em que o nome próprio é grafado “Yansá”, porque nas traduções para o italiano dos livros de candomblé esse orixá é designado dessa maneira.

O ultimo grupo de termos específicos utilizados no livro, que foram traduzidos com o seu equivalente em italiano, são termos do campo da medicina: o primeiro é Novocaina¹⁴, que é o nome comercial do medicamento que se chama Procaina, um anestético de uso local; e “espérmica” que designa algo relacionado com o esperma. Para a tradução dos termos específicos foi suficiente buscar o equivalente em italiano.

Outras palavras que sofreram uma alteração na tradução foram os nomes institucionais e os seus acrónimos. Geralmente os termos institucionais possuem uma tradução oficial elaborada pelos grupos de tradutores da organização internacional competente. Como se trata de um livro de literatura e para tornar mais fluente a leitura, o acrónimo “S.A.”¹⁵ que significa “Sociedade Anonima”, foi escrito por extenso na tradução, porque corresponde exatamente à “Società Anonima” no italiano. O segundo exemplo é sobre o que no livro é chamado “Félix Pacheco”¹⁶, um órgão governamental especializado em identificação através de impressões digitais, subordinado à polícia civil do estado do Rio de Janeiro. Como o leitor italiano não sabe o que é o “Félix Pacheco”, para evitar uma nota do tradutor, a frase foi amplificada com o nome completo do instituto: “Istituto di Identificazione Félix Pacheco”, que não interrompe a leitura com explicações em nota e não tem consequências de maior no plano estilístico.

I.4.3. Trocadilhos

Uma característica muito interessante de Clarice Lispector é que ela brinca com as palavras, ela decompõe-nas, ela analisa-as até à sua forma mais profunda. É o que aconteceu com as palavras “Deus” e “Diamante”. No primeiro caso ela apresenta essa frase: “Me dá vontade de falar errado. Assim: Sued. Isto quer dizer Deus” (Lispector: 2012, p. 113). Em português “Sued” é a palavra “Deus” escrita ao contrário, mas no

¹⁴ “[...] é uma fumaça nos meus olhos, é telefone ocupado, é unha quebrada no meio, risco de giz no quadro negro, é nariz entupido, fruta de repente podre, é cisco no olho, é pontapé no traseiro, pisadela no calo do pé, é alfinete delicado, é injeção de Novocaína, é cusparada no meu rosto” (Lispector: 2012, p. 57).

¹⁵ “Eu sou impessoal até na amizade, até no amor. Eu sou uma S.A. Parêntese que não se fecha” (Lispector: 2012, p. 51).

¹⁶ “Eu sou individual como um passaporte. Eu sou fichada no Félix Pacheco.” (Lispector: 2012, p. 37).

italiano não se pode manter esse “Sued”, porque Deus é chamado “Dio”. Então na tradução utilizou-se a palavra “Dio” escrita ao contrário: “Ho voglia di parlare sbagliato. Così: Oid. Questo vuol dire Dio”.

No caso da palavra diamante, no momento em que Ângela no seu livro fala das joias, analisa todas as diferentes sensações que cada uma delas lhe provoca. No momento em que compara o brilhante com o diamante escreve: “Mas um diamante é algo preso à terra, é solido, e a palavra ‘diamante’ é um pouco opaca apesar das suas primeiras sílabas ‘dia’. E o final “amante” denuncia um amor carnal e imperecível” (Lispector: 2012, p. 106). Em português as primeiras sílabas “di-a” no italiano significam “giorno”, mas não se pode traduzir aquele “dia” com “giorno”, porque “giorno” não é uma sílaba de “diamante”, portanto perder-se-ia o sentido. Felizmente, o português e o italiano são duas línguas neolatinas e têm alguns elementos em comum. No italiano há o termo “di” que raramente é utilizado no italiano corrente, mas tem o mesmo significado de “dia”. Além disso há outra variação: “di” é uma palavra constituída por uma sílaba só, portanto foi necessário passar “das suas primeiras sílabas” para o singular. Ao contrário, a palavra “amante” ficou invariada. A tradução proposta deste trecho será, dessa forma: “Ma un diamante è qualcosa di preso alla terra, è solido, e la parola ‘diamante’ è un po’ opaca nonostante la sua prima sillaba ‘di’. E il finale ‘amante’ svela l’amore carnale e immortale”.

I.4.4. Onomatopeias

Clarice Lispector nos seus textos utiliza numerosas palavras onomatopeias, que visam sugerir acusticamente, pela imitação fonética, o objeto ou a ação significada. É preciso traduzir as palavras onomatopeias adaptando o grupo fonético à língua de receção, porque se fossem escritas como no original, como as línguas têm regras de pronúncia diferentes e representações onomatopaicas também diferentes, o leitor poderia ter dificuldades em entender de que se trata.

No romance da escritora *Perto do coração selvagem*, há várias palavras onomatopeias, já a partir da primeira página: “A máquina do pai batia tac-tac... tac-tac-tac... O relógio acordou em tin-dlen sem poeira. O silêncio arrastou-se zzzzzz.”

(Lispector: 1998, p. 4). Na tradução de Rita Desti, as onomatopeias são expressas desta maneira: “La macchina di papà faceva tac tac... tac tac tac... L’orologio si destò con un diln senza polvere... Il silenzio scivolò via zzzzzz...”. A única onomatopeia que muda é “tin-dlen”, que se torna “dlin”, porque um falante de português brasileiro lê “tin-dlen” com um “t” africado e não oclusivo, ao contrário, o leitor italiano leria “tin-dlen” com “t” oclusivo e não perceberia que é o ruído do relógio. A mesma estratégia foi adotada com as palavras onomatopeias presentes no romance *Um sopro de vida*, assim por exemplo, em correspondência de “As coisas fazem o seguinte barulho: chpt! chpt! chpt!” (Lispector: 2012, p. 94), como o leitor italiano poderia leria “chpt” nessa maneira: /’tʃpt/ e não /’ʃpt/, para exprimir o mesmo ruído usou-se “shpt”.

No livro é frequente a utilização de palavras ou expressões escritas em outras línguas, como o francês, o inglês e o espanhol. Perante essas palavras ou expressões utilizaram-se dois métodos diferentes: por um lado temos palavras como “frisson” ou “impasse” que ao ouvido de um falante de português brasileiro são bastante familiares, mas para um leitor italiano essas palavras escritas em francês incomodam a fluência da leitura, por isso foram respetivamente traduzidas por “brivido” e “vicolo ciego”. A palavra “finesse”, ao contrário, não foi traduzida porque para um leitor italiano não é impossível de compreender. As expressões em inglês como “*Help!*” ou em espanhol como “*Me muero*” ficaram iguais também na tradução, para manter o tom que a escritora queria dar às frases, acrescentando inclusivamente elementos típicos da oralidade.

I.4.5. Desvios sintáticos

No que concerne à sintaxe, Clarice Lispector afirma que está consciente de que, na sua escrita, estrutura as frases de maneira diferente do português cotidiano. A sua sintaxe particular e os adjetivos inesperados tornaram a linguagem de Clarice Lispector estranha desde o seu aparecimento na cena literária brasileira dos anos 40, e torna estranhas também as suas traduções. Junto às impossíveis imagens poéticas, o tradutor tem que dar ao leitor da língua de chegada a mesma vertiginosa experiência. Portanto não é importante quanto estranha resulte a prosa de Clarice Lispector na tradução, porque parece estranha no original também (Moser: 2009, p. 152). Se no texto em tradução fosse neutralizada

essa estranheza perder-se-ia boa parte do efeito que a obra provocou nos leitores brasileiros, subtraindo-lhe um dos aspetos fundamentais que tornaram a obra original. Não se pode eliminar o estranho, domesticando um texto, sobretudo se na língua original esse estranho era uma escolha do autor. É preciso, perante um texto de Clarice Lispector, tornar o italiano flexível às escolhas feitas pela autora na sua escrita, e o leitor tem de se deixar espantar perante um modo de dizer as coisas diferente do que está acostumado.

Desde logo o leitor encontra construções sintáticas que parecem estranhas a partir da articulação dos vários verbos e pronomes oblíquos de primeira e terceira pessoa, que mostra uma erosão do sujeito na sua maneira de compreender a realidade:

AUTOR. – Meu não eu é magnifico e me ultrapassa. No entanto ela me é eu. (Lispector: 2012, p. 31)

Criando Ângela como metáfora da palavra, o Autor inscreve-se nela e torna-se uma consciência que coincide apenas com o presente da linguagem. O autor e Ângela são a mesma pessoa. Tendo em conta tudo isso, a frase no italiano foi traduzida respeitando a construção proposta pela autora:

AUTORE. – Il mio non-io è magnifico e mi supera. Nel frattempo, lei mi è io.

Os dois pronomes sujeito são postos como perante um espelho em relação ao verbo, que está no centro, e parecem um o reflexo do outro. O pronome “me” é o que ata os dois reflexos: ou seja, o Autor olhando-se no espelho não vê o seu reflexo, mas o reflexo de Ângela e está consciente de que Ângela é ele, é a sua consciência projetada no espelho, é a sua maneira de ser um sujeito único e ao mesmo tempo ser dois. O mesmo acontece no momento em que o autor está a criar Ângela e tenta explicar o que é Ângela para ele: “Ângela é minha reverberação, sendo emanção minha, ela é eu.” (Lispector: 2012, p.26). Nesse caso também a posição especular dos sujeitos foi mantida, e o resultado foi: “Ângela é il mio riverbero, essendo mia emanazione, lei é io”.

Uma situação análoga, mas com elementos diferentes, apresentou-se no momento de traduzir o segmento em destaque abaixo:

ÂNGELA. – Eu, gazela espavorida e borboleta amarela. Eu não passo de uma vírgula na vida. Eu que sou dois pontos. Tu, és a minha exclamação. Eu te respiro-me. (Lispector: 2012, p. 32)

O Autor e Ângela são dois, mas ao mesmo tempo são um corpo só. O Autor soprou nela o sopro vital para permitir a sua existência e Ângela, metáfora da palavra, permite ao Autor existir como única salvação. A respiração é o que permite haver oxigénio no sangue, que através das palpitações corre nas veias. A respiração é fundamental para a vida e respirar um para o outro é um gesto de comunhão total e amor para salvar-se reciprocamente. “Eu te respiro-me”, além de ser um jogo de reflexos, é um ato de união absoluta. Um não pode viver sem a respiração do outro, a vida deles está atada como se fosse um único corpo, uma única carne. É a celebração mais profunda criada pelo amor: as duas individualidades são reais, mas o amor consegue cumprir o milagre de fundir sem confundir. Existe, aliás, um trecho de Clarice Lispector, onde a escritora explica a questão do sopro como união:

Eu te conheço até o osso por intermédio de uma encantação que vem de mim para ti. Só há uma coisa que me separa de você: o ar entre nos dois. Às vezes para ultrapassar esse quase cruel afastamento, eu respiro na tua boca que então me respira e eu te respiro. Mas só por um único instante, senão sufocaríamos-nos (*sic*): seria o castigo que se recebe quando um tenta de ser outro. (Lispector em Borelli: 1981, p. 54)

Esse trecho expressa a necessidade de unir-se, mas só para um instante, para não correr o risco de perder a própria identidade no outro. Como no *Evangelho* segundo Marcos¹⁷, os dois unem-se numa única carne – ou numa só respiração, mas sem nunca se confundirem, preservando perante o outro a própria identidade. A expressão “eu te respiro-me” é composta pelo sujeito “eu”, um pronome de objeto direto “te”, o verbo respirar seguido pelo pronome de objeto direto “me”. No italiano, ao contrário do português, com o modo indicativo não se prevê uma posição enclítica do pronome, que se coloca necessariamente

¹⁷ “Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão os dois uma só carne; assim já não serão dois, mas uma só carne” (Marcos, 10,6-8)

antes do verbo; portanto na tradução perde-se o efeito de espelhamento que têm os pronomes “te” e “me” em português, mas se consegue manter o efeito estranho: “io ti mi respiro”.

Além dessas construções sintáticas, Clarice Lispector transborda a palavra, procurando dizer o indizível com uma linguagem completamente inventada, que aparentemente não significa nada e é incompreensível:

Eu sei falar uma língua que só o meu cachorro, o prezado Ulisses, meu caro senhor, entende. É assim: dacobela, tutiban, ziticoba, letuban. Joju leba, leba jan? Tutiban leba, lebajan. Atotoquina, zefiram. Jetobabe? Jetoban. (Lispector: 2012, p. 53)

Ou então usar palavras que me vêm do meu desconhecido: trapilíssima avante sine qua non masioty – ai de nós e de você. (Lispector: 2012, p. 99)

Em toda a sua escrita, Clarice Lispector tentou superar os limites da linguagem. Nesses casos explicita a união entre a língua sem sentido e a “coisa” precisa, algo que não é possível descrever e definir. Nessa linguagem inventada, impressão e expressão são a mesma coisa: sem um significado humano ou moral, não são senão som. Além disso, na tradição judaica, criar e contemplar combinações casuais de palavras podia levar à descoberta do nome de Deus: aquela palavra que por definição não pertence à língua do homem (Moser: 2001, p. 333-334). Essas palavras inexistentes foram mantidas iguais também na tradução para o italiano, porque como acrescenta a autora depois, nem o imperador da China entenderia o que significam.

Como já foi mencionado, Clarice Lispector manipula a língua em profundidade, brincando com os duplos sentidos das palavras e com as evocações que cada palavra pode suscitar. Um caso emblemático é dado pelo trecho seguinte: “Eu ponhei cada coisa em seu lugar. É isso mesmo: ponhei. Porque “pus” parece de ferida feia e marrom na perna de mendigo” (Lispector: 2012, p. 85). A autora aqui utiliza “ponhei”, que é a primeira pessoa do pretérito perfeito simples do verbo *ponhar*, em contraposição a “pus”, que é o pretérito perfeito simples do verbo *pôr*. Os dois verbos têm o mesmo significado, mas *ponhar* é um verbo utilizado só no Brasil, geralmente na língua informal. *Ponhar* no uso

comum é o resultado de uma tentativa de regularizar as formas atípicas do verbo pôr, mas Clarice Lispector recorre ao verbo *ponhar* de forma consciente, para criar um contraste com “pus”, que pode ser seja o pretérito perfeito do verbo *pôr*, seja o líquido amarelado das feridas infectas. No italiano, para manter uma coerência de tempos verbais com o resto do texto, foi preciso traduzir o verbo no *passato prossimo* e não no *passado remoto*, portanto em vez de uma palavra só, são utilizadas duas palavras: “ho messo” em vez de “misi”. A primeira frase da citação poderia ser traduzida assim:

Eu ponhei cada coisa em seu lugar. É isso mesmo: ponhei.

Ho messo a posto ogni cosa. È proprio così: ho messo.

O que se perde na tradução para o italiano é o exagero, porque se “ponhei” em português provoca a sensação de que haja um erro, no italiano “ho messo” não provoca o mesmo sentido de estranho: de facto *mettere a posto* é uma expressão correta na língua italiana. Mas o verdadeiro problema surge na frase seguinte:

Porque “pus” parece de ferida feia e marrom.

Para não perder completamente o trocadilho, uma alternativa foi o *passato prossimo* do verbo *porre*, ou seja, “ho posto”, mas “ho posto in ordine” para um italiano pareceria um erro combinatório. Em vez de expressar o contraste com o “pus” por meio do verbo, na tradução para o italiano o contraste é entre os substantivos “luogo” e “posto”, dado que, apesar da palavra “posto” não coincidir com o “pus”, pelo menos há uma assonância e a tradução proposta é:

Ho messo al suo luogo ogni cosa. Proprio così: al suo luogo. Perché “a posto” ricorda il pus di una ferita brutta e marrone sulla gamba di un mendicante.

A expressão “al suo luogo” não é completamente errada, mas é estranha, portanto não foi perdido o sentido de estranho do texto de origem, expressa por meio de “ponhei” no texto original. O que foi perdido foi a homonímia de “pus”, como pretérito perfeito simples do

verbo *pôr* e no sentido de secreção das feridas, mas a solução melhor que se conseguiu foi a de associar “posto” ao “pus” por meio de uma assonância.

Foi preciso amplificar algumas frases porque, devido à sua construção peculiar, na língua de chegada poderiam parecer ambíguas. A primeira foi:

O vestido todo parece tocado numa harpa. Sinto-me voar nele, livre da lei da gravidade. (Lispector: 2012, p. 53-54)

Tutto il vestito sembra suonato da un'arpa. Mi sento volare quando lo indosso, libera dalla legge di gravità.

A tradução literal de “nele” seria “in esso”, mas escrever “mi sento volare in esso” pareceria incorreto para o leitor italiano. O mesmo aconteceu em outra frase:

E quando você me dá sua mão fria, eu, a quente, sinto um arrepio na espinha. (Lispector: 2012, p. 68)

E quando mi fai la tua mano fredda, io, che ce l'ho calda, sento un brivido lungo la schiena.

Foi preciso utilizar no texto da língua de chegada um maior número de palavras para exprimir ou esclarecer o sentido de uma parte do enunciado. Se “a quente” tivesse sido traduzido literalmente só com “la calda” resultaria ambíguo para a compreensão do que Ângela quer dizer.

I.4.6. Idiomatismos

O livro, além de falar baixo e ter um tom de reza, é escrito numa linguagem coloquial e não faltam as expressões idiomáticas. Geralmente as expressões idiomáticas não devem ser traduzidas palavra por palavra, mas seria apropriado escolher um equivalente na língua de chegada, que apresente o mesmo grau de informalidade (Newmark: 1988, p. 220).

A primeira expressão que registamos é “não abro mão de minha luta e de minha indecisão”¹⁸. A expressão significa não se render e na tradução para o italiano não foi traduzida com outra expressão idiomática, porque a mais semelhante era “non darla vinta” e não ficava bem dentro da frase, portanto foi traduzida com o seu significado: “non mi arrendo”.

A segunda que vale a pena comentar é “Meu fôlego de sete gatos amedronta os que poderiam vir” (Lispector: 2012, p. 60), que descreve uma pessoa que faz tudo, com uma energia exuberante, sem preocupar-se de nada. Como no italiano não existe uma expressão semelhante, foi traduzida interpretando o seu significado, ou seja, “spirito irrefrenabile”, mantendo a ideia do fôlego com a palavra “spirito”.

A terceira expressão idiomática difícil de traduzir foi “unha e carne”¹⁹ e foi traduzida literalmente porque, apesar de existir no italiano expressões idiomáticas que têm o mesmo significado, como por exemplo “pappa e ciccia”, eram demasiado informais e não mantinham o sentido primário da metáfora. Como a imagem da unha encravada na carne para o leitor italiano não é estranha, ou de qualquer maneira não é difícil de compreender, foi traduzida literalmente como “unghia e carne”.

I.4.7. Pontuação

A pontuação sempre foi uma característica fundamental e expressiva da escrita de Clarice Lispector: é o único meio de que dispõe para evidenciar uma pausa, uma respiração, um silêncio. Há um trecho no texto em que a pontuação está quase ausente e as palavras fluem atadas umas às outras como um fluxo de consciência que não se consegue parar, indo de um pensamento para outro, conectado ou desconectado em relação ao que está antes ou depois, como quem, do nada, deixasse brotar o pensamento sem vinculá-lo a um tema ou argumento. É uma contínua emersão de imagens que não é controlada pela pontuação e, além de tornar mais evidente o fluxo, provavelmente quer evidenciar a ausência de

¹⁸ “AUTOR. – Ângela é muito parecida com o meu contrário. Ter dentro de mim o contrário do que sou é em essência imprescindível: não abro mão de minha luta e de minha indecisão e o fracasso – pois sou um grande fracassado. o fracasso me serve de base para eu existir” (Lispector: 2012, p. 39).

¹⁹ “Cada palavra solta é um pensamento grudado a ela como unha e carne” (Lispector: 2012, p. 63).

silêncio entre um pensamento e outro, a ausência de um espaço obscuro entre uma palavra e a outra, como se significassem simplesmente o que significam:

As uvas, um cacho de uvas redondas e polpudas é líquidas e falsamente transparentes porque dão a impressão de serem transparentes, mas não se vê o lado de lá tu és inteiramente opaco embora dêes a impressão de transparência diabo pro inferno que tenho a ver com a opacidade das coisas e a tua o touro da fazenda é grosso as vacas cheirando a campos e campo inéditos o campo fica ao ar livre entre o campo e o céu eu respiro o ar que voa voa leve quando começa a brisar meu rosto nu e desgovernado louco quando as janelas batem e batem as ventanias gosto tanto de ser brisada como de me expor à ventania que bate as portas e janelas do casarão inteiro. (Lispector: 2012, p. 69-70)

L'uva, un grappolo d'uva rotonda e polposa e líquida e trasparente per finta perché dà l'impressione di essere trasparente, ma non si vede dall'altra parte, tu sei interamente opaco nonostante tu dia l'impressione di essere trasparente diavolo per l'inferno con cui ho a che fare con la tua opacità e quella delle cose il toro della fattoria è grosso le mucche odorano di campi e campi inediti il campo è all'aria aperta tra il campo e il cielo io respiro l'aria che vola vola lieve quando comincia a soffiare sul mio volto nudo e disordinato folle quando le finestre battono e battono per le folate di vento mi piace tanto sentire la brezza come espormi alle folate di vento che fanno battere porte e finestre dell'intero caseggiato.

No texto de chegada esse trecho foi mantido sem pontuação como no original. A quase ausência de pontuação deixa o leitor desorientado perante o texto que é um fluxo de pensamentos, que brota abundantemente até exaurir-se num ponto final, num silêncio. O desorientamento perante a falta da guia da pontuação é provocado tanto no leitor do texto original quanto no leitor do texto traduzido.

O leitor que se aproxima da obra de Clarice Lispector provavelmente está à procura de uma narrativa que lhe permita refletir e enfrentar as suas emoções mais profundas, portanto é um leitor que não se cansa perante uma busca existencial de palavras à procura do que não se pode dizer por meio da linguagem. O que Clarice

Lispector tentou por meio de *Um sopro de vida* foi a desesperada transcrição dela mesma numa folha branca, para exorcizar a angústia perante a morte, e permitir ao seu fluxo de consciência interior criar sempre uma última vez, uma última palavra que é também a prova da possibilidade de vida.

Traduzir Clarice Lispector é um desafio, porque como ela cavou a fundo na sua língua, para encontrar a expressão ideal para expressar algo que não pode ser dito, também o tradutor tem de arriscar-se nessa empresa e, guiado pelo texto original, manipular a sua língua e adaptá-la às exigências dessa busca existencial. Nenhuma língua possui todas as palavras capazes de expressar os sentimentos humanos e, entre as diferentes línguas, há matizes de significado que evidenciam um ou outro aspeto. Como a de Clarice Lispector é uma escrita que se baseia essencialmente em conceitos mentais, é impossível oferecer uma tradução completa de cada matiz de significado presente no texto original, como é impossível para o autor traduzir tudo o que existe na sua mente no pensamento ou no pré-pensamento. Contudo, no caso da tradução de Clarice Lispector, o mais difícil foi traduzir o silêncio, aquele silêncio que permite às palavras vir à luz.

Un soffio di vita

Pulsazioni

“Voglio scrivere movimento puro”

Allora il Signore Iddio formò l'uomo
dalla polvere della terra, alitò nelle
sue narici un soffio vitale e l'uomo
divenne un essere vivente.

Genesi 2,7

La gioia assurda per eccellenza è la
creazione.

NIETZSCHE

Il sogno è una montagna che il
pensiero deve scalare. Non esiste
sogno senza pensiero. Scherzare è
insegnare idee.

ANDRÉA AZULAY

Ci sarà un anno in cui ci sarà un
mese, in cui ci sarà una settimana in
cui ci sarà un giorno in cui ci sarà
un'ora in cui ci sarà un minuto in cui
ci sarà un secondo e dentro il secondo
ci sarà il non-tempo sacro della morte
trasfigurata.

CLARICE LISPECTOR

Questo non è un lamento, è un grido di rapace. Iridescente e inquieto. Il bacio sul volto morto.

Scrivo come se fosse per salvare la vita di qualcuno. Probabilmente la mia stessa vita. Vivere è una specie di pazzia che la morte fa. Vivano i morti perché in essi viviamo.

All'improvviso le cose non hanno bisogno di avere senso. Mi soddisfo nell'essere. Tu sei? Sono sicura di sì. Il non senso delle cose mi fa avere un sorriso di compiacimento. Di certo tutto deve essere ciò che è.

Oggi è un giorno di nulla. Oggi è l'ora zero. Esiste per caso un numero che non sia nulla? che sia meno di zero? che cominci in ciò che non è mai cominciato perché è sempre stato? ed era prima di sempre? Mi lego a questa assenza vitale e ringiovanisco tutto, allo stesso tempo contenuto e totale. Tondo senza inizio e senza fine, io sono il punto prima dello zero e del punto finale. Dallo zero all'infinito cammino senza fermarmi. Ma allo stesso tempo tutto è così fugace. Io sono sempre stato e immediatamente non ero più. Il giorno corre là fuori a caso e ci sono abissi di silenzio in me. L'ombra della mia anima è il corpo. Il corpo è l'ombra della mia anima. Questo libro è l'ombra di me. Per passare chiedo venia. Io mi sento colpevole quando non vi obbedisco. Sono felice nel momento sbagliato. Infelice quando tutti danzano. Mi hanno detto che gli storpi si dilettono così, come mi hanno detto che i ciechi si rallegrano. È che gli infelici si compensano.

La vita non è mai stata attuale come oggi: per un pelo è il futuro. Tempo per me significa la disgregazione della materia. La putrefazione di ciò che è organico come se il tempo fosse una specie di verme dentro un frutto e stesse rubando a questo frutto tutta la sua polpa. Il tempo non esiste. Ciò che chiamiamo tempo è il movimento di evoluzione delle cose, ma il tempo in sé non esiste. Oppure esiste immutabile e in esso noi ci trasliamo. Il tempo passa troppo velocemente e la vita è così corta. Quindi – affinché io non venga inghiottito dalla voracità delle ore e dalle novità che fanno passare velocemente

il tempo – coltivo un certo tedio. Assaggio così ogni detestabile minuto. E coltivo anche il vuoto silenzio dell’eternità della specie. Voglio vivere molti minuti in un solo minuto. Voglio moltiplicarmi fino a contenere anche aree desertiche che danno l’idea di immobilità eterna. Nell’eternità non esiste il tempo. Notte e giorno sono contrari perché sono il tempo e il tempo non si divide. Da ora in poi il tempo sarà sempre attuale. Oggi è oggi. Sono spaventato e allo stesso tempo diffidente per quanto mi viene dato. E domani avrò di nuovo un oggi. C’è qualcosa di dolore e strazio nel vivere l’oggi. Il parossismo della più fine ed estrema nota di violino insistente. Ma c’è l’abitudine e l’abitudine anestetizza. Il pungiglione dell’ape del giorno fiorente di oggi. Grazie a Dio, ho da mangiare. Il nostro pane quotidiano.

Vorrei scrivere un libro. Ma dove sono le parole? si sono svuotati i significati. Come sordo-muti comunichiamo con le mani. Vorrei che mi dessero il permesso di scrivere con un suono arpegiato e agreste i rottami della parola. E prescindere dall’essere discorsivo. Così: inquinamento.

Scrivo o non scrivo?

Saper desistere. Abbandonare o non abbandonare – molte volte questo è il problema per un giocatore. L’arte di abbandonare non viene insegnata a nessuno. Ed è tutt’altro che rara la situazione angusta in cui devo decidere se ha senso continuare a giocare. Sarò capace di abbandonare nobilmente? o sono uno di quelli che proseguono caparbiamente sperando che succeda qualcosa? Come, diciamo, la stessa fine del mondo? o qualunque cosa sia, come la mia morte improvvisa, ipotesi che renderebbe superflua la mia desistenza?

Io non voglio scommettere con me stesso. Un fatto. Cos’è che diventa un fatto? Devo interessarmi all’avvenimento? Forse mi abbasso tanto al punto di riempire le pagine con informazioni sui “fatti”? devo immaginare una storia o faccio largo all’ispirazione caotica? Tanta falsa ispirazione. E quando viene quella vera e io non me ne rendo conto? Sarebbe troppo orribile volersi avvicinare al limpido io dentro se stessi? Sì, ed è quando l’io comincia a non esistere più, a non rivendicare nulla, comincia a far parte dell’albero della vita – è per raggiungere questo che lotto. Dimenticarsi di se stessi e intanto vivere così intensamente.

Ho paura di scrivere. È così pericoloso. Chi ci ha provato, lo sa. Pericolo di agitarsi in ciò che è occulto – e il mondo non è manifesto, è occulto nelle sue radici sommerse

nelle profondità del mare. Per scrivere devo collocarmi nel vuoto. È in questo vuoto che esisto intuitivamente. Ma è un vuoto terribilmente pericoloso: da esso spillo sangue. Sono uno scrittore che ha paura del trabocchetto delle parole: le parole che dico ne nascondono altre – quali? Può darsi che le dica. Scrivere è una pietra lanciata nel pozzo profondo.

Meditazione lieve e tenera sul nulla. Scrivo quasi da liberare totalmente il mio corpo. È come se fossi in lievitazione. Il mio spirito è vuoto a causa di tanta felicità. Sto provando una libertà intima che si può comparare solo ad un cavalcare senza meta per i campi lì fuori. Sono senza meta. La mia meta sarà raggiungere la libertà? non c'è ruga sul mio spirito che si sparge sulla spiaggia come lievi spume. Non sono più tormentato. Questa è la grazia.

Sto ascoltando la musica. Debussy usa la schiuma del mare che muore sulla sabbia, rifluendo e fluendo. Bach è matematico. Mozart è il divino impersonale. Chopin racconta la sua vita più intima. Schoenberg, attraverso il suo io, raggiunge il classico io di ognuno. Beethoven è l'emulsione umana in tempesta alla ricerca del divino che può raggiungere solo con la morte. Quanto a me, che non chiedo musica, giungo solo alla soglia della parola nuova. Senza il coraggio di esporla. Il mio vocabolario è triste e a volte wagneriano-polifonico-paranoico. Scrivo in un modo molto semplice e molto nudo. Per questo ferisce. Sono un paesaggio grigio e blu. Mi elevo nella fonte secca e nella luce fredda.

Voglio scrivere in modo squallido e strutturale come il risultato di squadre, compassi, angoli acuti di un triangolo stretto ed enigmatico.

“Scrivere” esiste di per sé? No. È solo il riflesso di una cosa che domanda. Io lavoro con l'inaspettato. Scrivo come scrivo senza sapere come e perché – è per fatalità di voce. Il mio timbro sono io. Scrivere è un'indagine. È così:

Forse mi sto tradendo? forse sto sviando il corso di un fiume? Devo avere fiducia in questo fiume abbondante. O forse metto una barriera al corso di un fiume? Tento di aprire le chiuse, voglio vedere l'acqua sgorgare impetuosa. Voglio che ogni frase di questo libro sia un climax.

Devo avere pazienza così i frutti saranno sorprendenti.

Questo è un libro silenzioso. E parla, parla sottovoce.

Questo è un libro fresco – appena uscito dal nulla. È suonato al piano, con delicatezza e forza al piano e tutte le note sono limpide e perfette, le une separate dalle

altre. Questo libro è un piccione viaggiatore. Io scrivo per niente e per nessuno. Se qualcuno dovesse leggermi sarà per conto proprio e a proprio auto-rischio. Io non faccio letteratura: vivo soltanto nello scorrere del tempo. Il risultato fatale del mio vivere è l'atto di scrivere. Da tanti anni mi sono perso di vista, tanto che esito a cercare di incontrarmi. Ho paura di cominciare. Esistere mi dà, a volte, una tale tachicardia. Ho tanta paura di essere io. Sono tanto pericoloso. Mi hanno dato un nome e mi hanno alienato da me.

Sento che non sto ancora scrivendo. Intuisco e voglio un parlare più fantasioso, più esatto, con maggiore trasporto, che faccia spirali in aria.

Ogni nuovo libro è un viaggio. Solo che è un viaggio con gli occhi bendati per mari mai prima rivelati – la benda sugli occhi, il terrore dell'oscurità è totale. Quando sento un'ispirazione, muoio di paura, perché so che viaggerò di nuovo e da solo in un mondo che mi scaccia via. Ma i miei personaggi non hanno colpa di questo e li tratto nel miglior modo possibile. Loro vengono da nessun luogo. Sono l'ispirazione. Ispirazione non è pazzia. È Dio. Il mio problema è la paura di diventare pazzo. Devo controllarmi. Esistono leggi in materia di comunicazione. L'impersonalità è una condizione. La separazione e l'ignoranza sono un peccato in un senso generale. E la pazzia è la tentazione di essere totalmente il potere. I miei limiti sono la materia prima da lavorare quando non viene raggiunto l'obiettivo.

Io vivo in carne viva, per questo cerco in tutti i modi di dare una pelle grossa ai miei personaggi. Solo che non ci riesco e li faccio piangere per niente.

Radici semoventi che non sono piantate o la radice di un dente? Poiché sciolgo anche le mie briglie: uccido ciò che mi perturba e il bene e il male mi perturbano, e vado definitivamente incontro ad un mondo che sta dentro di me, io che scrivo per liberarmi dal compito difficile per una persona di essere se stessa.

In ogni parola pulsa un cuore. Scrivere è una tale ricerca di intima veracità di vita. Vita che mi perturba e lascia il mio stesso cuore tremante a soffrire l'incalcolabile dolore che sembra essere necessario alla maturazione – maturazione? Fino ad ora ho vissuto senza!

Sì. Ma sembra che sia arrivato l'istante di accettare in pieno la misteriosa vita di coloro che un giorno moriranno. Devo iniziare ad accettarmi e non sentire l'orrore che mi punisce ogni volta che cado, visto che quando cado anche la razza umana dentro di me cade. Accettarmi pienamente? È una violenza alla mia vita. Ogni cambiamento, ogni

progetto nuovo provoca stupore: il mio cuore è stupito. È per questo che ogni mia parola ha un cuore dove circola sangue.

Tutto ciò che scrivo qui è forgiato nel mio silenzio e nella penombra. Vedo poco, non sento quasi nulla. Mi immergo, infine, dentro di me fino al luogo in cui nasce lo spirito che mi abita. La mia sorgente è oscura. Sto scrivendo perché non so cosa fare di me. Vale a dire: non so che cosa fare del mio spirito. Il corpo da molti segnali. Ma non conosco le leggi dello spirito: vaga. Il mio pensiero, con l'enunciazione delle parole che nella mente scorrono, senza che poi io parli o scriva – questo mio pensiero di parole è simile ad una visione istantanea, senza parole, del pensiero – parola che sarà seguita, quasi immediatamente – differenza spaziale di meno di un millimetro. Prima di pensare, quindi, ho già pensato. Suppongo che il compositore di una sinfonia abbia solo “il pensiero prima del pensiero”, ciò che si vede in questa rapidissima idea muta è poco più di un'atmosfera? No. In verità è un'atmosfera che, già colorata con il simbolo, mi fa sentire l'aria dell'atmosfera da dove viene tutto. Il pre-pensiero è in bianco e nero. Il pensiero con le parole ha altri colori. Il pre-pensiero è il pre-istante. Il pre-pensiero è il passato immediato dell'istante. Pensare è la concretizzazione, materializzazione di ciò che si è “pre-pensato”. In verità il pre-pensare è ciò che ci guida, dato che è intimamente legato alla mia coscienza muta. Il pre-pensare non è razionale. È quasi vergine.

A volte la sensazione di pre-pensare è un'agonia: è la tortuosa creazione che si dibatte nelle tenebre e che si libera solo dopo aver pensato – con le parole.

Voi mi obbligate ad uno sforzo tremendo di scrivere; ora, con permesso, mio caro, lasciatemi passare. Sono serio e onesto e se non dico la verità è perché essa è proibita. Io non applico il proibito, ma lo libero. Le cose obbediscono al soffio vitale. Si nasce per godere. E godere è già nascere. Quando siamo feti godiamo del conforto totale del ventre materno. Quanto a me, non ne so nulla. Ciò che possiedo mi entra dalla pelle e mi fa agire sensualmente. Io voglio la verità che mi è data solo attraverso il suo opposto, attraverso la sua non-verità. Io non sopporto il quotidiano. Dev'essere per questo che scrivo. La mia vita è un unico giorno. Ed è così che il passato è per me presente e futuro. Tutto in una sola vertigine. E la dolcezza è tanta che rende insopportabile il solletico all'anima. Vivere è magico ed interamente inspiegabile. Comprendo meglio la morte. Essere quotidiano è un vizio. Che cosa sono io? sono un pensiero. Ho in me il soffio? ce l'ho? ma chi è che ce l'ha? chi è che parla per me? ho un corpo e uno spirito? io sono un io? “è esattamente

questo, tu sei un io”, mi risponde il mondo in modo terribile. E rimango inorridito. Dio non deve essere mai pensato altrimenti fugge o fuggo io. Dio deve essere ignorato e sentito. Quindi Lui agisce. Mi chiedo: perché Dio vuole tanto essere amato da noi? Risposta possibile: perché così noi amiamo noi stessi e nell’amarci, ci perdoniamo. E come abbiamo bisogno di perdono. Perché la vita stessa è già mescolata all’errore.

Il risultato di tutto questo è che dovrò creare un personaggio – più o meno come fanno gli scrittori, e attraverso la sua creazione, conoscere. Perché io da solo non ci riesco: la solitudine, la stessa che esiste in ciascuno, mi fa inventare. E ci sarà un altro modo di salvarsi? se non quello di creare le proprie realtà? ho forza per questo come tutti – è vero o non è vero che abbiamo finito per creare una fragile e folle realtà che è la civilizzazione? questa civilizzazione guidata appena dal sogno. Ogni mia invenzione mi suona come una preghiera laica – tale è l’intensità di sentire, scrivo per imparare. Ho scelto me ed il mio personaggio – Angela Pralini – perché magari, attraverso di noi, io possa comprendere questa mancanza di definizione della vita. La vita non ha aggettivi. È un miscuglio in uno strano crogiolo che, infine, mi concede di respirare. E a volte ansimare. E a volte far fatica a respirare. Sì. Ma a volte anche una profonda boccata d’aria che raggiunge persino il sottile freddo dello spirito, imprigionato, per il momento, al corpo.

Io vorrei iniziare un’esperienza e non solo essere vittima di un’esperienza non autorizzata da me, appena avvenuta. Da qui la mia invenzione di un personaggio. Voglio rompere, oltre all’enigma del personaggio, anche l’enigma delle cose.

Questo a cui mi riferisco, sarà un libro fatto apparentemente di relitti di libro. Ma in verità si tratta di ritrarre rapidi barlumi miei e rapidi barlumi del mio personaggio, Angela. Io potrei prendere ogni barlume e dissertare per le pagine su di esso. Ma succede che è proprio nel barlume che, a volte, sta l’essenza della cosa. Ogni annotazione sul mio diario sia sul diario che ho fatto scrivere ad Angela, porta un piccolo spavento. Ogni annotazione è scritta al presente. L’istante è già fatto di frammenti. Non voglio dare un falso futuro ad ogni barlume di un istante. Tutto avviene esattamente nel momento in cui viene scritto o letto. Questo passaggio è stato scritto, in verità, in relazione alla sua forma base dopo aver riletto il libro, perché durante il suo svolgimento non avevo chiaro il cammino da prendere. Intanto, senza dare maggiori ragioni logiche, mi ostinavo a mantenere l’aspetto frammentario tanto in Angela quanto in me.

La mia vita è fatta di frammenti e così succede ad Angela. La mia stessa vita ha un vero intreccio. Sarebbe la storia della corteccia di un albero e non dell'albero. Un mucchio di fatti di cui solo la sensazione sarebbe esplicativa. Vedo che, senza volere, ciò che io scrivo e che Angela scrive sono passaggi, per così dire, sciolti, seppure in un contesto di...

È così che questa volta mi viene in mente il libro. E, siccome rispetto ciò che viene da me a me, è proprio così ciò che scrivo.

Quello che c'è scritto qui, mio o di Angela, sono resti di una demolizione dell'anima, sono tagli laterali di una realtà che mi sfugge continuamente. Questi frammenti di libro vogliono dire che io lavoro sulle rovine.

So che questo libro non è facile, ma è facile solo per coloro che credono nel mistero. Mentre lo scrivo non mi conosco, mi dimentico di me. Io che appaio in questo libro non sono io. Non è autobiografico, voi non sapete nulla di me. Non ti ho mai detto e mai ti dirò chi sono. Io sono voi stessi! Ho preso da questo libro solo ciò che mi interessava – ho lasciato da parte la mia storia e la storia di Angela. Ciò che mi importa sono le fotografie istantanee delle sensazioni – pensate, e non la posa immobile di coloro che sperano che dica: guarda l'uccellino! Visto che non sono un fotografo di strada.

Ho già letto questo libro fino alla fine e aggiungo qualche notizia a questo inizio. Vale a dire che il finale, che non deve essere letto prima, si rettifica nell'inizio come in un circolo, serpente che si morde la coda. E, leggendo il libro, ne ho tagliato più della metà, ho lasciato solo ciò che mi provoca e mi ispira per la vita: stella lucente all'imbrunire.

Non leggere ciò che scrivo come se fossi un lettore. A meno che questo lettore non lavori, pure lui, sui soliloqui dell'oscuro irrazionale.

Se questo libro dovesse mai uscire, si allontanino da esso i profani. Dato che scrivere è una cosa sacra a cui gli infedeli non hanno accesso. Sto facendo di proposito un libro pessimo per allontanare i profani che vogliono "gradire". Ma un piccolo gruppo vedrà che questo "gradire" è superficiale e entreranno in ciò che veramente scrivo, e che non è "pessimo" e nemmeno "buono".

L'ispirazione è come un misterioso profumo d'ambra. Ho un pezzettino d'ambra con me. il profumo mi fa sentire sorella delle sante orge del Re Salomone e della Regina di Saba. Benedetti siano i tuoi amori. Forse ho paura di fare il passo di morire proprio

ora? Fare attenzione per non morire. Intanto sono già nel futuro. Questo mio futuro che sarà per voi il passato di un morto. Quando finirete questo libro piangete per me un alleluia. Quando volterete le ultime pagine di questo libro di vita fallito e audace e scherzoso, allora dimenticatemi. Che Dio vi benedica allora e questo libro finisce bene. Affinché io possa avere finalmente riposo. Che la pace sia con noi, con voi e con me. Sto cadendo nel discorso? che mi perdonino i fedeli del tempio: io scrivo e così mi libero di me e posso infine riposare.

Il Sogno ad Occhi
Aperti è la Vera Realtà

ANGELA

L'ultima parola sarà la quarta dimensione.

Lunghezza: lei che parla

Larghezza: dietro al pensiero

Profondità: io che parlo di lei, dei fatti e sentimenti
e del suo stare dietro al pensiero.

Io devo essere leggibile quasi nell'oscurità.

Ho fatto un sogno nitido inspiegabile: ho sognato che giocavo con il mio riflesso. Ma il mio riflesso non era nello specchio, rifletteva una persona che non ero io.

È a causa di questo sogno che ho inventato Angela come mio riflesso? Tutto è reale ma si muove len-ta-men-te a rallentatore. O balza da un tema all'altro, disconnesso. Se mi sradico rimango con la radice esposta al vento e alla pioggia. Friabile. E non come il granito azzurrognolo o la pietra di Yansà senza crepe né fessure. Angela al momento ha una benda sul viso che ne nasconde l'identità.

Man mano che continuerà a parlare si leverà la benda – fino al volto nudo. La sua faccia parla rude ed espressiva. Prima di sbendarla laverò l'aria con la pioggia e ammorbidirò il terreno per lavorarlo.

Eviterò di annegare nel mulinello del suo fiume d'oro liquido con riflessi di smeraldo. La sua lama è rossastra. Angela è una statua che grida e svolazza intorno alle chiome degli alberi. Il suo mondo è solo tanto irreale quanto la vita di chi per ventura mi ha letto. Sorreggo alta la lanterna affinché lei intraveda la via che è uno sviamento. È con incontenibile allegria che, stupefatto, la vedo innalzarsi e volare fruscando le ali.

Per crearla devo arare la terra. C'è una qualche avaria nel funzionamento del sistema di controllo della mia nave mentre supera gli spazi in cerca di una donna? Un computer in cristalli di silicio puro, con l'equivalente di milioni di transistori microscopici incisi sulla superficie levigata e sfavillante con il sole a picco in uno specchio, Angela è uno specchio.

Voglio che attraverso di lei i più alti assiomi di matematica possano essere risolti in una frazione di secondo. Voglio calcolare attraverso di lei il risultato di sette volte la radice quadrata di 15 elevato alla terza potenza. (La risposta è 406,663325.)

Il cervello di Angela rimane intarsiato in uno strato protettore di plastica che lo rende praticamente indistruttibile – dopo la mia morte Angela continuerà a vibrare. Statua sempre traslata dal folle ronzio di tre migliaia di api dorate. Un angelo trasportato da farfalle azzurre? Un angelo non nasce né muore. Un angelo è uno stato d'animo. Io l'ho

scolpita con le radici attorcigliate. È solo per impazienza che Angela esiste in me. Quanto a me riduco tutto a parole di frenesia.

Tutti noi siamo sotto pena di morte. Mentre scrivo posso morire. Un giorno morirò tra le altre cose.

- È stato Dio ad inventarmi e su di me ha soffiato e io sono diventato un essere vivente. Ecco che presento a me stesso una figura. E penso, quindi, che sono già nato abbastanza per poter tentare di esprimermi anche se con parole brusche. È il mio mondo interiore che parla e a volte senza nesso con la coscienza. Parlo come se qualcuno parlasse per me. È il lettore a parlare per me?

Non mi ricordo della mia vita precedente, visto che ho il risultato che è oggi. Ma mi ricordo del giorno di domani.

Come inizio?

Sono così spaventato che la voglia di entrare in questa scrittura deve essere all'improvviso, senza preavviso. Scrivere è senza preavviso. Ecco allora che comincio con l'istante uguale a quello di chi si lancia nel suicidio: l'istante è all'improvviso. Ed ecco che è all'improvviso che entro nel bel mezzo di una festa. Sono agitato e apprensivo: non è facile avere a che fare con Angela, la donna che ho inventato perché avevo bisogno di un fac-simile di dialogo. Festa maledetta? No, la festa di un uomo che vuole condividere con te, Angela, qualcosa che mi impregna tutto.

Angela Pralini è festa di nascita. Non so che cosa aspettarmi da lei: dovrò soltanto trascriverla? Devo aver pazienza per non perdermi dentro di me: vivo perdendomi di vista. Devo avere pazienza perché ci sono varie strade, compreso il fatale vicolo cieco. Sono un uomo che ha scelto il silenzio grande. Creare un essere che mi contrapponga dentro il silenzio. Clarinetto a spirale. Violoncello oscuro. Ma riesco a vedere, sebbene male e male, Angela in piedi vicino a me. Eccola che si avvicina un altro po'.

Poi si siede vicino a me, porta il volto tra le mani e piange per essere stata creata. La consolo facendole capire che anch'io sento la vasta e informe malinconia di essere stato creato. Magari fossi rimasto nell'immanenza del sacro Nulla. Ma c'è una saggezza della natura che mi fa, dopo avermi creato, muovere senza che io sappia a cosa servono le gambe. Angela, anch'io ho creato il mio focolare in un nido strano e anch'io obbedisco all'insistenza della vita. La mia vita mi vuole scrittore e allora scrivo. Non è per scelta: è un intimo ordine di comando.

E così, come ho ricevuto il soffio di vita che fa di me un uomo, soffio in te che diventi un'anima. Ti presento a me, visualizzandoti in istantanee che avvengono già nel mezzo della tua inaugurazione: tu non cominci dal principio, cominci dal mezzo, cominci dall'istante di oggi.

Comincia il giorno. Il giorno è uno spaccapietre di strada che sento nella mia stanza. Vorrei che nel mio modo di fissarti per me stesso nulla avesse ritagli e definizioni: tutto si muoverebbe appena in un moto circolare.

A volte sento che Angela è elettronica. È una macchina ad alta precisione o nata in vitro? È fatta di molle e viti? O è la metà viva di me? Angela è più di me stesso. Angela non sa che è un personaggio. Del resto, anch'io forse sono il personaggio di me stesso. Forse Angela sente di essere un personaggio? Perché, quanto a me, sento di tanto in tanto di essere il personaggio di qualcuno. È scomodo essere due: io per me ed io per gli altri. E vivo nel mio eremo da dove esco solo per esistere in me: Angela Pralini. Angela è la mia necessità. Ma ancora non so perché Angela vive in una specie di continua preghiera. Preghiera pagana. Sempre nuovi terrori scomunicati. Lei ha raggiunto una lingua nativa.

Angela non si conosce, e non ha in sé la propria immagine nitida. C'è sconnessione in lei. Lei confonde in sé il "per-me" e il "di-me"! se lei non fosse tanto meravigliata e paralizzata dal suo esistere, si vedrebbe anche dall'esterno verso l'interno – e scoprirebbe di essere una persona vorace: così sgraziata da avvicinarsi alla completa ingordigia, come se le levassero il pane di bocca. Ma lei pensa di essere soltanto delicata.

Sto scolpendo Angela con le pietre dei pendii, fino a trasformarla in statua. Poi soffio su di lei e lei si anima e mi domina.

È necessario non dimenticare che mi differenzio sostanzialmente da Angela. Inoltre, l'uomo che sono, tenta invano e inquieto di accompagnare i meandri bizantini di una donna, con nascondigli e spigoli e angoli e carne fresca – e all'improvviso spontanea come un fiore. Io come scrittore spargo dei semi. Angela Pralini è nata da un seme antico che ho lanciato in una terra dura da millenni. Per arrivare a me ci sono voluti millenni sulla terra?

Fino a dove arrivo io e dove inizio già ad essere Angela? Siamo frutti dello stesso albero? No – Angela è tutto ciò che io volevo essere e non sono stato. Che cos'è lei? lei è le onde del mare. Mentre io sono foresta fitta e ombrosa. Io sto nel fondo. Angela si sparge in schegge brillanti. Angela è la mia vertigine. Angela è il mio riverbero, essendo

mia emanazione, lei è io. Io, l'autore: l'incognito. È per coincidenza che sono io. Angela sembra una cosa intima che si è esteriorizzata. Angela non è un "personaggio". È evoluzione di un sentimento. È un'idea incarnata nell'essere. All'inizio c'era solo l'idea. Poi il verbo si è incontrato con l'idea. E poi il verbo non era più mio: mi trascendeva, era di tutto il mondo, era di Angela.

Ho sempre voluto trovare, un giorno, una persona che visse per me perché la vita è tanto colma di cose inutili che la sopporto solo con un'astenia muscolare in extremis, ho una pigrizia morale di vivere. Ho voluto fare come se Angela visse al mio posto – ma anche lei vuole solo il climax della vita.

Forse ho creato Angela per avere un dialogo con me stesso? Io ho inventato Angela perché ho bisogno di inventarmi – Angela è una attonita.

Tutto ciò che sono non posso provarlo. Ciò che immagino è reale, altrimenti su quali basi immaginerei Angela, la quale bramisce, muggisce, geme, sbuffa, belando e ringhiando e grugnendo.

Mi sento come se avessi già raggiunto segretamente ciò che volevo e continuassi a non sapere cos'ho raggiunto. Che sia stata questa cosa mezzo equivoca e schiva che chiamano vagamente "esperienza"?

AUTORE. – Io ho paura di quando si è formata la terra. Che tremenda esplosione cosmica.

Di strato in strato sotterraneo arrivo al primo uomo creato. Arrivo al passato degli altri. Mi ricordo di questo infinito e impersonale passato che è senza intelligenza: è organico ed è ciò che mi inquieta. Io non ho iniziato con me quando sono nato. Ho iniziato quando lenti dinosauri avevano iniziato. O meglio: nulla si comincia. È questo: solo quando l'uomo viene a conoscenza attraverso il suo rude sguardo ciò gli sembra un inizio. Allo stesso tempo – sembra una contraddizione – ho già cominciato molte volte. Pure adesso sto cominciando. Quanto ad Angela, lei è nata con me, adesso, lei si sforza di esistere. Solo che io sono emarginato nonostante abbia una moglie e dei figli – emarginato perché scrivo. Perché invece di procedere per la strada già aperta ho preso una scorciatoia. Le scorciatoie sono pericolose. Mentre Angela è inquadrata e sociale.

Angela ha dentro di sé acqua e deserto, popolamento ed eremo, abbondanza e carenza, paura e sfida. Ha in sé l'eloquenza e l'assurda mutezza, la sorpresa e l'antichità, la raffinatezza e la brutalità. Lei è barocca.

Estraggo i miei sentimenti e parole dalla mia notte assoluta.

La differenza tra me ed Angela si può sentire. Io rinchiuso nel mio piccolo mondo stretto ed angosciante, senza sapere come uscire per respirare la bellezza di ciò che sta fuori di me. Angela, agile, graziosa, piena di rintocchi di campane. Io, come se fossi ancorato ad un destino. Angela con la leggerezza di chi non ha fine.

Angela viene continuamente fatta e non ha nessun impegno nei confronti della propria vita né della letteratura né di qualsiasi arte, lei è senza proposito.

Angela si consola di esistere pensando: "io almeno ho il vantaggio di essere io e non un'altra persona estranea qualsiasi".

Io addomestico Angela. Devo attraversare montagne e aree desolate, battute da tempeste cicloniche, inondate da piogge torrenziali e indurite sotto un alto e vorace sole inclemente come la giustizia ideale. Io percorro questa donna come un treno fantasma,

attraverso colline e valli, attraverso città addormentate. La mia speranza è trovare la bozza di una risposta. Avanzo facendo attenzione.

- So che a Monserrat – montagne di conforto intimo e di solitudine pura – sono state trovate delle ceramiche dell'Età della Pietra e dell'Età del Bronzo, e due scheletri di iberi, il popolo che in origine abitava questa regione. Questo risveglia un'anima accesa che oscilla in me al sapore dei venti liberi. Avrei voluto fare in modo che Angela sapesse di questo ma non so come incastrare nella sua vita questa conoscenza che implica un'uscita da se stessi verso il terreno limpido e della pura informazione. Informazione preziosa che mi porta a millenni indietro e mi affascina per l'aridità della comunicazione della frase.

Ghiacciato e stordente.

Ho immaginato il rumore limpido delle gocce d'acqua che cadevano nell'acqua – solo che questo minimo e delicato rumore sarebbe aumentato fino ad oltre il suono, in enormi gocce cristalline con un rintocco bagnato di campane che sommergono. Nell'aria ghiacciata e stordente le statue dormienti.

Sto scrivendo a tentoni.

Può essere che io sappia per davvero di essere io? Questa indagine viene dal mio constatare che Angela non sembra conoscere se stessa. Lei non sa di avere un centro suo e che è duro come una noce. Da cui si irradiano le parole. Fosforescente.

Scoraggiamento. Mi piacciono le sigarette spente.

La sensazione è l'anima del mondo. L'intelligenza è una sensazione? In Angela lo è.

Noto che i miei imitatori sono meglio di me. L'imitazione è più raffinata dell'autenticità allo stato brado. Ho l'impressione che mi sto imitando un po'. Il peggiore plagio è quello che si fa a se stessi. La lotta è dura: se fossi debole morirei. Quanto ad Angela, devo dire che so perfettamente che lei è solo un personaggio. Sono assolutamente lucido e posso parlare con una certa obiettività. Ma quello che non capisco è perché ho inventato Angela Pralini. È stato per ingannare qualcuno. Forse. Quella poca popolarità che ho mi disturba. E ci sono anche i miei imitatori. Ma, ed io? Quale stile uso, se già sono stato tanto usato e manipolato da alcune persone che hanno avuto il cattivo gusto di essere me? Scriverò un libro così chiuso da non permettere l'accesso, se non a pochi. O forse non scriverò mai più. Non so nulla. Il futuro – come direbbe Angela – pesa

tonnellate su di me. Sono perso in questa domenica senza freddo e senza caldo, e mi sono già rifugiato in un cinema.

La mia oscurità fatale sarà la promessa di una luce anch'essa fatale? Succede che temo la luce fatale e ho già una certa intimità con l'oscurità.

Sono già uscito dal territorio dell'umano e di conseguenza anche Angela. Mi sono trasceso in un certo grado di mutezza e sordità. Vivo per un pelo.

Lo vorrei.

AUTORE. – Io sono l'autore di una donna che ho inventato e a cui ho dato il nome di Angela Pralini. Vivevo bene con lei. Ma lei ha cominciato ad inquietarmi e ho visto che dovevo assumere di nuovo il ruolo dello scrittore per trascrivere Angela in parole, perché solo così mi potrò comunicare con lei.

Io scrivo un libro e Angela un altro: ho tolto da entrambi il superfluo.

Io scrivo a mezzanotte perché sono oscuro. Angela scrive di giorno perché è quasi sempre luce allegra.

Questo è un libro di non ricordi. Accade proprio adesso, non importa quando è stato o è o sarà questo proprio adesso. È un libro come quando si dorme profondamente e si sogna intensamente – ma c'è un istante in cui ci si sveglia, svanisce il sonno, e del sogno rimane solo un gusto di sogno nella bocca e nel corpo, rimane solo la certezza di aver dormito e aver sognato. Faccio il possibile per scrivere per caso. Voglio che la frase avvenga. Non so esprimermi a parole. Ciò che sento non è traducibile. Mi esprimo meglio attraverso il silenzio. Esprimermi con le parole è una sfida. Ma non sono all'altezza della sfida. Escono parole povere. E qual era la parola segreta? Non lo so, e perché la uso? Solo che non capisco, perché non oso dirla?

So bene che sono al buio e mi alimento con la vera e vitale oscurità. La mia oscurità è forse una larva che ha dentro di sé una farfalla? È così scuro che sono cieco. Semplicemente non posso più scrivere. Lascero parlare Angela per qualche giorno. Invece io penso...

ANGELA. – Vivere mi rende tremula.

AUTORE. – Anche a me la vita fa tremare.

ANGELA. – Sono ansiosa e afflitta.

AUTORE. – Vedo che Angela non sa come cominciare. Nascere è difficile. Le consiglio di parlare più semplicemente dei fatti? Le insegnerò a cominciare dal mezzo. Lei deve smettere di essere tanto esitante altrimenti sarà un libro tutto tremante, una goccia d'acqua penzolante che sta per cadere e quando cade si divide in frammenti di piccole gocce sparse. Coraggio, Angela, comincia senza chiamare per niente.

ANGELA. - ... e chiedo a me stessa se sto per morire. Perché scrivo quasi a rantoli e mi sento addolorata come in un saluto di addio.

AUTORE. – Questo alla fine è un dialogo o un doppio diario? So solo una cosa: in questo momento sto scrivendo: “in questo momento” è una cosa rara perché solo a volte cammino con entrambi i piedi sul terreno del presente: di solito un piede scivola nel passato, l'altro piede scivola nel futuro. E rimango senza nulla.

Angela è il mio tentativo di essere due. Sfortunatamente, però, noi, per forza delle circostanze ci assomigliamo ed anche lei scrive perché conosco qualcosa sull'atto di scrivere. (Anche se non scrivo: io parlo.)

Ho fatto una breve valutazione di possesso e sono giunto alla spaventosa conclusione che l'unica cosa che ancora non ci è stata tolta è il nostro nome. Angela Pralini, nome tanto gratuito quanto il tuo e che è diventato il titolo della mia identità tremante. Che questa identità mi porti da qualche parte? Che cosa ne faccio di me? Visto che nessun atto mi simbolizza.

ANGELA. – L'astronomia mi porta a una stella di Dio. Esala in incenso puro che si rompe in parole di vetro.

AUTORE. – Il mio non-io è magnifico e mi supera. Nel frattempo, lei mi è io.

ANGELA. – Sono nata amalgamata con la solitudine di questo preciso istante e che si prolunga tanto, e tanto è profonda, che non è più la mia solitudine, ma la Solitudine di Dio. Ho raggiunto, infine, il momento in cui nulla esiste. Nemmeno un po' d'affetto da me a me: la solitudine è questa, quella del deserto. Il vento come compagnia. Ah, ma

che freddo buio che fa. Mi copro con la malinconia dolce, e mi dondolo da qui a là, da qui a là, da qui a là. Così. Sì! È proprio così.

AUTORE. – Le parole di Angela sono anti-parole: vengono da un luogo astratto dentro di lei dove non si pensa, questo luogo buio, amorfo e gocciolante come una caverna primitiva. Angela, al contrario di me, raramente ragiona: lei crede soltanto.

Ora, per paura di scrivere, ti lascio parlare, anche se in modo incoerente come ti ho creata. Eccoti, nel tuo folle inintelligibile dialogo con me:

ANGELA. – Io, gazzella spaventata e farfalla gialla. Non sono che una virgola nella vita. Io che sono due punti. Tu, sei la mia esclamazione. Io ti mi respiro.

Sono obliqua come il volo dei passeri. Intimidita, senza forze, senza speranza, senza avvisi, senza notizie – tremo – tutta tremante. Mi spio di sbieco.

Che sforzo faccio per essere me stessa. Lotto contro la marea in una nave dove ci stanno solo i miei due piedi in un fragile equilibrio precario.

Vivere è un atto che non ho premeditato. Sono stata generata dalle tenebre. Sono valida solo per me stessa. Devo vivere lentamente, non si può vivere tutto in una volta sola. Tra le braccia di qualcuno muoio tutta. Mi trasformo in energia che ha dentro di sé l'atomico nucleare. Sono la conseguenza di aver sentito una voce calda nel passato ed essere scesa dal treno appena prima che si fermasse – la fretta è nemica della perfezione e fu così che mi sono messa a correre per la città perdendo subito la stazione e la nuova partenza del treno e il suo momento privilegiato che provoca uno spavento tanto dolente che è il fischio del treno, che è un addio.

AUTORE. – Eccola che parla come se fosse con me, ma parla per l'aria e nemmeno per se stessa e solo io approfitto di ciò di cui parla perché lei è da me a me.

Angela è il mio personaggio più fragile. Se riesce ad essere personaggio: è più una dimostrazione di vita oltre la scrittura, al di là della vita e al di là della parola.

Amo Angela, perché dice che non ho il coraggio di dire il motivo per cui temo me stesso? o perché ritengo inutile dirlo? Perché quello che si perde come l'alito che esce dalla bocca quando si parla e si perde quella quantità di alito per sempre.

ANGELA. – Io ti amo tanto come se ti stessi sempre dicendo addio. Quando sto troppo sola, metto sonagli alle caviglie e ai polsi. Quasi tutti i miei pensieri, quindi, si esternano e tornano a me come risposte. La mia più tenue energia fa sì che poi essi vibrino tremando in luce e suono. Io devo essere mia amica, altrimenti non sopporterei la solitudine. Quando sono sola, cerco di non pensare al motivo per cui ho paura di pensare all'improvviso ad una cosa troppo nuova per me stessa. Parlare ad alta voce da sola e per "che cosa" è dirigersi al mondo, è creare una voce potente che riesce – riesce che cosa? La risposta: riesce – riesce che cosa? La risposta: riesce il "che cosa". "Che cosa" è il sacro consacrato dell'universo.

AUTORE. – Anch'io non sono capace di non-pensare. Succede senza sforzo. Solo che è difficile quando cerco di ottenere questa oscurità silenziosa. Quando sono distratto, cado nell'ombra e nel vuoto e nel dolce e nel tenero nulla-di-me. Mi rinfresco. E credo. Credo nella magia, allora. So creare dentro di me un'atmosfera di miracolo. Mi concentro senza puntare alcun oggetto – e mi sento preso da una luce. È un miracolo gratuito, senza forma e senza senso – come l'aria che respiro profondamente fino al punto di rimanere intontito per alcuni istanti. Il miracolo è il punto vivo del vivere. Quando penso, rovino tutto. È per questo che evito di pensare: mi limito ad andare avanti. E senza domande sul perché e l'affinché. Se io penso, una cosa non si fa, non avvengo. Una cosa che sicuramente è libera di andare visto che non è imprigionata dal pensiero.

ANGELA. – Provo profondo piacere nella preghiera – ed entrare in contatto intimo e intenso con la vita misteriosa di Dio. Non c'è nulla al mondo che possa sostituire la gioia di pregare.

Oggi ho spazzato il terrazzo delle piante. Com'è bello toccare le cose di questo mondo: le foglie secche, il polline delle cose (la polvere è figlia delle cose). Il mio quotidiano è molto abbellito.

Mi sento profondamente felice.

AUTORE. – Parla, Angela, parla anche senza senso, parla affinché io non muoia completamente.

ANGELA. – Sono in agonia: voglio la miscela colorata, confusa e misteriosa della natura. Che vengano uniti vegetali e alghe, batteri, invertebrati, pesci, anfibi, rettili, uccelli, mammiferi e infine l'uomo con i suoi segreti.

AUTORE. – Mi prenderò una vacanza da me stesso e lascerò Angela parlare. Se un giorno io dovessi leggere queste cose che sto scrivendo, voglio incontrare nel buco nero della notte migliaia di fuochi d'artificio muti, ma accompagnati dalle schegge di migliaia di cristalli che cantano. È questa la notte scura che un giorno vorrei trovare fuori e dentro me. Angela mi ha dato uno slancio da me e mi sono sentito felice. Felicissimo, non so perché. Gradito? No, per nessun segreto motivo sento una carica di malessere e ansia quando raggiungo la cima innevata di una felicità-luce. L'aria troppo pura fa male al corpo.

Angela ha le ali.

ANGELA. – Mi piace tanto quello che non capisco: quando leggo una cosa che non capisco sento una vertigine dolce ed abissale.

AUTORE. – Quando ero una persona, ancora non uno preciso e pieno di parole, mi sembravo più incomprensibile. Ma mi ero complessivamente accettato. Ma la parola mi ha lentamente demistificato e mi ha obbligato a non mentire. A volte posso ancora mentire agli altri. Ma per me stesso è finita la mia innocenza e sto di più davanti ad un'oscura realtà, che quasi quasi la prendo in mano. È una verità segreta, riservata, e a volte mi perdo in ciò che ha di sfuggente. Valgo solo come scoperta.

ANGELA. – Io sono un'attrice per me. Fingo di essere una determinata persona ma in realtà non sono nulla.

AUTORE. – Pensavo che un poliedro a sette punte si dividesse in sette parti uguali dentro ad un cerchio. Ma non ci sto. Trarbordo. È colpa mia se non ho accesso a me stesso?

ANGELA. – Non cado nella sciocchezza di essere sincera.

AUTORE. – Infine, Angela, che cosa fai?

ANGELA. – Mi prendo cura della vita.

La grande notte del mondo quando non c'era vita.

AUTORE. – Angela significa l'unico essere che lei è: esiste solo una Angela. Nessuno dei miei gesti sono io. Angela sarà il gesto che mi rappresenterà.

Ho perso di vista il mio destino. La mia richiesta non si svuota mai. Io chiedo. Che cosa chiedo? Questo: la possibilità di chiedere eternamente. Non ho nessuna missione: vivo perché sono nato. E morirò senza che la morte mi simbolizzi. Fuori di me sono Angela. Dentro di me sono anonimo. Vivere esige una tale audacia. Mi sento perso come se stessi dormendo nel deserto del Dipartimento del Tesoro.

- Angela, ora mi rivolgo direttamente a te e ti chiedo, per l'amor di Dio, di riuscire a piangere. Che tu voglia, per favore, consentire e piangi. Perché, quanto a me, non riesco più ad aspettare. Fai un grido di dolore! Un grido rosso! E le lacrime sgorgano in quantità e lavano un viso stanco. Lavano come se fossero rugiada.

ANGELA. – Sono pura?

AUTORE. – La purezza sarebbe tanto violenta quanto il colore bianco. Angela è color nocciola.

Ho una grande necessità di vivere di una grande povertà di spirito e di non avere lusso nell'anima. Angela è lusso e mi è scomoda. Cerco di allontanarmi da lei ed entrare in monastero, cioè, impoverirmi. Oggi ho scelto per vestirmi dei pantaloni molto vecchi e una camicia strappata. Mi sento bene con gli stracci, ho nostalgia della povertà. Ho mangiato solo frutta e uova, ho rifiutato il ricco sangue della carne, ho voluto mangiare solo ciò che è stato creato e pervenuto senza dolore, generato completamente nudo come l'uovo, come l'uva.

Questa notte non ho dormito con la mia donna perché la donna è lusso e lussuria, e mi scinde, e io voglio essere uno per non essere un numero divisibile da nessun altro. Ho bevuto acqua a digiuno. E sono entrato lentamente nel mio stesso ed inestimabile e

infinito deserto. Quando in questo deserto la penuria diventa insopportabile – creo Angela come miraggio, illusione ottica e di spirito, ma devo astenermi da Angela perché lei è ricchezza dell'anima.

Adesso voglio far sì che Angela dipinga.

ANGELA. – Sto dipingendo un quadro con titolo “Senza Senso”. Sono cose libere – oggetti ed esseri che non c'entrano nulla l'uno con l'altro, come una farfalla e una macchina da cucire.

[L'autore racconta gli avvenimenti della vita di Angela]

Passo ai fatti il più rapidamente possibile perché ho fretta. La meditazione segretissima mi attende.

Per scrivere prima mi spoglio delle parole. Preferisco parole povere che restino.

Do velocemente alcune informazioni biografiche su Angela Pralini: velocemente perché dati e fatti mi annoiano. Vediamo, quindi: è nata a Rio de Janeiro, ha 34 anni, un metro e settanta di altezza ed è nata sana, anche se figlia di genitori poveri. Si è sposata con un industriale, etc.

ANGELA. – Sono individuale come un passaporto. Io sono schedata all'Istituto di Identificazione Félix Pacheco. Devo essere orgogliosa di far parte del mondo o devo screditarmi per?

AUTORE. – Angela ha un dolce sguardo bizzarro: velluto umido, perle smorte ma castane e a volte dure come due noci marroni. A volte ha gli occhi come quelli di una mucca che viene munta. Occhi sudati. Ape scintillante e soave che mi sorvola e cerca il mio miele per nascondarlo nel bozzolo com'era nascosto dentro di me. Angela è ancora un bozzolo chiuso, come se io non fossi ancora nato, fino a quando non mi aprirò durante la metamorfosi, Angela sarà mia. Quando avrò le forze di rimanere solo e muto – allora libererò per sempre la farfalla dal bozzolo. E anche se vivrà solo un giorno, questa farfalla, mi serve già: per fluttuare con i suoi colori brillanti sulla lucentezza verde delle piante di un giardino in un mattino estivo. Quando è ancora presto al mattino, assomiglia ad una farfalla lieve. Che cosa c'è di più lieve di una farfalla. Una farfalla è un petalo che vola.

ANGELA. – La danza degli invitati.

Irlanda, non mi vedrai mai. Malta, di Malta, tu sei la prigioniera. Un dito insanguinato punta in alto. E io mi ricordo del futuro.

Olandese – è ciò che sono. Io sono anche settembre. La quantità di frutta che *madame* possiede. Il cucciolo che tenta di prendere la propria coda. Aiuto! Incendio! Io sono musica da camera.

AUTORE. – Angela è una curva a spirale, interminabile e sinuosa. Io sono dritto, scrivo a triangolo e a piramide. Ma ciò che sta dentro la piramide – il segreto intoccabile, quello pericoloso e inviolabile – è Angela. Quello che Angela scrive può essere letto ad alta voce: le sue parole sono voluttuose e danno piacere fisico. Io sono geometrico. Angela è una spirale di *finesse*. Lei è intuitiva, io sono logico. Lei non ha paura di sbagliare ad utilizzare le parole. E io non sbaglio. So bene che lei è uva succulenta e io sono uva passa. Io sono equilibrato e sensato. Lei è libera dall'equilibrio che non le serve. Io sono controllato, lei non si contiene – soffro più di lei perché sono prigioniero dentro a una gabbia stretta di forzata igiene mentale. Soffro di più perché non dico il motivo per cui soffro.

ANGELA. – Io non sono niente più che una promessa.

Ma sono una stella. Sento che sono una stella. Fatta a pezzi. Sono un cocciolo di vetro sul pavimento.

AUTORE. – Questa donna è contundente per se stessa, è le punte aguzze di una stella. Anche queste punte scintillanti mi feriscono. Tu non sai vivere partendo da un istante-climax: tu lo senti ma non sei capace di prolungarlo in un'attitudine permanente. Non impari da nessuno, né impari da te stessa. Ti rispetto anche se non sei uguale a me. Ed io sono uguale a me? Io sono io? Questa ricerca parte dal fatto che mi accorgo che tu non sembri essere a conoscenza di te stessa. Forse non sai che hai un tuo centro e che è duro come una noce da cui si irradiano le tue parole fosforescenti.

ANGELA. – Parlando seriamente: che cosa sono?

Nessuna risposta.

Quindi tiro fuori il corpo. Sono Strauss o soltanto Beethoven? Rido o piango? Io sono un nome. Ecco la risposta. È poco.

All'improvviso mi vedo e vedo il mondo. E capisco: il mondo è sempre degli altri. Mai mio. Sono il pària dei ricchi. I poveri di spirito non immagazzinano nulla. La vertigine che si ha quando in un improvviso lampo-tuono si vede il bagliore di non capire. IO NON CAPISCO! Per paura della pazzia, ho rinunciato alla verità. Le mie idee sono inventate. Non me ne prendo la responsabilità. La cosa più divertente è che non ho mai imparato a vivere. Io non so niente. So solo continuare a vivere. Come il mio cane. Io ho paura dell'ottimo e del superlativo. Quando comincia ad essere molto buono divento sospettosa o faccio un paso indietro. Se facessi un passo avanti sarei focalizzata sullo splendore pallido che quasi acceca.

AUTORE. – Angela è il tremolio vibrante di una corda d'arpa tesa mentre viene suonata: rimane nell'aria e continua a spiegarsi, spiegarsi – fino a quando la vibrazione non muore e si sparge come schiuma sulla spiaggia. Poi – silenzio e stelle. Conosco a memoria il corpo di Angela. Solo che non ho capito che cosa vuole. Ma ho dato una tale forma alla mia vita che lei mi sembra più reale di me.

ANGELA. – La mia vita è un grande disastro. È un crudele incontro mancato, è una casa vuota. Ma in essa c'è un cane che abbaia. E a me – resta soltanto abbaiare per Dio. Tornerò a me stessa. È lì che trovo una bambina morta senza risparmi. Ma una notte andrò alla sezione del catasto e darò fuoco a tutto e alle identità delle persone senza risparmi. Solo allora mi renderò così autonoma che smetterò di scrivere solo quando sarò morta. Ma è inutile, il lago blu dell'eternità non prende fuoco. Sono io che mi incenerirò fino alle ossa. Diventerò numero e polvere. E così sia. Amen. Ma protesto. Protesto per niente come un cane nell'eternità della Sezione del Catasto.

AUTORE. – Angela è molto simile al mio contrario. Avere dentro di me il contrario di ciò che sono è sostanzialmente imprescindibile: non mi arrendo nella mia lotta e nella mia indecisione, e il fallimento – visto che sono un grande fallito – il fallimento mi serve come fondamenta per esistere. Se fossi un vincente? Morirei di noia. “Riuscirci” non è il mio forte. Mi nutro di quello che avanza di me ed è poco. Avanza, tuttavia, un certo silenzio segreto.

ANGELA. – Io uso il razziocinio solo come anestesia. Ma per la vita sono soltanto una promessa perenne di comprensione del mio mondo sommerso. Adesso che esistono computer per quasi ogni tipo di ricerca di soluzioni intellettuali – me ne ritorno al mio ricco nulla interiore. E grido: io sento, io soffro, io mi rallegro, io mi commuovo. Solo il mio enigma mi interessa. Più di ogni altra cosa, cerco me stessa nel mio grande vuoto.

Provo di rimanere isolata dall'agonia di vivere degli altri, e questa agonia che a loro sembra un gioco di vita e morte maschera un'altra realtà, così straordinaria questa verità che gli altri ne rimarrebbero sbalorditi, come di fronte ad uno scandalo. Nel frattempo, ora studiano, ora lavorano, ora amano, ora crescono, ora si affannano, ora si rallegrando, ora si rattristano. La vita con la lettera maiuscola non può darmi nulla perché confesso che anch'io forse sono entrata in un vicolo cieco come gli altri. Infatti, osservo in me, non una manciata di fatti, ma di riuscire quasi tragicamente ad essere. È una questione di sopravvivenza così come quella di mangiare carne umana quando non c'è di che nutrirsi. Lotto, non contro chi compra e vende appartamenti e macchine e cerca di sposarsi e avere figli, ma lotto con estrema ansia per un rinnovamento dell'anima. Ogni volta che mi sento un po' illuminata vedo che ho un rinnovamento dello spirito.

La mia vita è un riflesso deformato così come si deforma il riflesso di un volto in un lago ondulante e instabile. Imprecisione tremula. Come quello che succede all'acqua quando si immerge la mano in acqua. Sono un pallidissimo riflesso di erudizione. La mia ricettività si affina mentre registra a non finire le concezioni degli altri e riflette nel mio specchio le lievi sfumature delle differenze tra le cose della vita. Io che vengo dal vero miracolo degli istinti. Io sono un terreno pantanoso. In me nasce muschio umido che copre le pietre scivolose. Pantano con i suoi soffocanti miasmi intollerabilmente dolci. Pantano gorgogliante.

AUTORE. – Cercare di possedere Angela è come un disperato tentativo di afferrare il riflesso sullo specchio di una rosa. Tuttavia, è sufficiente che io rimanga di spalle allo specchio per avere la rosa stessa. Ma ecco che entra la frigida paura di essere il padrone della realtà estranea e delicata di un fiore.

ANGELA. – Per avere un contatto praticamente permanente con la logica, si è sviluppato in me un sentimento che non ho mai provato prima: la paura di vivere, la paura

di respirare. Ho un urgente bisogno di lottare perché questa paura mi stringe più della paura della morte, è un crimine contro di me. Sento nostalgia della mia precedente atmosfera di avventura e della mia inquietudine stimolante. Credo di non aver ancora ceduto alla monotonia di vivere. Ultimamente, mi basta sospirare all'improvviso, sospiri profondi e prolungati.

AUTORE. – Angela ha un diadema invisibile sulla sua folta chioma. Gocce brillanti di note musicali le scorrono tra i capelli.

ANGELA. – Sono estremamente tattile. Grandi aspirazioni messe in pericolo, nelle grandi ispirazioni è contemplato il grande rischio. Ecco un momento di bellezza stravagante: la bevo liquida mettendo le mani a conchiglia e scorre quasi tutta scintillante tra le mie dita: ma la bellezza è proprio così, è questione di un secondo, veloce come un lampo e subito dopo se ne va.

AUTORE. – Siccome Angela Pralini è un po' squilibrata, le consiglierei di evitare le situazioni di pericolo in grado di rompere la nostra fragilità. Non dico nulla ad Angela perché non mi affretterei a chiederle di evitare la temerarietà, visto che è nata per essere esposta e vivere tutte le esperienze. Angela soffre molto ma si redime nel dolore. È come un parto: è necessario passare per il vaglio del dolore per poi confortarsi nell'avere davanti un nuovo bambino nel mondo.

ANGELA. – Ma qualcosa si è rotto in me, che sono rimasta con il nervo spezzato in due. All'inizio le estremità collegate al taglio mi hanno fatto così male che sono diventata pallida dal dolore e dalla perplessità. Le ferite si stavano comunque cicatrizzando. Finché freddamente, io non mi facevo del male. Sono cambiata, senza prima pianificarlo. Prima ti guardavo dall'interno verso l'esterno e da dentro di te, che per amore, io indovinavo. Dopo la cicatrizzazione ho cominciato a guardarti dall'esterno verso l'interno. E a guardare anche me dall'esterno verso l'interno: io mi trasformavo in un mucchio di fatti e azioni che erano radicati solo nel dominio della logica. All'inizio non potevo associarmi a me stessa. Dove sono? Mi chiedevo. E colei che mi rispondeva era un'estranea che mi diceva in modo freddo e categorico: tu sei te stessa. Lentamente,

man mano che smettevo di cercarmi sono stata distratta e per nessun motivo. Sono abile nel formulare teorie. Io, che vivo empiricamente. Dialogo con me stessa: espongo e mi interrogo su ciò che è stato esposto, espongo e contesto, faccio domande ad un pubblico invisibile e questo mi anima con le risposte a proseguire. Quando mi guardo dall'esterno verso l'interno sono una chioma d'albero e non albero. Io non sentivo piacere. Dopo essermi rimessa in contatto con me stessa, mi sono fecondata e la conseguenza è stata nascita turbata di un piacere totalmente differente da quello che chiamano piacere.

AUTORE. – Lei vive le varie fasi di un avvenimento o di un pensiero, ma nel più profondo del suo mondo interiore è estranea alle situazioni e ancora più profondamente è irraggiungibile, esiste senza parole, ed è solo un'atmosfera indicibile, intrasmissibile, inesorabile. Libera dalle cianfrusaglie scientifiche e filosofiche.

ANGELA. – Mi piacciono le scalinate.

AUTORE. – Ciò che mi affascina di Angela Pralini è la sua riluttanza.

ANGELA. – Sono una rosa dura di legno. Ma per purificarmi esiste il pungente miosotide chiamato prontamente, ma delicatamente “non ti scordar di me”.

AUTORE. – Ho creato Angela, ma ora è mio compito creare un nuovo uomo, come Robinson si è creato la sua solitudine sulla terra che è sempre estranea.

ANGELA. – Io intanto, offro il mio volto al vento. Sento aria di notizie. L'umorismo è una delle cose più serie del mondo. E io che immaginavo di fare musica per gioco.

AUTORE. – Attraversare questo libro accompagnando Angela è delicato come se durante il percorso avessi sul palmo della mia mano a conchiglia il tuorlo puro di un uovo e facessi in modo che non perda il suo invisibile, ma comunque reale, contorno - invisibile, ma c'è una pelle fatta quasi di niente che circonda il tuorlo leggero e lo mantiene intatto perché continui ad essere un tuorlo rotondo.

Angela è un tuorlo, ma che ha una piccola goccia nera sul giallo sole. Questo significa: problema. Oltre al problema di vivere che abbiamo, Angela ne aggiunge un altro: quello della scrittura compulsiva. Lei pensa che smettere di scrivere sia smettere di vivere. La controllo come posso, eliminando le annotazioni stupide. Per esempio: lei va matta per scrivere sulle mestruazioni per puro sfogo, ed io non la lascio.

ANGELA. – Ho una tale tendenza alla felicità. In questi ultimi giorni mi sento raggiante e radiosa perché vivo.

AUTORE. – Angela, sei una persona che continua a meravigliarsi in un mondo sempre nuovo. Questo preciso istante non si ripeterà mai fino alla fine dei secoli.

ANGELA. – Io sono un essere privilegiato perché sono unica al mondo. Io ingarbugliata in me.

La musica dodecafonica estrae l'io. Ah, non ne posso più. Io che danzo impazzita. Chi mi vuole sia così.

Le campane rintoccano, Orfeo canta. Non mi capisco ed è un bene. Tu mi capisci? No, tu sei pazzo e non mi capisci.

Campane, campane, campane.

AUTORE. – Angela è una persona che se la svigna dalla grande città.

ANGELA. – Ho sentito la pulsazione della vena sul mio collo, ho sentito il polso e il cuore battere e all'improvviso mi sono resa conto di avere un corpo. Per la prima volta dalla materia è venuta fuori l'anima. Era la prima volta che io ero una. Una e grata. E mi possedevo. Lo spirito possedeva il corpo, il corpo palpitava sullo spirito. Come se fossi fuori di me, mi sono guardata e mi sono vista. Ero una donna felice. Così ricca che non avevo più bisogno di vivere. Vivevo di grazia.

AUTORE. – Angela vive in un'atmosfera di miracolo. No, non c'è motivo di cui preoccuparsi: il miracolo esiste: il miracolo è una sensazione. Sensazione di cosa? di miracolo. Il miracolo è un'attitudine così come il girasole gira lentamente la sua

rigogliosa corolla verso il sole. Il miracolo è la semplicità ultima di esistere. Il miracolo è il bellissimo girasole che esplose sullo stelo, corolla e radice – ed è soltanto un seme. Seme che contiene il futuro.

ANGELA. – Sono andata a seminare da quelle parti.

Tra la parola ed il pensiero esiste il mio essere. Il mio pensiero è aria pura ed impalpabile, inattuabile. La mia parola è di terra. Il mio cuore è vita. La mia energia elettronica è magica di origine divina. Il mio simbolo è l'amore. Il mio odio è energia atomica.

Tutto ciò che ho detto adesso non vale nulla, è solo schiuma.

Paziente.

Famelica e freddolosa e umiliata.

Ti ricevo a piedi scalzi: è questa la mia umiltà e questi piedi nudi sono la mia audacia.

Non voglio essere soltanto me stessa. Voglio essere anche ciò che non sono.

AUTORE. – Angela è il mio margine? O sono io il margine di Angela? Angela è il mio sbaglio? Angela è la mia variazione?

ANGELA. – Un po' mi piaccio perché sono astringente. Ed emolliente. E sucupira. E vertiginosa. Stordita. Per non dire che sono abbastanza estrogena. Volevo un gatto nero, nero, nero... Mio Dio, come sono infelice. Addio, Giorno, si sta facendo notte. Sono una bambina di domenica.

AUTORE. – Angela è una passione.

ANGELA. – Io sto meglio con me stessa quando sono infelice: c'è un incontro. Quando mi sento felice, mi sembra di essere un'altra. Anche se un'altra della stessa. Un'altra stranamente allegra, rumorosa; leggermente infelice è più pacifico.

Ho tanta voglia di essere ordinaria e un po' volgare e dire: la speranza è l'ultima a morire.

AUTORE. – Vorrei poterla “curare” da se stessa. Ma la sua – “malattia”? è più forte di ciò che è in mio potere, la sua malattia è la forma della sua vita.

ANGELA. – Sono la contemporanea del domani.

Quando rimango sola molto tempo, mi estraneo all’improvviso e mi spavento e rabbrivisco tutta.

Da ora in poi voglio più di ciò che capisco: voglio sovrintendere, umilmente imploro che mi venga fatto questo dono. Voglio capire lo stesso capire. Voglio attingere al più intimo segreto di ciò che esiste. Sono in piena comunione con il mondo.

AUTORE. – Angela vive per il futuro. È come se io non leggessi i giornali di oggi perché domani ci saranno notizie più nuove. Lei non vive di ricordi. Lei, come molta gente, me compreso, è occupata a far scivolare il momento presente nel momento futuro. Avevo quindici anni quando ho cominciato a capire la speranza.

ANGELA. – Vedo la lampada incandescente. Il mio mondo interiore è a disagio. Ma io divento incandescente.

AUTORE. – È una ragazza che, anche se non sembra rompere l’esistenza del pensiero del presente, appartiene di più al futuro. Per lei ogni giorno ha il futuro di domani. Ogni momento del giorno diventa futuro nel momento seguente in sfumature, graduazioni, lento aumento di sottili qualificazioni della sensibilità. A volte lei perde il coraggio, perde la fiducia di fronte alla costante mutevolezza della vita. Lei coesiste con il tempo.

ANGELA. – Il mio ideale sarebbe dipingere il quadro di un quadro.

Vivo così tormentata che non ho più perfezionato quello che ho inventato in fatto di pittura. O almeno, non ho mai sentito parlare di questo modo di dipingere: consiste nel prendere una tela di legno – il pino silvestre è il migliore – e prestare attenzione alle sue nervature. Immediatamente, sale dall’inconscio un’onda di creatività e ci si perde sulle nervature accompagnandole un po’, ma mantenendo la libertà. Ho fatto un quadro che è venuto così: un vigoroso cavallo con una lunga e folta criniera bionda in mezzo alle

stalattiti di una grotta. È un modo generico di dipingere. E, inoltre, non è necessario saper dipingere: qualsiasi persona, a patto che non sia troppo inibita, può seguire questa tecnica di libertà. E tutti i mortali possiedono un inconscio. Ah, mio Dio, ho una speranza che viene rinviata. Il futuro è un passato che non si è ancora realizzato.

All'improvviso non ti sembra strano di essere te stesso?

Io non sono una sognatrice. Vaneggio soltanto per raggiungere la realtà.

AUTORE. – Lei, che è piena di opportunità perse.

Le sue vere sembianze sono così segrete. La trama sottilissima di una ragnatela. Tutto in lei si dispone attorno ad un enigma intangibile nel suo nucleo più profondo.

ANGELA. – Il mio enorme sperpero di me stessa. Tuttavia, sono stanca e mi piacerebbe scovare ancora di più i miei tesori custoditi nell'arca.

Dov'è la mia corrente di energia? Il mio senso di scoperta: anche se assumesse una forma oscura. Mi sono sempre aspettata qualcosa di nuovo da me, io ero un brivido di attesa: qualcosa veniva sempre dall'interno verso l'esterno.

È che sono endemica.

Non sopporto per molto tempo un sentimento perché comincio ad avere angoscia ed il mio pensiero viene occupato dal sentimento e mi svincolo da esso in qualche modo per ottenere di nuovo la mia libertà di spirito. Sono libera di sentire. Voglio essere libera di razionare. Aspiro ad una fusione di corpo e anima.

Non riesco a capire per gli altri. Soltanto nel disordine dei miei sentimenti capisco per me stessa e ciò che sento è così incomprensibile, che mi metto a tacere e medito sul nulla.

AUTORE. – la differenza tra l'immaginazione libera e l'immaginazione libertina
– la differenza tra intimità e promiscuità. Io (che per guadagnare denaro ho come impiego la professione di giudice: innocente o colpevole?) cerco di neutralizzare l'abitudine di giudicare perché non sopporto il ruolo divino di decidere. Libero Angela, non la giudico
– la lascio essere.

ANGELA. – Sono appena entrata dentro di me e visto che sono spaventata voglio uscire. Scopro di essere oltre la voracità. Sono uno slancio partito dal mezzo.

Ma di tanto in tanto vado in un hotel anonimo, da sola, senza nulla da fare, per rimanere nuda e senza scopo. Pensare è avere uno scopo?

Pensando veramente, io mi svuoto.

Sola nella stanza d'hotel, mangio il cibo con brutta e grossa soddisfazione. Per un momento è vera soddisfazione – ma poi si ferma.

E allora me ne vado al mio castello. Vado alla mia preziosa solitudine. Al raccoglimento. Sono tutta disgiunta. Ma comincio già a percepire lucentezza nell'aria. Un sortilegio. La mia sala è un sorriso. In essa ci sono vetrate. I colori sono rosso-cattedrale, verde-smeraldo, giallo-sole e azzurro. E la mia camera è da monaco sensuale.

Qui ci sono ventate di notte. E a volte le finestre sbattono – come nelle storie di fantasmi.

Sto aspettando la pioggia. Quando poverà voglio che cada sopra di me abbondantemente. Aprirò la finestra della mia camera e riceverò nuda l'acqua del cielo.

Giardini e giardini intrecciati da accordi musicali. Iridescenza insanguinata. Vedo il mio viso attraverso la pioggia. Il chiasso stridulo del vento acuto che spazza via la casa come se questa fosse vuota di mobili e di persone. Sta piovendo. Sento il buon acquazzone estivo. Ho anche una capanna – a volte non rimarrei nel palazzo, mi immergerei nella capanna. A sentire l'odore della boscaglia. E godrei della solitudine.

La prova che sto recuperando la salute mentale è che ogni minuto sono più permissiva: io mi concedo più libertà e più esperienze. E accetto il caso. Provo ansia per ciò che ancora non ho sperimentato. Maggiore spazio psichico. Fortunatamente sono più folle. E la mia ignoranza aumenta. La differenza tra il folle e il non-folle è che il non-folle non dice né fa le cose che pensa. Forse la polizia mi arresterà? Mi arresterà perché esisto? Con la prigionia si paga la vita: parola graziosa, organica, capricciosa, pleonastica, spermica, durabile

Ah, so già che cosa sono: sono uno scriba. *Help me!* al fuoco! un incendio. Scrivere può rendere pazza una persona. Deve condurre una vita pacata, molto comoda, molto borghese. Altrimenti giunge la pazzia. È pericoloso. È necessario chiudere la bocca e non raccontare nulla di ciò che si sa e ciò che si sa è molto, ed è tanto glorioso. Io so, per esempio, Dio. E ricevo messaggi da me a me stessa.

Io so creare il silenzio. Si fa così: accendo la radio ad alto volume – poi immediatamente la spengo. E così capto il silenzio. Silenzio stellare. Il silenzio della luna muta. Ferma tutto: ho creato il silenzio. È nel silenzio che si sentono di più i rumori. Tra le martellate io sentivo il silenzio.

Ho paura della mia libertà. La mia libertà è rossa! Voglio che mi arrestino. Oh, rimprovero della delusione, mi sento tanto ammaccata, mi fanno male la nuca, la bocca, le caviglie, sono stata frustata ai reni – perché voglio il mio corpo? a cosa serve? solo per prenderle? Presa a schiaffi in pieno viso che è tumido e fresco. Mi rifugio nelle rose, nelle parole. Povera consolazione. Sono inflazionata. Non valgo niente.

Sono stata interrotta dal silenzio della notte. Il silenzio spazioso mi interrompe, lascia il mio corpo in un fascio di attenzione intensa e muta. Rimango a spiare il nulla. Il silenzio non è il vuoto, è la pienezza.

Ho letto ciò che avevo scritto e ho pensato di nuovo: di quali abissi violenti si alimenta la mia più intima intimità, perché si neghi a se stessa in questo modo e sfugga verso il dominio delle idee? Sento in me una violenza sotterranea, violenza che viene a galla solo nell'atto di scrivere.

AUTORE. – Io non scrivo come Angela. Non solo non ho pratica visto che sono più sobrio, non mi diramo scandalosamente. E non uso aggettivi se non raramente.

Angela è solo un cane vagabondo che attraversa il deserto delle strade. Angela, nobile cane randagio, segue la pista del suo padrone, che sono io. Ma molte volte va fuori strada e si dirige verso nessun luogo nel suo vagabondaggio libero. In questo nessun luogo la lascio, visto che lo vuole tanto. E se nella vita troverà l'inferno sarà lei stessa la responsabile di tutto. Se mi vuole seguire, allora mi segua perché così sono io che comando e controllo. Ma non ha senso comandare: questa creatura frivola, che ama i brillanti e le perle, mi sfugge come sfugge l'enfasi indicibile di un sogno. Difficile descrivere Angela: lei è soltanto un'atmosfera, soltanto una voglia di essere, è la smorfia di una bocca che rivela, ma che cosa rivela? qualcosa che non conoscevo in lei e che adesso, senza descrizione possibile, riesco a conoscere appena, solo questo. Lei mi soffia all'orecchio in sussurri che cosa lei è, se non la sento per mancanza di acutezza da parte mia, le smarrisco la persona.

Se Angela è una suicida in potenziale, da quello che sono riuscito a capire, faccio sì che si suicidi? No. Non ne ho il coraggio: la sua vita è molto preziosa per me. Solo che le piace il rischio e pure a me.

ANGELA. – Io svengo per niente.

L'ultima volta è stata questione di un secondo. Fortunatamente sono caduta sul letto ed ecco il vuoto, e subito dopo dicevo a me stessa: non è stato nulla, è passato. Pronto! Pronto! Picasso! Vieni a vedermi, per un favore speciale. Sono un pulcino spennacchiato.

Ma che razzo! Per commemorare cosa? chiedo io.

Io mi guardo dall'esterno verso l'interno e vedo: nulla. Il mio cane è inquieto. C'è qualcosa nell'aria. Una trasmissione di pensieri. Perché quando le persone parlano non mi guardano? Guardano sempre un'altra persona. Provo risentimento. Ma Dio mi guarda dritto nelle pupille degli occhi. Io lo affronto di petto. Lui è mio padre-madre-madre-padre. Ed io sono loro. Credo che a breve sarò Dio. Sarà L'Incontro. Quindi io me la rischio.

AUTORE. – Angela si muove tra la mia fauna e mi inquieta. Dipende da me il suo destino? O era già abbastanza slegata dal mio soffio a tal punto da continuarsi da sola? Quando penso che potrei farla morire, tremo tutto.

ANGELA. – Io faccio domande per nervosismo. Costernata. E le caviglie? sono molto importanti?

Non sento alcuna risposta alla mia domanda. Che Dio protegga le mie caviglie. E la mia nuca. Sono luoghi essenziali di me.

Scrivere non ha mai funzionato. Gli altri sono intellettuali e io pronuncio male il mio bel nome: Angela Pralini. Una Angela Pralini? l'infelice, quella che ha già sofferto molto. Sono come uno straniero in chissà quale parte del mondo. Io sono del nulla.

Quando da piccola io giravo, giravo e giravo intorno su me stessa fino a diventare storna e cadere. Cadere non andava bene ma il giramento di testa era delizioso.

Stordirmi era il mio vizio. Da adulta io giro intorno ma quando mi intontisco approfitto dei pochi istanti per volare.

Credo che la pazzia sia la perfezione. È come scorgere. Vedere è la pura pazzia del corpo. Letargo. La sensibilità tremante che rende tutto ciò che ci circonda più sensibile e lo rende visibile, con un piccolo e impalpabile spavento. A volte capita un equilibrio disequilibrato così come un'altalena che ora è in alto, ora in basso. E il disequilibrio dell'altalena è esattamente il suo equilibrio.

AUTORE. – Angela è organica. Lei non è a tenuta stagna. È il mio vicolo cieco. Oltre lei fatico a vedere, oltre lei comincia ciò che non so dire.

ANGELA. – Mi sono svegliata oggi con una gran nostalgia di essere felice. Io non sono mai stata libera nella mia vita intera. Mi sono sempre perseguitata dentro. Mi sono resa intollerabile a me stessa. Vivo in una dualità lacerante. Possiedo un'apparente libertà ma sono imprigionata dentro di me. Volevo una libertà olimpica. Ma questa libertà viene concessa solo agli esseri immateriali. Fino a quando avrò un corpo sarò sottomessa alle sue esigenze. Vedo la libertà come una forma di bellezza e questa bellezza mi manca.

AUTORE. – Lei ignora di essere auto-sufficiente fino ad un certo punto. Quindi dipende da un altro con aritmia e non raggiunge mai la completa dipendenza che sarebbe consegnare se stessa, l'abbandono dell'anima.

ANGELA. – Le mie radici stanno nella terra e da essa mi ergo nuda.

Cascata – caduta d'acqua.

Voglio un grande pannello eroico – in cui io mi possa letteralmente spar-ge-re. Ho bisogno di grandezza e di odore di fieno. Esco dai miei abissi con le mani piene di freddi smeraldi, trasparenti topazi e zaffiri come orchidee.

Sono una vibrante e cristallina suonata di clarinetto.

AUTORE. – Faccio del mio meglio per scrivere ciò che accade ad Angela. Non va avanti di un passo: Angela è solo un significato. Significato libero? Lei è le parole che ho dimenticato.

ANGELA. – Io sono impersonale persino nell’amicizia, persino nell’amore.

Io sono una Società Anonima. Una parentesi che non si chiude. Per favore chiudimi.

Ogni essere è un altro essere, senza dubbio unico anche se fragile, impronte digitali uniche *ad secula seculorum*.

AUTORE. – È sempre in una situazione almeno di semi-crisi. Lei dà intensità a ciò che non se la merita. Impiega in tutto una passione che esorbita dal motivo della passione. E la frivolezza si manifesta nel dare importanza alle schiume della vita. Una volta raggiunto qualcosa, lei non lo desidera più. Afferrare il momento è una sincronia sua e del tempo: senza fretta ma senza indugio. Un presente infinito che non si inclina al passato né si proietta al futuro. È per questo che lei vive tanto. La sua vita “non cambia argomento”, non viene interrotta dalla vita immaginaria. La vita immaginaria è vivere del passato o verso il futuro. Il presente le provoca dolori. Ma questo presente altamente inesorabile proietta un’ombra dove lei può rinvigorirsi, il riposo della guerriera. Crisi emozionale.

Non riesce ad adattarsi all’essere umano. Come se esistessero altri esseri, oltre agli animali.

ANGELA. – Il dolce mistero animale. Oh, gioia mansueta. Che fascino. Ma che fascino tremendo ha questa sfida bestiale! Oh, dolce martirio di non saper parlare e soltanto abbaiare. Tu sei chi mi chiede se è dolce morire. Nemmeno io lo so se è dolce morire. Per il momento conosco soltanto la morte del sonno. Vivo uccidendomi tutte le notti.

Avere il contatto con la vita animale è indispensabile alla mia salute psichica. Il mio cane mi rinvigorisce tutta. Per non dire che a volte dorme ai miei piedi riempiendo la stanza di vita calda e umida. Il mio cane mi insegna a vivere. Tutto quello che fa è “essere”. “Essere” è la sua attività. Ed essere è la mia più profonda intimità. Quando lui si addormenta sul mio collo, io lo veglio e alla sua ben ritmata respirazione. E – lui immobile sul mio collo – formiamo un tutto unico e organico, viva statua muta. Questo succede quando io sono la luna e sono i venti della notte. A volte, per tanta vita insieme,

siamo di troppo. Il mio cane è così cane come un uomo è così uomo. Amo la tenerezza e la calda umanità di entrambi.

Il cane è un animale misterioso perché quasi pensa, senza dire che sente tutto tranne la nozione di futuro. Il cavallo, a meno che non sia alato, ha il suo mistero risolto nella nobiltà e la tigre è un po' più misteriosa del cane perché la sua voglia è ancora più primitiva.

Il cane – questo essere incompreso che fa il possibile per far sapere agli uomini ciò che è...

AUTORE. – Il cane di Angela sembra avere una persona dentro di sé. È una persona troncata da una condizione crudele. Il cane ha tanta fame di gente e di essere uomo. È straziante la mancanza di conversazione di un cane.

Se potessi descrivere la vita interiore di un cane avrei raggiunto una vetta. Anche Angela vuole entrare nell'essere-vivo del suo Ulisse. Sono stato io ad averle trasmesso questo amore per gli animali.

ANGELA. – Oddio, ed io che faccio concorrenza a me stessa. Mi detesto. Fortunatamente agli altri piaccio, mi rasserena. Io e il mio cane Ulisse siamo dei randagi. Ah, che bella pioggia che cade. È manna dal cielo e solo Ulisse sa anche di questo. Ulisse beve birra fredda con tanto gusto. Un giorno di questi succederà: il mio cane aprirà la bocca per parlare. Sarà la gloria. Ulisse è Malta, è l'Amapá - sta alla fine del mondo. Come si può arrivare lì? Lui abbaia quadrato – non so se si capisce cosa voglio dire. Durante la coppa del mondo il cane è impazzito con i petardi. E la mia testa è diventata tutta quadrata. Cerco di capire il mio cane. Lui è l'unico innocente.

So parlare una lingua che solo il mio cane, lo stimato Ulisse, mio caro signore, capisce. È così: dacobela, tutiban, ziticoba, letuban. Joju leba, leba jan? Tutiban leba, lebajan. Atotoquina, zefiram. Jatobabe? Jetoban. Questo vuol dire una cosa che nemmeno l'imperatore della Cina capirebbe.

Una volta ha fatto una cosa inaspettata. Ed io me la meritavo proprio. Gli stavo facendo una carezza e lui ha ringhiato. E ho commesso l'errore di insistere. Fece un balzo che proveniva dalle sue selvagge origini di lupo e mi ha morso la bocca. Mi sono spaventata, sono dovuta andare al pronto soccorso dove mi hanno fatto sedici punti. Mi

dissero di dare Ulisse a qualcuno perché rappresentava un pericolo. Ma è successo che, dopo l'incidente, mi sono avvicinata ancora di più a lui. Forse perché soffrivo per lui. La sofferenza per un essere fa sprofondare il cuore dentro al cuore.

AUTORE. – Io e Angela siamo il mio dialogo interiore – io converso con me stesso. Sono stanco di pensare le stesse cose.

ANGELA. – È così bello e confortante un appuntamento alle quattro di pomeriggio. Le quattro sono le migliori ore del giorno. Le quattro danno equilibrio e una serena stabilità, un tranquillo gusto di vivere. A volte quasi un po' rumoroso e in "vibrazione". Quindi divento svolazzante, iridescente e leggermente eccitata.

AUTORE. – Devo perdonare Angela, per l'ennesima volta, per questo negoziare l'ora buona del giorno. Devo scusare le sue sciocchezze perché lei non sa bene qual è il suo posto: sa di non essere tra gli eletti e ancora meno tra i prescelti. Sa che solo una volta verrà chiamata e scelta. Quando la Morte lo vorrà. Angela preferirebbe di no. Ma, per quel che mi riguarda, già sono preparato e quasi pronto ad essere chiamato. Lo vedo nella stanchezza che sento per le cose e anche nell'atto di scrivere. Poche cose hanno ancora valore per me.

ANGELA. – Ho comprato un vestito di garza nera con fiori sparsi dal tono smorto come se ci fosse un velo sopra che li spegne. Tutto il vestito sembra suonato da un'arpa. Mi sento volare quando lo indosso, libera dalla legge di gravità. Sono senza consistenza e lieve come se io risorgessi dall'Africa nera e mi ergessi bianca e pallida.

Il nero non è un colore, è l'assenza di colore.

AUTORE. – Angela sta decadendo. Cosa me ne frega dei vestiti che ha comprato? A volte lei è un valzer austriaco. E quando parla di Dio si trasforma in Bach. Oltre a questo, ha il vizio di possedere. Possedere per lei si confonde con vivere. Così succede che un vestito può arricchire la sua anima. Anima povera. Lei è volgare. Ma ha fascino: è una brocca da cui sgorga acqua fresca.

ANGELA. – Sto soffrendo di amore felice. Solo apparentemente questo è contraddittorio. Quando si sente amore, si ha una profonda ansia. È come se io ridessi e piangessi allo stesso tempo. Per non parlare della paura che questa felicità non duri. Ho bisogno di essere libera – non sopporto la schiavitù del grande amore, l'amore non mi interessa molto. Non posso sottomettermi alla pressione del più forte.

Dov'è la mia corrente di energia? il mio senso di scoperta, nonostante questo possa assumere una forma oscura? Io aspetto sempre qualcosa di nuovo da me, io sono un brivido di attesa – qualcosa viene sempre dall'interno verso l'esterno.

AUTORE. – Quando Angela ha una crisi da “donna”, spia il mondo dal buco della serratura della cucina. Ambisce a vivere in una voragine di felicità. Cocciuta senza credere nella vita. Voglio sapere se una persona può così determinare: oggi sarà un giorno importante della mia vita. E si concentra tanto che il sole esce dalla sua anima e le galassie volteggiano lente e mute.

Il dramma di Angela è il dramma di tutti: trovare equilibrio su ciò che è instabile. Visto che tutto può succedere e rovinare la vita più intima della persona. Che cosa verrà fatto alla mia anima nell'anno a venire? Quest'anima sarà cresciuta? e cresciuta tranquillamente o attraverso il dolore di dubitare?

ANGELA. – Un colpo nel mezzo della notte.

Ho sentito un colpo all'improvviso. O è uno pneumatico che è scoppiato? È morto qualcuno? Che mistero, santo Dio. È come se mi avessero sparato al centro del mio povero cuore.

A parte questo, povera qualsiasi cosa fosse! Io mio cuore è ricco e scandisce bene le ore della mia vita.

La pazienza del ragno che tesse la tela. Inoltre, sono turbata perché vedo male sul chiaro-scuro della creazione. Vengo impaurita dal lampo dell'ispirazione. Io sono pura paura.

AUTORE. – Mi piacerebbe esporre Angela ad una musica di terrore.

La musica avrebbe intervalli di terribile silenzio con note di flauto qua e là. Allora una voce di contralto all'improvviso e con estrema delicatezza comincerebbe a

canticchiare con la bocca chiusa, eccessivamente calma e sicura di sé: come una minaccia che si fa quando si ha la certezza di possedere le armi letali. Angela andrebbe a nascondersi sotto le coperte, abbracciando il suo cane Ulisse. Sono un po' geloso di Ulisse. Angela gli dà molta importanza. E non sembra essermi grata per essere stata inventata da me. Così mi vendico con una tale musica di terrore: una nota, ma ripetuta, ripetuta, ripetuta quasi fino alla pazzia. Angela ha paura della pazzia e le si crede estranea. Anch'io penso di essere un po' estraneo ma non ho paura della pazzia: oso una lucidità gelida. Vedo tutto, odo tutto, sento tutto. E mi mantengo lontano dagli ambienti intellettualizzati che mi confondono. Sono solo nel mondo. Angela è la mia unica compagnia. È necessario che mi capiate: io ho dovuto inventare un essere che fosse tutto mio. Ma capita che lei stia guadagnando troppa forza.

ANGELA. – Io grido raramente. Quando grido è un grido rosso e smeraldo. Ma in generale io sussurro. Parlo a bassa voce per dire timidamente. Dire è molto importante. Dire la verità che si copre di bugie. Quante volte mento, mio Dio. Ma è per salvarmi. Anche la bugia è una verità, solo che subdola e per metà nervosa. Menta chi può, e che menta in pace di spirito. Perché la verità ha bisogno di una lunga scala in salita come se io fossi una condannata a non smettere mai. Sono stanca: è anche per questo che parlo a bassa voce – per non offendermi.

AUTORE. – Sono uno scrittore ingannato e perduto. Scrivere è difficile perché suona nelle righe dell'impossibile.

Sono pieno di personaggi nella testa ma solo Angela occupa il mio spazio mentale.

ANGELA. – Faceva un freddo intenso senza possibilità di rifugio. E l'autista del taxi giallo aveva una forte influenza. Mi sono dimenticata di dire che, quando sono scesa dal primo taxi, in piena Avenida Rio Branco, mi hanno chiamata con delle grida: ho guardato e ho visto tutto ciò che era mio, esposto senza sangue sull'asfalto della strada. E le persone mi aiutavano in mezzo al passaggio a raccogliere i miei segreti. È che la mia borsa si è aperta e sventrata: le sue budella e le mie preghiere calpestate al suolo. Ho raccolto tutto e sono rimasta umile e degna, in attesa non so di cosa. E mentre aspettavo è apparsa una donna magra che attaccò bottone con me così, per il mio spavento: scusi se

le domando, ma dov'è che ha comprato questo bellissimo foulard verde? Sono rimasta sbalordita, e le ho detto spaesata: non me lo ricordo più. Mi stavano accadendo alcuni fatti insoliti, ed in balia ad essi.

AUTORE. – Angela è in continuo divenire. Angela è la mia avventura. D'altronde io sono la mia grande avventura: rischio in ogni momento. Ma esiste un'avventura maggiore: il Dio, non rischio.

ANGELA. – Ho continuato a vagare per la città per niente. Nella piazza chi dà grano ai piccioni sono le prostitute e i vagabondi – figli di Dio più di me. Io do grano a te, amore mio. Io, prostituta e vagabonda. Ma con onore, mia gente, con il mio omaggio ai piccioni. Che voglia ho di fare una cosa sbagliata. L'errore è appassionante. Voglio peccare. Voglio confessare una cosa; a volte, solo per scherzo, mento. Non sono nulla di quello che voi pensate. Ma rispetto la veracità: sono libera dai peccati.

La musica dell'organo è demoniaca. Voglio la mia vita accompagnata, come sorelle gemelle, dalla musica dell'organo. Solo che fa paura. Musica da funerale? Non so bene, sono un po' fuori orbita.

Oggi ho ucciso un moscerino. Con la più brutale delle delicatezze. Perché? Perché uccidere ciò che vive? Mi sento un'assassina e una colpevole. E non mi dimenticherò mai quel moscerino. Il cui destino ho tracciato. La grande assassina. Io, come una gru, che affronta un delicatissimo atomo. Perdonami, moscerino, perdonami, non lo farò più. Credo che dobbiamo fare le cose proibite – altrimenti soffochiamo. Ma senza senso di colpa e sì, con la certezza di essere liberi.

Io sono il mio stesso specchio. E vivo di cose pensate e perdute. È ciò che mi salva. Io sono coinvolta in una guerra invisibile tra pericoli. Chi vince? Io perdo sempre.

AUTORE. – Angela è molto provvisoria.

ANGELA. – Io non riesco a comprendermi.

È una nuvola di fumo nei miei occhi, è un telefono occupato, è una spaccatura nel mezzo, gessato sul quadro nero, è il naso tappato, frutta marcia all'improvviso, è una

pagliuzza nell'occhio, è un calcio nel sedere, è un pestone sul callo del piede, è uno spillo che buca il dito delicato, è un'iniezione di Novocaina, uno sputo sulla mia faccia.

Sono un'attrice perfetta.

AUTORE. – Che gazzella impaurita che è.

ANGELA. – La mia intimità? È la macchina da scrivere. Ho un buon gusto in bocca quando penso.

AUTORE. – Lei è un animale distinto.

Voglio la tua verità Angela! Solo questo: la tua verità che non riesco a captare.

ANGELA. – Adoro i miei piedi: loro mi realizzano. E senza dubitare. Il motivo di base della mia vita è che ad un certo punto vengo mossa da una grande fame. Questo mi spiega. Sono indiretta. Sono una persona che è all'improvviso e un po' mi dispero quando penso all'impossibile. Per esempio: l'imperatore del Giappone non mi telefonerà mai. Io potrei essere sul punto di morire e lui non mi telefonerebbe. Oppure: come trovare una persona che non è in casa? L'impossibile mi sottomette. Mi estinguo. Solo domenica scorsa di notte – sola con il mio cane – il mio corpo si è unito al mio corpo. E quindi ero. Ero io.

Ho fame e sono triste. È bello essere un po' triste. È un sentimento di dolcezza. Ed è bello avere fame e mangiare.

La più bella musica del mondo è il silenzio interstellare.

Scusami, ma non posso rimanere sola con te altrimenti nasce una stella nell'aria. Chi ama la solitudine non ama la libertà.

Un fiore? un fiore provoca un tale spavento. Il silenzio perfetto di un fiore. Tenero come quando si spegne la luce per dormire. E il pulsante della luce fa un rumorino che vuol dire: buonanotte amore mio.

Ah, come desidero! voglio mangiare salmone e prendere un caffè. E un dolce di frumento. Tutto non sembra una grande commedia con aria di sagra. Voglio partecipare alla festa degli animali. Nell'ombra il giardino mormorante. Il giardino complice. Nascondiglio di passeri. Sigillo. Il giardino arpeggiato... Intumescenza creatrice.

Sono rimasta da sola una domenica intera. Non ho telefonato a nessuno e nessuno mi ha telefonato. Ero totalmente sola. Sono rimasta seduta su un divano con il pensiero libero. Ma mentre questo giorno scorreva fino al momento di dormire ho avuto per circa tre volte un immediato riconoscimento di me stessa e del mondo che mi ha tormentata e mi ha fatta immergere nelle profondità oscure da dove sono uscita verso una luce d'oro. Era l'incontro dell'io con l'io. La solitudine è un lusso.

AUTORE. – Ti ho cercata nei dizionari e non ho trovato il tuo significato. Dov'è il tuo sinonimo nel mondo? Dov'è il mio sinonimo nella vita? Sono impari.

ANGELA. – Manca una nota precisa di classicismo eroico in certa musica moderna.

AUTORE. – A te manca una prodigalità, le manca di dare agli altri un trattamento più liberale. Segui tutto alla lettera.

ANGELA. – Ho pensato ad una cosa così bella che non sono nemmeno riuscita a comprenderla. E alla fine mi sono dimenticata che cos'era.

AUTORE. – Io ti amo geometricamente e nel punto zero all'orizzonte, formando un triangolo con te. Il risultato è un profumo di rose macerate.

ANGELA. – Dolore? Allegria? È semplicemente questione di opinione.

Io indovino le cose che non hanno nome e forse mai lo avranno. Sì. Io sento ciò che mi sarà sempre inaccessibile. Sì. Ma io so tutto. Tutto ciò che so senza propriamente sapere non ha sinonimo nel mondo delle parole, ma arricchisce e mi giustifica. Anche se ho perso la parola perché ho tentato di dirla. E sapere-tutto-senza sapere è una continua dimenticanza che va e viene come le onde del mare che avanzano e indietreggiano sulla sabbia della spiaggia. Civilizzare la mia vita è espellermi da me. Civilizzare la mia esistenza più profonda sarebbe tentare di espellere la mia natura e il sovrannaturale. Tutto questo intanto non parla del mio possibile significato.

Ciò che mi uccide è il quotidiano. Io vorrei solo eccezioni. Sono persa: io non ho abitudini.

AUTORE. – Angela ha tutta l'illuminazione magica – e mentre si abitua lenta e muta e maestosa e delicatissima e fatale – dell'essere donna – è troppo modesta per esserlo, è troppo fugace per essere definita. Mi ha raccontato che per strada si è rivolta ad una guardia – e mi ha spiegato che ha fatto così perché lui doveva sapere delle cose e soprattutto era armato, questo le infonde rispetto. E disse questo alla guardia: mi può dire, per favore, quando inizia la primavera?

Angela è pazza. Ma ha una logica matematica nella sua apparente pazzia. E si diverte molto, la scandalosa. Si acuisce troppo e poi non sa cosa fare di sé. Sia dannata. Tra il “sì” e il “no” c'è solo una via: scegliere. Angela ha scelto il “sì”. Lei è così libera che un giorno verrà imprigionata. “Imprigionata per cosa?” “Per eccesso di libertà.” “Ma questa libertà è innocente?” “Lo è.” “E pure ingenua.” “Quindi perché la prigioniera?” “Perché la libertà offende.”

Volevo difendere Angela con forti guardie militari svizzere, è tanto peccaminosa quanto si spreca per niente. Nel frattempo, è allegra come una marcia militare.

ANGELA. – Io sono una “attrice”, appaio, dico ciò che sono ed esco dal palco. Che cosa può volere di più una persona ricca e in possesso di un'alta meccanica intelligente come quella di un supercomputer?

AUTORE. – Mi sto prendendo troppa cura della vita di Angela e ho dimenticato la mia. Sono diventato un'astrazione di me stesso: sono un segno, io simbolizzo qualcosa che esiste più di me, io sono il tipo dei senza tipo.

ANGELA. – Presenza di principi, amazzoni, vichinghi, atlantidi, elfi, fauni, gnomi, madri, prostitute, giganti, tutti con la bocca dipinta di nero e le unghie verdi. Radici attorcigliate e contorte, esposte, immobilizzate per dolore di essere cresciute.

AUTORE – Lei a volte vede la realtà, una realtà più inventata e che non si avvicina mai alla realtà, come se questa tutta nuda la spaventasse. Lei è un superlativo. Pretende di essere felice, ma a volte questa felicità la rende inquieta.

ANGELA. – Io vengo da una prolungata nostalgia. Io, che vengo elogiata ed adorata. Ma nessuno vuole avere a che fare con me. Il mio spirito irrefrenabile spaventa chi potrebbe arrivare. Ad eccezione di pochi, tutti hanno paura di me come se io mordessi. Né io né Ulisse mordiamo. Siamo quieti e allegri, e a volte abbaiano di rabbia o di paura. Mi nascondo il mio fallimento. Desisto. E triste colleziono frasi d'amore. In portoghese è “eu te amo”. In francese – “je t'aime”. In inglese – “I love you”. In italiano – “io ti amo”. In spagnolo – “yo te quiero”. In tedesco – “Ich liebe dich”, giusto? Poi io, la non-amata. La grande delusa, quella che di notte sperimenta la dolcezza della morte.

Mi sento una ciarlatana. Perché? È come se la mia ultima veracità non la rivelassi. Quindi devo levarmi i vestiti e rimanere nuda per strada. Questo non è molto difficile. Ma ciò che è difficile è rimanere con l'anima nuda. Mi consegno a Dio allora. E prego molto affinché mi sia data protezione. Sono di un altro pianeta? che cosa sono? la più umile delle umili che si prostra al suolo e avvicina la bocca semiaperta alla terra per succhiarne il sangue. Oh terra, ma che odore di fieno bagnato. Com'è confortante. E anch'io mi spoglio nel mare. Avrò forse una fine tragica? Oh, per favore risparmiatemi. Per favore: è che sono fragile. Cosa mi aspetta quando morirò? Lo so già: quando morirò sarò limpida come una giada.

AUTORE. – Angela ha paura di viaggiare per timore di perdere il suo io in un viaggio. Lei ha bisogno di almeno un minuto per cogliersi in flagrante. Cogliere il vivo e levare il suo ritratto immobile e guardarsi nel ritratto e pensare che il flagrante ha lasciato una prova, quella di questo ritratto già morto.

ANGELA. – Immediatamente la stranezza. Mi estraneo come se una telecamera stesse filmando i miei passi e smettesse subito, lasciandomi immobile nel bel mezzo di un gesto: colta in flagrante. Io? Io sono quella che sono io? Ma tutto ciò è una folle mancanza di senso! Una parte di me è meccanica e automatica – è neurovegetativa, è l'equilibrio tra non volere e volere, tra il non potere e potere, tutto questo scivola nella

piena routine del meccanicismo. La macchina fotografica ha reso singolare l'istante. Ed ecco che automaticamente sono uscita da me per ritrovarmi stordita nel mio enigma, di fronte a me, che è insolito e sorprendente per essere estremamente vero, profondamente vita nuda amalgamata nella mia identità. E questo incontro della vita con la mia identità crea un minuscolo diamante indistruttibile, radioso e indivisibile, un unico atomo e sento il corpo completamente addormentato come quando si rimane molto tempo nella stessa posizione e la gamba all'improvviso viene "dimenticata".

Io sono troppo nostalgica, sembra aver perso una cosa non si sa dove e quando.

AUTORE. – Qui scriverò dirigendomi all'aria e senza rispondere a nulla, poiché sono libero. Io – io che esisto. Esiste una voluttà nell'essere una persona. Non sono più silenzio. Mi sento così impotente a vivere – vita che riassume tutti i contrari dispari e disequilibrati in un'unica e feroce attitudine: la rabbia.

Finalmente sono arrivato al nulla. E nella mia soddisfazione di aver raggiunto in me il minimo di esistenza, solo quella necessaria per respirare – allora sono libero. Non mi resta altro che inventare. Ma poi mi rendo conto: io sono scomodo. Scomodo per me stesso. Mi sento scomodo in questo corpo che è il mio bagaglio. Ma questa scomodità non è che il primo passo per la mia – per la mia cosa? verità? In essa possiedo la verità?

Non dico nulla così come la vera musica. Non dice parole. Non ho nessuna nostalgia di me – ciò che sono già stato non mi interessa più! E se parlo, voglio concedermi di essere discontinuo: non ho alcun impegno nei miei confronti. Io mi accumulo, mi accumulo, mi accumulo – fino a quando non cado in me e scoppio in parole.

Quando scrivo, mescolo una tonalità all'altra, e nasce un nuovo colore.

Voglio dimenticare che non ho mai dimenticato. Voglio dimenticare gli elogi e gli scherni. Voglio inaugurarli di nuovo. E per questo devo abdicare da tutta la mia opera e cominciare umilmente, senza divinizzazione, da un inizio in cui non ci siano residui di qualsivoglia abitudine, tic nervosi o abilità. Il *know-how* devo metterlo da parte. Per questo io mi espongo ad un nuovo tipo di finzione, che non so nemmeno come gestire.

Quello a cui voglio arrivare, prima di tutto, è sorprendere me stesso con ciò che scrivo. Essere preso d'assalto: tremare davanti a ciò che non è mai stato detto da me. Volare basso per non dimenticare il suolo. Volare alto e selvaggiamente per spiegare le mie grandi ali. Fino ad ora mi sembra di non aver volato ad alta quota. Non ho fiducia, neanche questo libro mi farà volare, anche se lo desidero. Perché su questo non si decide, su questo vale ciò che capita quando si viene dal nulla. Ma il peggio è che è già stato

speso il pensiero della parola. Ogni parola libera è un pensiero incollato ad essa come unghia e carne.

ANGELA. – Io sto dietro il pensiero. Scrivo in stato di sonnolenza, ho appena un lieve contatto con ciò che sto vivendo dentro me stessa e anche con una vita interrelazionale. Mi muovo come una sonnambula. Il giorno dopo non riconosco ciò che ho scritto. Riconosco solo la calligrafia. E provo un certo fascino per la libertà delle frasi, che non c'entrano nulla a causa di un'apparente sconnessione. Le frasi non hanno interferenza di tempo. Potevano essere scritte tanto nel secolo scorso quanto nel prossimo secolo, con piccole variazioni superficiali.

Sarà morta la mia individualità?

AUTORE. – Tutto avviene in un sogno ad occhi aperti: la vita reale è un sogno. Io non ho bisogno di “comprendermi”. Sentirmi vagamente, già mi basta. Quando penso senza nessun pensiero – questo lo chiamo meditazione. Ed è così profonda che non ci arrivo e scompaiono le parole, le manifestazioni. Medito, e ciò che viene fuori da questa meditazione non ha nulla a che fare con la meditazione: viene fuori soltanto un'idea che sembra totalmente scollegata dalla meditazione. Anticipa solo ciò che sembra vivere in modo interrogativo, poiché per ogni domanda lanciata all'aria esiste una risposta elaborata nell'oscurità del mio essere, questa parte oscura di me e che è vitale, senza di essa sarei vuoto. Tutte le volte che intendo fare qualcosa, non ne viene fuori nulla, quindi sono distratto quasi di proposito. Fingo di non volere, finisco per credere che non voglio e solo allora la cosa viene.

Le cose avvengono indirettamente. Arrivano di lato. Io giurerei che era il lato sinistro (il lato sinistro è il mio lato migliore.) Che è affranto come lo sguardo di una sensibile e malinconica tenerezza. È l'incontro della purezza con la purezza e allora sento che me lo posso permettere, non so più cosa dire. Allora – non dico o forse è meglio che io dica. Essere un essere permissivo con se stesso è la gloria di esistere. Poter dire a se stessi con vergogna e in modo maldestro: io amo un po' anche te. Me lo concedo. Così giungo all'ultrasonoro. Chi parla, sembrerei essere io, ma non lo sono. È una “lei” che parla in me.

A volte sono denso come Beethoven, altre volte sono Debussy, strana e leggera melodia. Tutto accompagnato dalla respirazione, tre movimenti che scorrono dalle quattro meraviglie. Il mio sogno è accompagnato da un respiro e da tre istanti da dove sgocciolano sette meraviglie. Cammino in cima e lungo un suono di una nota sola prolungata. L'alba verde traslucida con il cinguettare di centinaia di passerotti conserva ancora qualcosa dell'incubo durante la notte oscura: in quest'alba aspra, un cane abbaia lì distante.

Come stavo dicendo: è stato Dio ad inventarmi. Così come io – come durante le olimpiadi greche gli atleti che correvano passavano di fronte alla torcia accesa – così anch'io uso il mio soffio e invento Angela Pralini e la faccio donna. Una bella donna.

Io e Angela siamo il mio dialogo interiore: converso con me stesso. Angela viene dal mio mondo interiore oscuro: lei quindi viene alla luce. La tenebrosa oscurità da dove emergo. Oscurità petulante, lava di umido vulcano in intensa eruzione. Oscurità piena di vermi e farfalle, ratti e stelle.

Io penso per mezzo di geroglifici (miei). E per vivere devo costantemente interpretarmi ed ogni volta la chiave del geroglifico, sono certo che lo sogno – cosa (mia) (nulla), non realizzato – è la sua stessa chiave.

Io scrivo per mezzo di parole che ne occultano altre – quelle vere. È che le vere non possono essere denominate. Sebbene nemmeno io sappia quali sono le “vere parole”, sto sempre alludendo ad esse. Il mio spettacolare e continuo fallimento prova che esiste il suo contrario: il successo. Anche se a me non sarà dato il successo, mi soddisfo a sapere della sua esistenza.

Occasionalmente io stesso che sto scrivendo questo libro.

Dove parlerò dei problemi di scrivere. Del vortice che è mettersi in stato di creazione. Sento che ho una triplice stella.

Io, l'autore di questo libro, vengo catturato da mille demoni che scrivono dentro di me. Questa necessità di fluire, ah, mai, mai smettere di fluire. Se si fermasse questa fonte che esiste in ciascuno di noi sarebbe orribile. La fonte è di misteri, misteri nascosti e se si ferma è perché giunge la morte. Sto tentando in questo libro, un po' impazzito, un po' mormorante, un po' che danza nudo per strada, un po' pagliaccio, un po' giullare alla corte del re. Io, il re del sonno, so solo dormire e mangiare, non ho imparato altro. Quanto al resto, *ladies and gentlemen*, io taccio. Solo che non racconto qual è il segreto della vita

perché non l'ho ancora imparato. Ma un giorno io sarò il segreto della vita. Ciascuno di noi è il segreto della vita e uno è l'altro e l'altro è uno.

Non devo dimenticare la modestia francescana della dolcezza di un uccellino. Avete detto cose meravigliose, ah voi che volete scrivere la vita lunga o corta che sia. È una maledetta professione che non dà pace. Non so se è il sogno che mi fa scrivere o se il sogno è il risultato di un sogno che viene dallo scrivere. Noi siamo pieni o vuoti? Chi sei tu che mi leggi? Sei il mio segreto o sono io il tuo segreto?

Con una vita povera (e qual è la vita ricca?) con la vita povera mi salvo attraverso l'immaginario. Solo che il mio immaginario non si crea attraverso le azioni ma attraverso il sentire-pensare che in verità è sogno. Io immagino parole di meraviglia e ricevo in cambio i loro fulgore. La parola "topazio" mi trasporta nel profondo del mio sogno: topazio mi affascina nel suo luminoso abisso di pietra reale. Una volta ho sognato che c'era una realtà: è stato quando mi sono affacciato all'enigma muto del reale sognato che esiste nel topazio.

Nell'atto di scrivere attingo qui ed ora al sogno più segreto, quello di cui non mi ricordo quando mi sveglio. In ciò che scrivo mi interessa solo trovare il mio timbro. Il mio timbro di vita.

Amo Angela Pralini perché mi permette di dormire mentre parla. Io che dormo per un'esperienza sicura di morte. Esperienza del primo corso perché la morte è così incommensurabile che mi perderei in essa. No – parlando sinceramente – non permetto che il mondo esista dopo la mia morte. Provo rimorso per chi ho lasciato vivo a guardare la televisione, rimorso perché l'umanità e lo stato di uomo sono colpevoli senza la remissione della mia morte.

ANGELA. – Di notte i morti vanno per i viali del cimitero antico e nessuno sente i loro cembali. Un clarinetto stonato acuto e muto. Io tremo nel mio letto per il brivido che a volte mi contrae e altre no. Non grido. No. Ma sto male e faccio fatica a vivere. Mi stringo in una respirazione affannata. Penso a bassa voce e lentamente: se io sono viva è perché morirò. Il clarinetto suona di nuovo. E adesso spengo la luce e dormo.

AUTORE. – (mentre Angela dorme.) Tutte le parole scritte qui mi stringono in uno stato sempre attuale che io chiamo "sono".

ANGELA. – Un giorno di questi ho visto sul tavolo una fetta di anguria. E, così sul tavolo spoglio, sembrava il sorriso di un pazzo (non so spiegarlo meglio). Se non fosse la rassegnazione a un mondo che mi obbliga ad essere sensata, come griderei di paura alle allegre mostruosità preistoriche della terra. Solo un bambino non si spaventa: anche lui è un'allegra mostruosità che si ripete dall'inizio della storia dell'uomo. È solo dopo che viene la paura, la pacificazione della paura, la negazione della paura – la civilizzazione, infine. Intanto, sul tavolo spoglio, la fetta gridante di anguria rossa. Sono grata ai miei occhi che ancora si meravigliano tanto. Vedrò ancora molte cose. In verità, anche senza anguria, un tavolo spoglio è comunque qualcosa da vedere.

AUTORE. – Scrivo come se stessi dormendo e sognando: le frasi sconnesse come in sogno. È difficile, da sveglio, sognare liberamente nei miei remoti misteri. C'è una coerenza – ma solo nelle profondità. Per chi sta a galla e senza sognare, le frasi non significano nulla. Anche se sono già svegli alcuni devono sapere che nella vita reale si vive in un sogno. Che cos'è la vita reale? i fatti? no, la vita reale viene raggiunta solo da ciò che c'è di sogno nella vita reale.

Sognare non è un'illusione. Ma è l'atto che una persona fa da sola.

Io – io voglio rompere i limiti della razza umana e diventare libero come un grido selvaggio o “divino”.

Ma mi sento indifeso rispetto al mondo che quindi mi viene aperto. Chi? chi mi accompagnerebbe in questa solitudine che se non ci fossi tu, Angela, non raggiungerei la vetta? O forse sto cercando di entrare nei più remoti misteri che, mentre dormo, affiorano soltanto nei sogni.

L'immaginazione precede la realtà! Ma io so solo immaginare parole. So solo una cosa: che sono pungentemente reale. Che sto nella vita a fotografare il sogno. Chiunque può sognare ad occhi aperti se non mantiene la coscienza troppo vigile.

La mia vita è tentare di conquistare quello che è Sconosciuto. Perché Dio è di un altro mondo – il grande fantasma.

La vita reale è un sogno, solo che ad occhi aperti (che vedono tutto distorto). La vita reale entra in noi a rallentatore, pure il raziocinio più preciso – è sogno. La coscienza mi serve solo per sapere che vivo a tentoni e nell'illogicità (appena apparente) del sogno.

Il sogno di coloro che sono svegli è materia reale. Noi siamo così sognatori illogici che speriamo nel futuro. Io baso la mia vita sul sogno da sveglio. Ciò che mi guida è il progetto che domani sarà domani. La mia libertà? La mia libertà non è libera: corre su sentieri invisibili. Nemmeno la pazzia è libera. Ma è anche vero che la libertà senza una direzione sarebbe una farfalla che vola in aria. Ma nei sogni di chi è sveglio c'è una leggerezza incoerente di ruscello gorgogliante e coerente. Lo stato di essere.

Ciò che sogno di notte e che mi dimentico la mattina seguente – questo sconforto intimo di chi ignora parte della sua vita: la morte mi sfugge. A volte io non dormo tutta la notte con la speranza di sognare sveglio e di essere cosciente del mistero e della profondità del sogno. E davvero, anche senza dormire, per stanchezza, comincio a sognare ad occhi aperti.

Io sono un abisso di me stesso. Ma sarò sempre obliquo. E i cavalli bianchi riempiono le mie pupille con amore ardente. Possiedo sette cavalli di puro sangue. Sei bianchi e uno nero.

Il quotidiano ha in sé l'abuso del quotidiano: il quotidiano ha la tragedia del tedio della ripetizione. Ma c'è una via di scampo: la grande realtà è fuori serie, come un sogno nelle viscere del giorno.

Non ho mai avuto la vocazione per scrivere: sin da quando ero piccolo era il numero ad affascinarmi. Se adesso faccio ogni giorno, e in modo maldestro, annotazioni è perché mia moglie non serve per una conversazione.

Ho già tentato di scrivere e questo mi ha divertito, è un'avventura, non so mai che cosa mi succederà in forma di parole e ciò che scoprirò di giorno in giorno per il mio stesso bene, farò il possibile per non usare un vocabolario tecnico che naturalmente ho, dato che sono specializzato in fisica.

ANGELA (*profondità: sonnambulismo*). – Buongiorno, buonasera e buonanotte, per sempre, se vuoi, oh rinoceronte che attacca e io ho bisogno di fare attenzione con te. Dico così: attenzione-attenzione-attenzione. Attenzione al cielo alto, potrebbe abbassarsi e avvolgermi nelle nebbie e nel blu e le mie ali volerebbero in un volo cieco tra le nubi spesse del blu che non è trasparente perché il blu del cielo non è trasparente e in esso sono incrostate le stelle, ma il sole e la luna sono davanti al blu, il blu rimane dietro il sole e la luna, e il sole e la luna galleggiano nell'aria senza colore. Ciò che mi separa dal blu del

cielo alto sono gli assoluti chilometri d'aria senza colore e l'aria senza colore è rotonda ed è ciò che respiro, non respiro il cielo blu. E quando mi dai la tua mano fredda, io, che ce l'ho calda, sento un brivido lungo la schiena e ti ammazzo, ammazzo, ammazzo fino a quando non muori completamente e diventi inutile per qualsiasi altra donna, io di nuovo ti ammazzo, ammazzo e ammazzo. Io non ti voglio per niente, "la tua" mano fredda. Vado per di là a cercare una mano calda, e ti mando a quel paese mio grande amore, c'è un divario perturbante tra noi due – per questo ho in mente di riempire questo divario e ho un amante per favorirti e salvarti dal vuoto e cavo divario senza fondo che è il vuoto. Ciò che scrivo ora non è per nessuno: è solo per lo scrivere in sé, questo modo di scrivere consuma lo scrivere. Questo mio libro della notte mi nutre di una melodia cantabile. Ciò che scrivo è autonomamente reale.

Io voglio pensare-sentire oggi e, no, averlo fatto solo ieri o farlo domani. Ho una certa fretta di sentire tutto. Non voglio che nulla si perda nel passaggio dell'io-me all'io-globale. Voglio raggiungere dentro di me un paesaggio così profondamente sotto terra, un lenzuolo di acque tranquille che scorrono – e l'anima estasiata che non si controlla e trema in un lievissimo orgasmo. La pura contemplazione.

Non ho mai visto una cosa più solitaria di avere un'idea nuova e originale. Non si viene appoggiati da nessuno e non si crede in se stessi. Quanto più nuova è la sensazione-idea, più vicino ci sembra di essere alla solitudine della pazzia. Quando ho una sensazione nuova lei mi estranea ed io la estraneo. Non sopporto nemmeno la felicità acuta e solitaria di sentirmi felice. Mi manca la serenità per ricevere le buone notizie. Quando sono felice, divento nervosa ed agitata. La luce è troppo brillante per i miei poveri occhi.

AUTORE. – Di professione vorrei essere la persona che fa rintoccare le campane (senza farlo per chiamare i fedeli). Con quanta allegria io stesso tremerei alle vibrazioni, traslucide, potenti e echeggianti in piena aria della vita: vigorosi rintocchi estasiati. È un suono più splendido pure di Bach.

Il mio regno non è la trasparenza gridante dell'anima delle campane. Al contrario: mi nutro tenebroso delle radici nere e amare degli alberi, che cerco scavando la terra con nodose dita dure e con le unghie sporche: mangio e mastico e ingoio la terra.

Che cosa sto dicendo! È o non è la verità. Io mento così tanto che scrivo. Io mento così tanto che vivo. E mento così tanto che vado in cerca della mia verità. Tu sarai la mia

verità. Voglio il seme verace di te. Se riesco ad attraversare il bosco feroce di inganni. Sono un quiproquo in un labirinto fatto di fili di nervi insanguinati. E io non capisco che cosa dici. Angela, capisco solo ciò che pensi. Voler capire è una delle peggiori cose che potevano succedermi. Ma attraverso la tua innocenza sto imparando a non sapere. Ma vivo in pericolo. Non pericolo dei fatti ma in estremo....

ANGELA (*Sonnambulismo*). – Grigio-scuro i tuoi occhi d'acciaio mi affascinano, la tua bocca dai contorni più chiari delle labbra. Mi abbracci troppo forte solo quando vuoi ma non indovini mai quando voglio.

L'uva, un grappolo d'uva rotonda e polposa e liquida e trasparente per finta perché dà l'impressione di essere trasparente, ma non si vede dall'altra parte, tu sei interamente opaco nonostante tu dia l'impressione di essere trasparente diavolo per l'inferno con cui ho a che fare con la tua opacità e quella delle cose il toro della fattoria è grosso le mucche odorano di campi e campi inediti il campo è all'aria aperta tra il campo e il cielo io respiro l'aria che vola vola lieve quando comincia a soffiare sul mio volto nudo e disordinato folle quando le finestre battono e battono per le folate di vento mi piace tanto sentire la brezza come espormi alle folate di vento che fanno battere porte e finestre dell'intero caseggiato. Batte e batte veloce e impazzito noi e i servi corriamo a chiuderle e dentro il caseggiato chiuso soffochiamo nella luce elettrica smorta ascoltando l'ululare dell'aria violenta e rapida tremano porte e finestre chiuse.

Si dice così baciata dalla brezza luogo comune preferisco dire che la brezza mi benedice tra leggermente ocre e allo stesso tempo che è lievemente astringente è anche lievemente dolciastra sulle labbra che sono inquinate dal polline portato dal velo di profumo che è la brezza.

AUTORE. – Angela, non immagina perché ho avuto questa idea: quella di contare i numeri a partire da uno fino ad arrivare al mille. E davvero succede qualcosa: quando i numeri sono più alti, lei stessa si solleva in uno stato di estrema grazia, quasi irrespirabile da quanto è rarefatta. È come un'ipnosi sonnambula ma con un leggero tocco di coscienza: appena quel che basta per sapere se stessa. E sapere che viene trasportata immediatamente da lei stessa, una sconosciuta – su un piano pieno di favole.

Angela è un sogno mio.

Ho la testa addormentata e le parole escono da me e vengono da un flusso che non è mentale. Vuoto come si rimane quando si raggiunge il più puro stato del pensiero. Sgorgare in pensiero è molto eccitante, sensuale. Anche se a volte il tempo è caldo e umido, il sole dietro le nuvole. Intanto io mantengo segreto il mio strano potere. Non so potere di cosa – un po' scuro e forse potente. Chissà se questo potere si riassume nel respirare? nel pensare? nel quasi indovinare? nel potere di uccidere e non uccidere? È un potere contenuto. A volte il pensiero che sorge fa un solletico così leggero ed inesprimibile. Ho pensieri che non posso tradurre in parole – a volte penso un triangolo. Ma quando cerco di pensare mi preoccupo di cercare di pensare e non sorge nulla. A volte il mio pensiero è a malapena il sussurro delle mie foglie e dei miei rami. Ma per il mio miglior pensiero non ci sono parole.

Ho scoperto che ho bisogno di non sapere a cosa penso – se io fossi cosciente di ciò che penso, potrei non poter pensare più, riuscirei solo a vedermi pensare. Quando dico “pensare” mi riferisco al modo in cui sogno le parole. Ma il pensiero deve essere un sentire.

Io adesso so pensare al nulla. È stata una conquista. Non pensare significa avere un contatto inesprimibile con il Nulla. Il “Nulla” è l’inizio di una disponibilità libera che Angela chiamerebbe Grazia.

ANGELA. – Ero insonne ieri notte.

Ho chiuso gli occhi e ho rilassato il corpo e ho cercato di non pensare per addormentarmi. Lentamente ho iniziato ad avere una strana coscienza di abbandono. Il mio (pensiero?) la mia essenza si... il mio corpo stava fuori di me ed io l’ho visto trasparente e attraverso la trasparenza le arterie pulsanti, vive, piene di sangue che circolava alla più alta velocità possibile per tutte le membra: sembravano canali di irrigazione. Ho visto anche aria, acqua e un liquido giallo. Vedevo tutto a colori. Tutto in assoluto silenzio. Non è data a tutti la possibilità di una fugace immersione nella propria carne misteriosa. Questo mio corpo che è autonomo e sicuramente elettronico. Nessuna macchina mi fa vivere. Il mio corpo è vivo e lavora come una fabbrica che lavora in assoluto silenzio. Il mio mondo interiore è una delle cose più belle e strane del mondo. Io sono la Natura geniale. Solo Dio, che è energia creatrice, potrebbe avermi fatta con la perfezione del tesoro che io possiedo dentro di me.

Dopo il mio pensiero o essenza visionaria sono tornata in me e questa volta è stato molto confortante e mi sono sentita pienamente soddisfatta. E con una tenerezza delicata del possesso di quella cosa inspiegabile che lavorava per me. Ah, non mi ricordo più di nulla. Poi, ho sentito che il sonno mi prendeva lentamente e mi sono addormentata con la benedizione del corpo di Dio.

AUTORE – Angela pensa a quale stato di grazia o di vita si sta per realizzare nel mondo esterno. Lei si sforza di conquistare lo stesso Dio, rendendolo il mondo esterno. Ma chi vive in uno stato di grazia, non permanente ma con molta frequenza, sono io. Ho ottenuto questo attraverso un distacco dal mondo. Vivo un vuoto che si chiama anche pienezza. Non avere mi riempie di benedizioni. Quanto alla mia vita pratica sono riuscito a vivere in una città grande e turbolenta come se fosse provinciale e facile.

Angela scrive come vive: proiettandosi. Ma io sono già libero: scrivo per niente. Apro il cammino a me stesso. Vivo senza modelli. Scrivo senza modelli. Essere libero è ciò che mi dà questa grande responsabilità.

Io...io...io?

ANGELA. – Quanto a me, metto la mia inesistente barba a mollo, visto che non sono stupida. Questa notte – piena di vento – ho sognato un sogno così gratificante. C'erano un bambino di 14 anni e una bambina di 13 che correvano l'uno dietro all'altra, nascondendosi dietro gli alberi, ridendo e scherzando. Ed ecco che all'improvviso si fermano e muti, pensierosi, spaventati si guardano negli occhi: sapevano che un giorno avrebbero amato.

AUTORE. – Angela è urgente ed emergente. Come giudice sono sfortunatamente legato alla lentezza più di quanto spero.

Eccomi. Sono stato reclutato e mi presento a me stesso. E cade una goccia d'oro. La realtà è più irraggiungibile di Dio – perché non si può pregare la realtà.

Nel sogno del reale sembra che non sia io a vivere, ma un'altra persona. Quest'altra persona è Angela che è il mio sogno ad occhi aperti.

Sto parlando io o sta parlando Angela?

Non esiste una vera e propria realtà. Quel che si può fare è vedere la verità attraverso il sogno. La vita reale è solo simbolica: si riferisce a qualche altra cosa.

L'azione – ecco a cosa mira la magia! Ciò che è magico pretende sostituirsi alla Legge, sia a proprio vantaggio, sia a vantaggio di chi contratta e lo paga.

Io non esisterei se non avessi parole.

Angela va dal linguaggio all'esistenza. Lei non esisterebbe se non avesse parole.

Sono uno scrittore da molto tempo, posso soltanto dire che quanto più si scrive tanto più è difficile scrivere. Faccio concorrenza a me stesso? Per esempio, voglio scrivere di una persona che ho inventato: una donna chiamata Angela Pralini. Ed è difficile. Come la separo da me? Come renderla diversa da ciò che sono? Una cosa è certa ed è inutile tentare di cambiarla: è che Angela ha ereditato da me il desiderio di scrivere e dipingere. E se ha ereditato questa parte di me, è perché non riesco ad immaginare una vita senza l'arte di scrivere o di dipingere o di fare musica. Che cosa vuole Angela dalla vita? Piano piano lo scoprirò. Nello stesso momento in cui scoprirò ciò che voglio dalla vita. Solo che Angela è mossa dall'ambizione e io da una semplice umiltà. Per scrivere ho bisogno di non perdere di vista la mia scarsa capacità. Sono una nota musicale grave. Angela è una nota acuta, è un grido all'aria. Io sussurro, Angela, con una voce chiara, alta e limpida, canta le sue futilità che hanno il dono di sembrare realtà profonde e fantastiche. Io ho perso il mio stile: e lo considero un guadagno: quanto meno stile si ha, più pura esce la parola nuda. Ho bisogno, nella mia solitudine, di contare su qualcuno e per questo ho fatto nascere Angela: voglio mantenere il dialogo con lei. Ma succede che, nelle pagine prima di queste, in pagine scritte che ho già strappato, ho notato che il mio dialogo con Angela è un dialogo tra sordi: uno dice una cosa e l'altro dice di sì ma ad una cosa diversa, e arrivo io che dico di no, e vedo Angela che nemmeno mi contraddice. Ciascuno di noi segue il proprio filo del discorso, senza ascoltare troppo l'altro. È la libertà. E non posso lamentarmi: io stesso ho dato questa libertà e indipendenza ad Angela. Quasi sempre lei mi ignora. E lotto per mantenere il mio stile qualunque sia e che i critici non hanno ancora depurato. – Angela lotta per creare un modo proprio di esprimersi. Allora, siccome sono in un certo senso il suo padrone – la obbligo a scrivere in maniera semplice. Angela – come spiegare – ha un'ansia dorata. Io ho il peso dell'angoscia nel petto, angoscia senza oro, né cristallo, né argento. Angela è oro-sole, è diamante-scintillante, è cristallo-risplendente. La immagino anche come un enorme smeraldo che luccica nel vuoto

dell'aria e il suo profondo verde trasparente è magico. Lei è una cascata di pietre preziose. La invidia, io che di tanto in tanto perdo la mia opacità.

ANGELA. – Mi sono scontrata con l'impossibile di me stessa. Così mi sono resa goffa senza volerlo. Irreale come la musica. Io, sonnolenta e fantasmagorica nella notte chiusa e piena di fumo e noi intorno alla fortissima lampada gialla, luce che non mi lascia dormire, come i riflettori potentissimi che i carnefici accendono sulla vittima della loro tortura per non lasciarla riposare.

Prima ero una donna che sapeva distinguere le cose quando le vedeva. Ma ora ho commesso il grave errore di pensare.

AUTORE. – Angela vive stordita in un grande disordine. Se non ci fossi io, Angela non avrebbe coscienza. Se non ci fossi io, lei sarebbe diafana come il profumo di un sogno. Affinché lei sia più che il profumo di un sogno, pianto qua e là nella sua vastità un altro cactus duro, ma di fronte agli altri. Come marcatori di distanza. Profumo di un sogno? Ma lei è il sostrato immateriale di me.

ANGELA. – Sono, come dire, sonnambula. Voglio comporre una sinfonia nel cui intreccio ci sia silenzio – e la platea non batte le mani quando sente i musicisti fermarsi – come in una fotografia – non vogliono dire “fine”. La musica è all'auge – allora si fa un minuto di silenzio – e i suoni ricominciano.

AUTORE. – Oltre la mia involontaria, ma incisiva, funzione di povero scriba – oltre a questo è il silenzio che invade tutti gli interstizi della mia piena oscurità.

La musica mi insegna in modo profondo ad essere audace nel sentirmi me stessa nel mondo. Io cerco il disordine, cerco lo stato di caos primitivo. È in esso che mi sento vivere. Ho bisogno dell'oscurità che implora, della recettività delle più primordiali forme di volere.

Il ridotto successo dei miei libri mi ha creato delle difficoltà a scrivere. Sono stato invaso dalle parole degli altri. Ho bisogno di incontrare di nuovo la mia difficoltà. Viene da ciò che è verace in me. Ho bisogno di liberarmi delle abilità. Questa abilità mi permette di scrivere anche per chi è mezzo analfabeta. Visto che non ho bisogno nemmeno di me.

Sono libero da me. Terribilmente disoccupato perché non ho più bisogno di nulla. Non ho nemmeno bisogno del giorno dopo.

Ciò che sostiene e dà equilibrio all'uomo sono le sue piccole manie ed abitudini. E innalzano il suo sviluppo perché tutto ciò che si ripete molto finisce per approfondire un'attitudine e darle spazio. Ma per sperimentare una sorpresa è necessario che la routine delle abitudini e delle manie sia per qualche motivo sospesa. Con cosa rimango? Con l'approfondimento critico o con una sorpresa stimolante? Credo che mi rimangano entrambi, anarchicamente intrecciati o simultanei. La simultaneità nel lavoro creativo viene dall'approfondimento: a volte, scavando a fondo nel terreno, si vede subito una crepa – gemma inaspettata.

Io uso il sistema bancario e non capisco. Uso il telefono e non capisco il suo meccanismo. Schiaccio il pulsante della televisione e tutto ciò che conosco della televisione è il pulsante. Io uso l'uomo e non lo conosco. Io mi uso e....

ANGELA - ... e vedo tutto con prospettive nuove: la scrivania dove scrivo si allunga oltre la lunghezza di un tavolo, la mia penna è enorme da quanto è lunga e ho bisogno di stare molto lontana dalla scrivania per scrivere affinché la punta della penna arrivi al foglio che è più bianco di un foglio. Dall'abajour viene un grande triangolo di luce sulla carta e la mia mano ed io facciamo un'ombra fuori dal comune sulla parete. Tutto si è ampliato. Io, il foglio, la luce e la penna sono liberi in uno spazio libero nel campo illimitato dove si innalzano campi di grano dorati.

AUTORE. – Io, alchimista di me stesso. Sono un uomo che si divora? No, è che vivo in eterna mutazione, con nuovi adattamenti al mio vivere rinnovato e non arrivo mai alla fine di nessuno dei modi di esistere. Vivo di sbizzi incompleti e vacillanti. Ma sto in equilibrio come posso tra me ed io, tra me e gli uomini, tra me e il Dio.

Vivo nell'oscurità dell'anima, e il cuore batte, avido dei futuri battiti che non possono smettere. Ma una o l'altra frase si salva dalle tenebre e sale lieve e volatile alla mia superficie: allora ne prendo nota qui.

Ma quello che volevo era portare a galla da me la vera e propria oscurità è come petrolio che sgorga scuro, denso e abbondante.

Io non sono un informatore ma a volte mi capita di dare notizie che sorprendono anche me.

Quando mi concentro, mi concentro senza volerlo e senza sapere come ci riesco ma ci riesco, indipendentemente da me. O meglio: succede. Ma quando io stesso voglio concentrarmi allora mi distraigo e mi perdo nel “volere” e riesco solo a sentire il volere che diventa oggettivo. E la concentrazione non arriva. La volontà deve essere nascosta, altrimenti ammazza il nervo vitale di ciò che si vuole.

Chi comanda in me, se non sono io? Visto che non riesco a raggiungermi.

Qual è la parola che rappresenta l’“ignoto” che sentiamo dentro noi stessi? Ci sono molte cose che hanno già aderito all’ignoto. Qual è la realtà del mondo? perché io non la conosco. La natura non è casuale. Visto che essa si ripete, e il caso ripetuto diventa legge, queste casualità che non sono casualità.

Rimango inorridito e la mia testa si copre di sudore freddo. Perché se è vero ciò che è male e che a fatica sento – allora devo cambiare radicalmente vita.

Che cosa penso? Bene, tenterò di spiegarlo con la testa umida e la mano leggermente tremante: è questo:

Chissà – chissà se ciò che è giusto sta esattamente nell’errore? Se è vero, quanti “errori” fruttiferi ho perso. Questo è contrario a tutto ciò che ho imparato e tutto ciò che la società umana mi ha insegnato. Per paura dell’errore, io mi sono imbastardito. Per evitare l’errore, io non ho mai osato nulla di grande. Io, in piedi per strada, faccio ombra per terra. La mia ombra è il mio opposto del “giusto”, la mia ombra è il mio errore – e quest’ombra-errore mi appartiene, solo io la possiedo in me, io sono l’unica persona al mondo che è riuscita ad essere io. Ho quindi il diritto acquisito di essere io? Adesso io voglio indietro i miei errori. Li rivendico.

Voglio dimenticarmi che esistono lettori – e anche lettori esigenti che non so cosa si aspettino da me. Poi prenderò la mia libertà in mano e scriverò non-mi-importa-cosa?, anche se scadente, ma comunque io.

Io sono solo sporadicamente. Il resto sono parole vuote, pure loro sporadiche.

Tento di sensibilizzare la lingua affinché essa tremi e crolli e il mio terremoto apra crepe spaventose su questa lingua libera – ma sono prigioniero in un processo di cui prendo coscienza, e che procede senza di me.

Come inizio per una conversazione, affermo solo che si vive, la vita stessa, quando si impara che pure le bugie sono verità. Mi rifiuto di dare prove. Ma se qualcuno insiste molto con i “perché”, dico: la bugia nasce in chi la crea e crea nuove bugie da nuove verità.

Una parola è la bugia dell'altra.

Esigo che crediate in me. Voglio che mi crediate anche quando mento.

ANGELA. – Non ci sono – aspetto – mi giudico con eccesso di imparzialità. Ma ho bisogno di essere un po' imparziale altrimenti soccombo e mi impiglio nella mia forma poetica di vivere. Oltre alla fisicità ho qualcosa di patetico: i miei occhi grandi sono infinitamente interrogativi e nello stesso istante sembrano chiedere qualcosa e le mie labbra stanno sempre socchiuse come si reagisce di fronte ad una sorpresa, oppure come quando l'aria che si respira dal naso è insufficiente e allora si respira dalla bocca: oppure come sono le labbra quando stanno per essere bacciate. Io sono, senza averne coscienza, un armadillo.

Sebbene sia perspicace, non capisco veramente che cosa mi sta succedendo. E il mondo che esige da me decisioni per le quali non sono pronta. Decisioni non solo rispetto al provocare o meno la nascita di avvenimenti ma anche decisioni sulla migliore forma di essere.

Una tensione da corda di violino.

Io non capisco il mio passato più remoto, l'infanzia e l'adolescenza che si vivono senza capire e senza prestare attenzione. Ero una sciocca. Ora senza il minimo appoggio sulla base iniziale della mia vita sono libera e pericolante e gli avvenimenti vengono a me come qualcosa di sempre discontinuo, non legati ad una comprensione anteriore alla quale questi avvenimenti smettono di essere una successione intellegibile. Ma no: gli avvenimenti sembrano non avere una causa in me. Davvero non capisco quello che mi succede. E il mio punto di vista in relazione agli onori è primario.

Perché voglio fare di me un eroe? In verità sono antieroaica. Ciò che mi tormenta è che tutto è “al momento”, nulla è per “sempre”. La vita – a partire dal momento in cui si nasce – è guidata, idealizzata dal sogno. Io non pianifico nulla, io faccio un salto nel buio e mastico tenebre, e in queste tenebre a volte vedo lo scintillio luminoso e puro di tre brillanti che non sono commestibili. Allora vengo a galla con un brillante in ogni

pupilla degli occhi per trapassare l'opaco del mondo e l'altro tra le labbra semichiuse affinché quando parlerò le mie parole siano cristalline, dure e offuscanti.

AUTORE. – Io vorrei un modo di scrivere delicatissimo, schizofrenico, schivo e vero che mi rivelasse la faccia senza rughe dell'eternità. Accecato dal desiderio di essere felice ho perso la mia vita.

Mi sono mosso con una tensione di arco e freccia in un'irrealtà di desideri.

ANGELA. – Viene a mancare il sogno in ciò che scrivo. Com'è segreto vivere! Il mio segreto è la vita. Io non racconto a nessuno che sono viva.

AUTORE. – Viviamo a fine secolo, esaurendoci in decadenza – o siamo nell'Età dell'Oro? siamo prossimi ad un'apparizione. Prossimi a conoscere noi stessi. Prossimi all'anno 2000.

Il mondo? La sua storia senza pietà e tragica è il mio passato. Sarà che la parola topazio ha già il pensiero sciupato? No, sento ancora fulgori di un'energia nella traslucida parola dorata chiamata topazio.

Sono un mendicante con la barba piena di pidocchi seduto sul bordo della strada a piangere. Non sono altro che questo. Non sono allegro né triste. Sono esente e illeso e gratuito.

ANGELA. – Dormire.... Con il cuore tutto silenzioso e che va a stento, la mano che trema, il calore intimo di un sorso di vino rosso. E distendersi sul letto pieno di cuscini e scegliere la posizione migliore. Allora un mormorio di preghiere viene dal sangue caldo. Ma non riesco mai a captare l'istante-zero in cui mi addormento e dormiente muoio.

Di notte sono andata scalza sulla sabbia in penombra ma il mare era un grosso svuotamento della notte scura – e mi sono spaventata come una rondine. Il mare nero mi chiamava alla risacca della bassa marea, mareggiata oscura.

Dopo una notte mal dormita sono in uno stato di agreste vigilanza. E quelli che dovrebbero essere stati i sogni, se avessi dormito di notte, cominciarono ad avvenire di giorno: in qualche modo questi sogni sarebbero dovuti apparire e dovevano perché dovevano passare, anche se per le strette brecce che il giorno apre in me. In questo modo

è impossibile smettere di sognare e vaneggiare. Sono un cranio vuoto e con le pareti vibranti e pieno di nebbie azzurrognole: queste sono materia del dormire e del sognare, non dell'essere. Devo perché devo inventare il mio futuro e inventare il mio cammino.

Io voglio la ghiaia brillante nel ruscello oscuro. Io voglio lo scintillio della pietra sotto i raggi del sole, io voglio la morte che mi libera. Provarei piacere se smettessi di pensare. Allora sentirei il flusso e il reflusso dell'aria nei miei polmoni. Sperimento il vivere senza passato senza presente e senza futuro ed eccomi qui libera.

È mattina. Il mondo è così allegro come un circo caduto in disgrazia.

AUTORE. – È un giorno molto bello. Cade una pioggia molto sottile, il cielo è oscuro e il mare agitato. Le anime sorvolano il cimitero, i vampiri sono liberi, i pipistrelli raggruppati nella caverna. Mi riparo con il mistero ed il terrore. Se all'improvviso il sole dovesse uscire io farei un grido di stupore e un mondo crollerebbe e non ci sarebbe il tempo perché tutti fuggano dalla luce. Gli esseri che si alimentano delle tenebre.

Mi interessa scrivere solo quando riesco a sorprendermi con ciò che scrivo. Io prescindo dalla realtà perché posso avere tutto attraverso il pensiero.

La realtà non mi sorprende. Ma non è vero; all'improvviso ho una tale fame di "ciò che succede lo stesso" che mordo con un grido la realtà con i denti che la dilacerano. E poi sospiro sulla preda di cui ho mangiato la carne. E per molto tempo, di nuovo, prescindo dalla realtà reale e mi avvicino a vivere dell'immaginazione.

Come trasformare tutto in un sogno
ad occhi aperti?

AUTORE. – L'avvenimento è più importante del testo.

Gli avvenimenti mi disorientano. Per questo ora scriverò sui non-avvenimenti, cioè sulle cose ed il loro straordinario mistero.

È curiosa la sensazione di scrivere. Mentre scrivo non penso né al lettore né a me: in quel momento sono – ma solo di me – sono le parole propriamente dette.

ANGELA. – Mi piacciono le parole. A volte mi viene una frase libera e fasulla, senza nulla a che vedere con il resto di me. Scriverò da ora in poi in questo diario, nei giorni in cui non c'è nulla in più da fare, le frasi quasi al limite di non avere senso ma che suonano come parole amoroze. Dire parole senza senso è la mia grande libertà. Poco mi importa di essere capita, voglio l'impatto delle sillabe offuscanti, voglio il nocivo di una parola malvagia. Nella parola c'è tutto. Vorrei, tuttavia, non avere questo desiderio sbagliato di scrivere. Sento che vengo spinta. Da chi?

Io voglio scrivere con parole così legate le une alle altre che non ci siano intervalli tra me e loro.

Io voglio scrivere molto arrabbiata. Io vengo da lontano. Molto lontano. E da me viene l'odore puro di cherosene.

AUTORE. – La parola è la deiezione del pensiero. Scintilla.

Ogni libro è sangue, è pus, è escremento, è un cuore ritagliato, è nervi frammentati, è uno shock elettrico, è sangue che coagula e scorre come lava che ribolle giù per la montagna.

ANGELA. – Oh, non voglio più esprimermi con le parole: voglio farlo “baciandoti”.

AUTORE. –Io che scrivo, occasionalmente cerco per ogni parola l’esplosione incosciente di un sentimento straziante.

ANGELA. – Ho voglia di scrivere e non ci riesco. Ho voglia di scrivere una storia intitolata “Un Piede”. È un’altra intitolata “Che aspra sei”. Ciò che scrivo è senza interlinea? Se così fosse, sarei perduta.

Il romanzo che vorrei scrivere è “È come Tentare di Ricordarsi. E non Riuscirci”.

“C’è un libro in ciascuno di noi”, dicono. E poi magari avrei voluto far uscire da me un libro, che avrei scritto se avessi talento per farlo, oltre alla perseveranza.

Mi sento come una sirena fuori dall’acqua. A metà di me le squame sono come gioielli che risplendono al sole della vita. Visto che sono uscita dal mare verso la vita. E mi ritorco su uno scoglio pettinando i miei lunghi capelli salati. Non so perché ho scritto questo, penso per non dimenticarmi di annotare qualche cosa.

Io non scrivo, perché sono pregiudiziosa e svolazzante. Voglio vivere troppo e penso che scrivere non sia vivere. Che basta sentire. Non posso fare nulla per me in questo senso: mi sono già liberata della mia macchina ed esigo essere consegnata al mio destino.

AUTORE. – Non scrivo perché voglio. Scrivo perché ne ho bisogno. Altrimenti che cosa ne farei di me?

Tutto ciò che continuo ad essere o a fare o a pensare ha un accompagnamento musicale. Ci sono giorni interi e consecutivi che sono accompagnati da un potente e malinconico organo. Quando sono difficile per me stesso l’accompagnamento è a quartetto.

Quasi non so che cosa sento, se veramente sento. Ciò che non esiste comincia ad esistere nel ricevere un nome. Io scrivo per far esistere e per esistermi. Fin da bambino ho cercato il soffio della parola che da vita ai sussurri. Solo che non sono diventato un vero scrittore perché mi perdo troppo tra le vite e la mia vita. E anche perché ho bisogno di mettere ordine nella mia vita, in questo caos di cui è fatta questa vita grave ed inammissibile. Non riesco ad associarmi alla mia vita.

Grave come un ragazzino di 13 anni. Grave come una bocca aperta che canta. L’annunciazione.

Che sfrontatezza: farmi aspettare.

Vedere è un miracolo. Come descrivere una piramide? Come descrivere una luce accesa?

ANGELA. – Ho tanta vergogna di scrivere. Anche se non pubblico. Quando la gente parla con Dio non deve usare parole. L'unico modo di contatto è quello di un'attitudine muta e viva, come il puntatore di un'incosciente e saggia bussola.

AUTORE. – Mi strumentalizzano quando mi chiamano scrittore. Non lo sono mai stato e mai lo sarò. Mi rifiuto di avere il ruolo dello scriba nel mondo.

Io odio quando mi ordinano di scrivere o quando si aspettano che io scriva. Una volta ho ricevuto una lettera anonima che mi offriva spiritualmente un musical purché io continuassi a scrivere. Risultato: ho smesso completamente. Il solo che comanda in me – sono io.

ANGELA. – Io non scrivo complicato. È liscio come il mare calmo con onde che si sparpagliano candide e fredde: *Agnus Dei*.

Ma qualcuno mi sente? Allora grido forte: mamma, e sono figlia e sono madre. E ho in me il virus della violenza crudele e dell'amore dolcissimo. Figli miei: vi amo con il mio povero corpo e la mia anima ricca. E giuro di dire la verità e solo la verità. Avvolta dal terrore. Amen.

Ho messo al suo luogo ogni cosa. È proprio così: al suo luogo. Perché "a posto" ricorda il pus di una ferita brutta e marrone sulla gamba di un medicante e la gente si sente così in colpa a causa della ferita con il pus del mendicante e il mendicante siamo noi, i degradati.

Tanto delicato e vibrante come captare una stazione musicale nella radio a batterie. Anche la batteria nuova a volte non funziona. E all'improvviso arriva chiara o fortissima o benedetta la stazione che voglio, leggera come una mosca. Chi ha già parlato sul rumorino secco e breve che fa il fosforo quando si accende la fiamma rovente e arancione?

Sto aspettando l'ispirazione per vivere.

Mi piacciono tanto i bambini, mi piacerebbe tanto pubblicare un figlio che si chiama João.

AUTORE. – A questo libro manca un'esplosione. Uno scandalo. Una prigione. Ma non ci sarà una prigione in questo libro, e lo scoppio è un'esplosione.

Angela scrive cronache per il giornale. Cronache settimanali, ma non è soddisfatta. La cronaca non è letteratura, è paraletteratura. Gli altri possono giudicarle di buona qualità ma lei le considera mediocri. Quello che voleva era scrivere un romanzo ma questo è impossibile perché non avrà fiato ancora per molto. I suoi racconti sono stati rifiutati dalle case editrici, alcune dicevano che erano molto distanti dalla realtà. Tenterà di scrivere un libro all'interno della "realtà" degli altri, ma questo sarebbe imbastardirsi. Non sa che cosa fare. Intanto la sua attuale tappezzeria se ne sta andando: tesse mentre gli amici e le amiche stanno parlando. Per evitare di rimanere a mani vuote, continua a tessere ore e ore. Nella prima e unica esposizione di tappezzerie. Da quel che sembra è migliore come tappezziera che come cronista.

Libro di Angela

ANGELA. – “Signore e signori: temo che il mio compito sia appassionante. E siccome non mi piace la passione mi avvicinerò ad essa con cautela timidamente e con molti giri”

[MAX BEERBOHM]

“Ma io amo la passione”

[ANGELA PRALINI]

“Mi interessa solo ciò che non si può pensare – ciò che si può pensare è troppo poco per me”

[ANGELA PRALINI]

AUTORE. – Devo fare attenzione, Angela si sente già mossa da me. È necessario che lei non percepisca la mia esistenza, quasi come noi non percepiamo l’esistenza di Dio.

Angela, da quel che sembra, vuole scrivere un libro studiando le cose e gli oggetti e la loro aura. Ma dubito che lei riesca in questo proposito. Le sue osservazioni invece di essere costruite come un libro escono senza nesso nel suo modo di parlare. Siccome a lei piace scrivere, allora non scrivo di lei, la lascio parlare.

ANGELA. – In verità mi piacerebbe descrivere nature-morte. Per esempio, le tre caraffe alte e panciute sul tavolo di marmo: le caraffe silenziose come se fossero sole in casa. Nulla di ciò che vedo mi appartiene nella sua essenza. E l’unico uso che ne faccio è guardarle.

AUTORE. – Faccio a meno di dire che Angela non scriverà mai il romanzo il cui inizio rinvia tutti i giorni. Non sa che non ha la capacità di adeguarsi alla fattura di un libro. Lei è inconsequente. Riesce solo ad annotare frasi sciolte. C’è solamente un punto

in cui lei, anche se fosse una realizzatrice di vocazione, avrebbe continuità: è il suo interesse di scoprire l'aura volatile delle cose.

ANGELA. – Domani inizio il mio romanzo delle cose.

AUTORE. – Non comincerà nulla. Primo perché Angela non finisce mai quello che inizia. Secondo perché i suoi appunti sparsi per il suo libro sono tutti frammentari e Angela non sa unire e costruire. Non sarà mai una scrittrice. Questo le provoca la sofferenza dell'aridità. È molto saggia a mettersi al margine della vita e usufruire della semplice annotazione irresponsabile. E lei che non scrive un libro un libro evita ciò che sento quando finisco un libro: la povertà dell'anima, e lo svuotamento delle fonti di energia. Chissà se qualcuno dice che scrivere è un lavoro di pregiudiziosi?

Il libro che la pseudo-scrittrice Angela sta facendo si chiamerà “Storia delle Cose”. (Suggerimenti oniriche e incursioni nell'incosciente.)

Angela è chi vede e studia le cose con lo scopo di usarle per la scultura o perché le piace la scultura. Lei è un personaggio così autonomo che si interessa alle cose che a me autore non dicono niente. La osservo mentre scrive degli oggetti. È un libero-studio al quale non prendo parte. Per Angela le cose sono personali, invece per me lo studio della cosa è troppo astratto.

ANGELA. – Scrivere – Sradico da me le cose a pezzi come l'arpione prende la balena e le lacera la carne...

AUTORE. -come mi piacerebbe prendere la carne dalle parole. Che ogni parola fosse un osso secco al sole. Io sono il Giorno. Solo una cosa mi lega ad Angela: siamo il genere umano.

ANGELA. – Non so come cominciare. So solo che parlerò del mondo delle cose. Giuro che la cosa ha un'aura.

AUTORE. – Tutti quelli che hanno imparato a leggere e scrivere hanno una certa propensione a scrivere. È legittimo: tutti gli esseri hanno qualcosa da dire. Ma è

necessario di più della volontà di scrivere. Angela dice, come dicono migliaia di persone (e per una ragione): “la mia vita è un vero romanzo, se io scrivessi raccontandola nessuno ci crederebbe”. Ed è vero. La vita di ogni persona è soggetta ad un approfondimento doloroso e la vita di ogni persona è “incredibile”. Che cosa devono fare queste persone? Ciò che fa Angela: scrivere senza nessun impegno. A volte scrivere una riga soltanto basta per salvare il proprio cuore.

ANGELA. – Questo è un libro compatto. Chiedo perdono e permesso per passare. Ancora non ha una spiegazione. Ma un giorno l’avrà. La musica di questo libro è “Rapsodia con Clarinetto e Orchestra” di Debussy. Trombe di Darius Milhaud. È la rivelazione sessuale di ciò che esiste. Grande Marcia Nuziale di Lehengrin di Wagner. Georges Auric “il Discorso del Generale”. Ed ora – ora comincio.

- Che cos’è la natura se non il mistero che tutto ingloba? Ogni cosa ha il suo posto. Che lo dicano le piramidi d’Egitto. In cima a tanta incompienza, in cima alla piramide, da quanti secoli, io ti contemplo, oh ignoranza. Ed io so qual è il segreto della sfinge. Non mi ha divorata perché ho risposto correttamente alla sua domanda. Ma io sono un enigma per la sfinge e nel frattempo non l’ho divorata. Deciframi, ho detto alla sfinge. E questa è rimasta muta. Le piramidi sono eterne. Verranno sempre restaurate. L’anima umana è una cosa? È eterna? Tra le martellate io odo il silenzio.

AUTORE. – Siccome Angela è una tale novità e insolita, io mi spavento. Mi spavento per lo sbalordimento e timore davanti al suo improvviso. Io la imito? o lei mi imita? Non lo so: ma il suo modo di scrivere mi ricorda ferocemente il mio, come un figlio può assomigliare al padre. Ai padri ancestrali. Vengo da lontano. Io sono efficiente, Angela non lo è. Io le do corda come in un gioco meccanico e lei si mette a funzionare con stridore. Io allora levo lo stridore mettendo olio sulle sue viti e bulloni. Solo che lei non funziona con la mia voglia meccanicista: lei agisce solo (attraverso le parole) quando la lascio libera.

ANGELA. – Non posso rimanere a fissare troppo un oggetto altrimenti mi deflagra. La materia è più misteriosa dell’anima. La “cosa” è più enigmatica del pensiero. La cosa che sta in mano miracolosamente concreta. Inoltre, la cosa è una grande prova

dello spirito. Anche la parola è cosa – cosa volatile che prendo in aria con la bocca quando parlo. Io la concretizzo. La cosa è la materializzazione dell'energia aerea. Io sono un oggetto che il tempo e l'energia hanno riunito nello spazio. Le leggi della fisica reggono il mio spirito e riuniscono in un blocco visibile il mio corpo di carne.

La paralisi può trasformare una persona in una cosa? No, non può, perché questa cosa pensa. Ho un urgente bisogno di nascere. Mi fa molto male. Ma se non esco da qui, soffoco. Voglio gridare. Voglio gridare al mondo: Sono nata!!

E allora respiro. E allora ho la libertà di scrivere sulle cose del mondo. Perché è ovvio che la cosa sta urgentemente chiedendo clemenza per aver abusato del suo utilizzo. Ma se siamo in un'epoca di meccanicismo, facciamo anche il nostro grido spirituale.

L'oggetto – la cosa – mi ha sempre affascinato e in qualche modo mi ha distrutta. Nel mio libro *A cidade satiada* parlo direttamente del mistero della cosa. La cosa è un animale specializzato e immobilizzato. Alcuni anni fa ho anche descritto un guardaroba. Poi è venuta la descrizione di un memorabile orologio chiamato Sveglia: orologio elettronico che mi ha sorpresa e che sorprenderebbe qualsiasi persona viva nel mondo. Poi è stato il turno del telefono. In "O ovo e a galinha" parlo dalla gru. La mia è un'approssimazione timida alla sovversione del mondo vivo e del mondo morto minaccioso.

No, la vita non è un'operetta. È una tragica opera in cui in un balletto fantastico si incrociano uova, orologi, telefoni, pattinatori sul ghiaccio e il ritratto di uno sconosciuto, morto, dell'anno 1920.

AUTORE. – Angela scrive di oggetti e persone così come tesserebbe merletti. Merlettaia.

ANGELA. – La cosa mi domina. Ma il cane che c'è in me abbaia e c'è lo scoppio della cosa fatale. C'è fatalità nella mia vita. Da tempo ho accettato il mio spaventoso destino. Grazie. Molte grazie, mio signore. Vado via: vado da ciò che è mio. Il mio cuore è più freddo del rumorino del ghiaccio in un bicchiere di whiskey. Un giorno io parlerò del ghiaccio. Da quanto sono nervosa ho rotto un bicchiere. E il mondo è esploso. E ho rotto uno specchio. Ma non mi ci sono vista. Farò un'indagine delle cose. Spero che

queste non si vendichino di me. Perdonami, cosa, che sono una povera disgraziata. Ah, che sospiro del mondo.

AUTORE. – Angela si è innamorata della visione delle “cose”. Le “cose” sono per lei un’esperienza quasi senza l’atmosfera di qualche pensiero o massima costante. Nel frattempo, quando osserva le cose, funziona come un legame che la unisce ad esse. Lei non è esente. Lei umanizza le cose. Non è così autentica nel suo proposito.

ANGELA. – Quando vedo, la cosa comincia ad esistere. Io vedo la cosa nella cosa. Trasmutazione. Sto scolpendo con gli occhi ciò che vedo. La cosa propriamente detta è immateriale. Quello che si chiama “cosa” è la condensazione solida e visibile di una parte della sua aura. L’aura della cosa è differente dall’aura della persona. La sua aura fluisce e rifluisce, si omette e si presenta, si addolcisce e si infuria in porpora, esplode ed implode. Quanto all’aura della cosa è uguale a se stessa tutto il tempo. L’aura qualifica le cose. E anche noi. E gli animali che hanno un nome di razza e specie. Ma la mia aura trema luminosa al vederti.

AUTORE. – Io volevo scrivere qualcosa di lungo e libero. Non descrivere Angela, ma starmene, invece, per un po’ di tempo nel suo modo di essere. Angela non ha che una sobria trama della vita. E non pretende che le succeda qualcosa di insolito. Ma voglio la cosa intangibile: la sua forza di aprire il cammino.

Guardare la cosa nella cosa: il suo significato intimo come forma, ombra, aura, funzione. Da ora in poi studierò la profonda natura-morta degli oggetti visti con delicata superficialità, e di proposito, perché se non fosse superficiale affonderebbe nel passato e futuro della cosa. Voglio solo lo stato presente della cosa nata dalla natura o delle cose fatte dall’uomo. Questo sentire è una rivoluzione per me così nuova. In questo mio modo di guardare io vedo l’aura di Angela.

Quando guardo dimentico che io sono io, dimentico che ho un viso che vibra e mi trasformo tutto in un unico forte sguardo.

Angela quando scrive in verità scrive della sua stessa aurea: me ne sono accorto adesso, all’improvviso. È inutile fissarla perché è impossibile vederla. Si riesce ad

arrivare solo sull'orlo della sua aura. Anche se ha un corpo, Angela è intangibile – tali sono le mutazioni umidamente brillanti della sua personalità.

Vi lascio per ora chini su un'Angela sognatrice che si domanda innocente: come sarà la prima primavera dopo la mia morte?

ANGELA. – La “cosa” è qualcosa che è propriamente strettamente “cosa”. La cosa non è triste né allegra: è cosa. La cosa ha in sé un progetto. La cosa è esatta. Le cose fanno il seguente rumore: shpt! shpt! shpt! Una cosa è un essere vivente storpiato. Non c'è niente di più solo di una “cosa”.

In primo luogo, esiste l'unità degli esseri per la quale ogni cosa è una con se stessa – consiste in sé, aderisce a se stessa. E così arriviamo alla recente concezione del cervello come una specie di computer e degli esseri umani come semplici automi coscienti.

AUTORE. – Angela ha la spontaneità di un'iniziativa o è solo il mio eco ripetuto in sette caverne finché non si estingue? Non è nulla di tutto ciò. Che cos'è? Questo: io mi sento solo nell'eco che si ripete perché la mia voce si confonde inizialmente con me.

ANGELA. – Sono entrata in un regno silenzioso fatto dalla mano vuota dell'uomo: sono entrata nel dominio della cosa. L'aura è la linfa della cosa. Emanazioni di fluidi offuscanti mi acciecano la visione. Tremo tremola. Tremo tremante. C'è qualcosa di squallido nell'aria. Lo respiro avidamente. Voglio impregnarmi tutta con le proprietà fisiche di ciò che esiste allo stato solido. L'aura della cosa viene dall'opposto della cosa. Il mio lato opposto è uno splendore di luce vellutata. Sono telepatica con la cosa. Le nostre aeree si incrociano. La cosa è per l'opposto e il contromano.

AUTORE. – Angela vuole essere alla moda. Al giorno d'oggi si parla molto di “aura”. Allora scrive sull'argomento. Non è colpa sua se è una povera donna che ha solo denaro. Perché non scrive su “come sapere se la zanzara è maschio o femmina”?

ANGELA. – Lo spirito della cosa è l'aura che circonda le forme del suo corpo. È un alone. È un alito. È un respiro. È una manifestazione. È il movimento libero della cosa. Io amo gli oggetti vibranti nella loro immobilità così come io sono parte della grande

energia del mondo. Ho così tanta energia, che metto le cose statiche o dotate di movimento sullo stesso piano energetico. Ho in me, che sono un oggetto, un tocco di santità enigmatica. La sento in certi momenti vuoti e faccio miracoli su me stessa: il miracolo del transitorio cambiare all'improvviso, ad un leggero tocco in me, a cambiare all'improvviso di sentimento e pensieri, e il miracolo di vedere tutto chiarissimo e vuoto: vedo la luminosità senza tema, senza storia, senza fatti. Faccio un grande sforzo per non avere il peggiore dei sentimenti: quello che niente vale la pena. E pure il piacere non è importante. Quindi mi occupo di cose. Ho un problema: ossia: quanto tempo durano le cose? Se io lasciassi un foglio di carta in una stanza chiusa durerebbe per l'eternità? C'è un momento in cui le cose non finiscono mai più. La loro aura è di pietra. Se ben conservato, un pezzo di carta non finisce mai. O si trasforma?

Ti chiedo in quale regno sei stato di notte. E la risposta è: sono stato nel regno di ciò che è libero, ho respirato la grande solitudine dell'oscuro e mi sono affacciato al ciglio della luna. La notte alta faceva così silenzio. Uguale al silenzio di un oggetto appoggiato in cima ad un tavolo: silenzio ascetico de "la cosa". Esiste un grande silenzio anche nel suono di un flauto: questo sviluppa lontananze di spazi vuoti di nero silenzio fino alla fine del tempo.

AUTORE. – Non voglio violentare l'anima di Angela e romperla in parole slegate e senza intima connessione: ma come avvicinarmi senza invaderla? Come fare un discorso del quale non arriva solo un grido o dolcezza o nulla o pazzia o vago ideale? Forse sono obbligato a servirmi di lei per mostrare un modo più sconnesso che possiedo anche dentro di me? Io che, oltre alla volontà di metodo, desidero anche il riso o il pianto come piogge passeggiare d'estate. Una delle prove che uso ingiustificatamente la scarsa vita di Angela è che lei scrive in un modo che in verità è il mio. Il fatto è che approfitterò di quella specie di audacia di Angela per poter io stesso osare un po' follemente, ma con la garanzia di "tornare".

ANGELA. – *"Donna-Cosa."*

Io sono materia prima non lavorata. Sono anche un oggetto. Ho tutti gli organi necessari, uguali a qualunque essere umano. Sento la mia aura che in questa freddolosa

mattina è rossa e molto scintillante. Io sono una donna oggetto e la mia aura è rossa vibrante e competente. Sono un oggetto che vede altri oggetti. Alcuni sono i miei fratelli e altri i miei nemici. C'è anche un oggetto che non dice nulla. Io sono un oggetto che si serve degli altri oggetti, che ne usufruisce o li rigetta.

Il mio viso è un oggetto così visibile che ne ho vergogna. Capisco le belle donne arabe che hanno la saggezza di nascondere il naso e la bocca con un velo o un crespo bianco. O violetto. Così rimangono fuori solo gli occhi che riflettono altri oggetti. Lo sguardo guadagna allora un così terribile mistero che sembra un vortice di abisso. Uso rossetto scarlatto sulle mie labbra: questa è una mia provocazione. Ho le sopracciglia che interrogano senza smettere ma non insistono, sono delicate. Questo viso-oggetto ha un naso piccolo e rotondo che serve a questo oggetto che io sono a fiutare, che neanche un cane da caccia. Ho alcuni segreti: i miei occhi sono di un verde così scuro che si confonde con il nero. Nelle foto di questo viso di cui vi parlo con certa solennità gli occhi si rifiutano di essere verdi: fotografata esce una faccia strana con gli occhi neri e lievemente orientali.

Un oggetto pensa ad un altro oggetto e le nostre auree si confondono. E vi assicuro che ho tutto ciò che fa di me una donna a volte viva, a volte oggetto. Intanto la mia stupidità essenziale vuole fremere di luce, vuole sublimarsi di spirito. La mia pesantezza ha bisogno dell'avventura della predizione. Questo essere che mi chiama alla luce, come lo benedirei! Io mi aprirei ad esso nella mia stupidità che è un blocco di granito.

Campane d'oro rintoccano in me, campane sacre. E sono pronte le mie tende porpora. Il colore porpora è abissale e non ha fondo. La sua nobile intensità. Continuo a guardare e sprofondo nel senza-fine del vecchio coagulo come quando tento di perforare con gli occhi una densa materia. Il porpora mi lascia pensierosa sognatrice e vuota.

AUTORE. – Angela ha la mania di dare un nome alle cose. Non sa semplicemente sentirle senza pensare.

Che cosa ne sarebbe di me se non ci fosse Angela? La donna enigma che mi fa uscire dal nulla verso la parola.

ANGELA – *“Madre-Cosa.”*

Mi sono aperta e sei nato da me. Un giorno mi sono aperta e sei nato per te stesso. Quanto oro ci è voluto. E quanto sangue denso è stato versato. Ma ne è valsa la pena: sei

la perla del mio cuore che ha la forma di una campana d'argento puro. Io mi sono dissanguata. E tu sei nato. E mi sono spenta affinché tu avessi la libertà di un dio. Sei pagano ma hai la benedizione della madre.

Sì. E la madre sono io.

Madre timida. Madre linfa. Madre albero. Madre che dà e non chiede nulla in cambio.

Madre musica d'organo.

Innalza la bandiera, figlio, nell'ora della mia sacra morte. E faccio un così profondo grido di orrore e lode che le cose si mettono a vibrare per la mia unica voce. Collisione di stelle. Mi vedi attraverso l'enorme e mostruoso telescopio. Io sono gelida e generosa come il mare. Muoio. E vengo da lontano come il silenzioso Ravel. Sono un ritratto che ti guarda. Ma quando vuoi rimanere da solo con la tua fidanzata-sposa copri il mio viso dolce con un panno oscuro e opaco – e non vedrò nulla. Io sono madre-cosa appesa alla parete con rispetto e dolore. Ma che profonda allegria essere madre. La madre è pazza. È così pazza che da lei sono nati dei figli. Io mi alimento con cibi nutrienti e tu poppi da me latte grosso e fosforescente. Io sono il tuo talismano.

AUTORE. – Angela, controllati e non scrivere una storia commovente di un bambino povero con sua madre morta.

ANGELA. – “*Paravento.*”

Il mio paravento è fatto di rotolini cilindrici di jacaranda. Si può quasi dire che la jacaranda è argento. Siccome c'è un piccolo spazio tra un rotolo e l'altro, esso rimane aperto alle circostanze. E la sua fragilità è pericolosa. Perché quando cade – e cade con qualsiasi spinta – rompe le piante dietro di lui. Il mio paravento è il mio modo di guardare il mondo! tra le fessure.

AUTORE. – In questo mio modo di parlare e in quello di Angela, noi due trascendiamo la borghesia che c'è in noi. Ciò che mi dispera è il fatto-idea che Angela è ambigua nel suo esistere: in parte è indipendente, in parte è la mia donna scelta da me come una figlia eletta.

Bene, ma con questo libro, sembra che mi stia emancipando. Il che è un bene e al momento giusto. Questa specie di emancipazione mi lascia anche in piedi e solo nel mondo. Io non ho di che nutrirmi: io mangio me stesso.

ANGELA. – “*Stato di Cosa.*”

Il deserto è un modo di essere. È uno stato-cosa. Di giorno è torrido e senza nessuna pietà. È la terra-cosa. La cosa secca in migliaia e migliaia di trilioni di granelli di sabbia. Di notte? Com'è freddo questo lenzuolo d'aria che si increspa tremante di freddo intensissimo, di un'intensità quasi insopportabile. Il colore del deserto è un-non-colore. Le sabbie non sono bianche, sono colore sporco. E le dune, che sono ondulate come echi femminili. Di giorno l'aria scintilla. E ci sono i miraggi. Si vede – dal tanto voler vedere – un'oasi di terra umida e fertile, palme ed acqua, ombra, infine ombra per gli occhi che sotto il sole cocente diventano verde-smeraldo. Ma quando si arriva vicino – bene: semplicemente non c'era. Non era che una creazione del sole sulla testa scoperta. Il corpo ha pena del corpo. Io sono un miraggio: dal tanto volermi vedere mi vedo.

Ah, le sabbie del deserto del Sahara mi sembrano da molto tempo addormentate, che non si trasformano con il passare dei giorni e delle notti. Se le sue sabbie fossero bianche e colorate, avrebbero “fatti” e “avvenimenti”, il che accorcerebbe il tempo. Ma per il colore che hanno, non succede niente. E quando capita, capita un rigido cactus immobile, grosso, tumefatto, spinoso, irsuto, intrattabile. Il cactus è pieno di rabbia con le dita tutte attorcigliate ed è impossibile accarezzarlo: ti odia con ogni spino conficcato perché gli fa male nel corpo lo spino che prima gli è stato conficcato nella sua carne dura. Ma lo si può fare a pezzi e succhiargli l'aspra linfa: latte di madre severa. Per addolcire questa mia vita che sgocciola lenta di goccia in goccia – ho il potere del miraggio: vedo oasi umide che svaniscono quando arrivo vicino in cerca di un rifugio materno. Una vita dura è una vita che sembra più lunga. Ma, anche così, mi sorprendo: com'è possibile che oggi sia già maggio, se ieri era febbraio? Ogni minuto che passa è un miracolo che non si ripete.

AUTORE. – Io non ho una sola risposta. Ma ho varie domande a cui chiunque può rispondere.

ANGELA. – L’espressione “giardino bagnato” mi dà un’allegria dolce e un cantico libero da me a me. Mi inumidiscono anche le parole “pozzo” e “percolato”. Ah, se io potessi descrivere la tranquilla allegria che mi provocano, solo allora sarei una scrittrice. Mi intontirei dal piacere.

AUTORE. – Angela non scrive. Geme.

ANGELA. – Vorrei scrivere in modo lussuoso. Usare parole che brillino bagnate e siano pellegrine. A volte solenni di porpora, a volte abissali smeraldi, a volte lievi sulla più fine e morbida seta ricamata. Vorrei scrivere frasi che mi extra-dicessero, frasi sciolte: “la luna all’alba”, “giardini e giardini all’ombra”, “dolcezze astringenti del miele”, “cristalli che si rompono con il fragore musicale del disastro”. O ancora usare parole che mi vedano dal mio ignoto: trapilissima avante sine qua non masioty – ah poveri noi e povero te. Sei la mia candela accesa. Io sono la Notte.

AUTORE. – Ciò che scrivo è un lavoro intenso e basilare, stupido come certe esperienze inutili che non guardano al futuro. Ciò che Angela scrive è di un superfluo essenziale perché la sua vita, pure superflua, è seguita da una libertà di fronte e da dietro: secondo me, Angela è sempre adesso. Ad un adesso si sussegue un altro adesso e così via.

ANGELA. – “*L’Indescrivibile.*”

Ho comprato una cosa della quale mi sono innamorata perdutamente: non importa il prezzo, questo oggetto ha un valore inestimabile.

Questa cosa ha una base solida di metallo, molto concisa. In questo cilindro scintillante c’è una sottilissima apertura. In questa si mettono aste delicate e sottili. Ed in cima ad ogni asta si trova gloriosa una pallina rotonda e piccola che sembra un gioiello d’argento.

Questo oggetto è magico. Basta un soffio o un lieve tocco di mano – e vibra tutto, confondendosi scintillante con l’aria. È un oggetto della luna o del sole? sembra una buona notizia, sembra uno spavento allegro, sembra un “all’improvviso”. Sono trenta palline e aste. Ma ci si inganna: quando si mettono a vibrare e si muovono, sembrano un

delicato trilione di palline. Ma c'è un'altra cosa: quando si accendono le luci della sala, le palline fanno ombra, verdeggianti.

È c'è dell'altro: quando vibra si produce dal lieve scontro delle palline tra loro – si producono note musicali. E questo oggetto se fosse ben lavorato e ben stimolato canterebbe leggero – un leggero do-re-mi...

“Prendo la parola.” Prendo la parola e faccio di essa una cosa.

Ho preso la gioia l'ho trasformata in un cristallo brillantissimo in aria. La gioia è un cristallo. Nulla ha bisogno di avere una forma. Ma la cosa ne ha un grande bisogno per esistere.

“Scatola d'Argento”

Non ti è mai successo di provare pena per un oggetto? Ho una scatola d'argento di media misura e provo pietà per lei. Non so cosa in questo oggetto silenzioso e immobile mi porta a comprenderne la solitudine e il castigo dell'eternità. Non metto nulla dentro la scatola perché non abbia carico.

E il coperchio pesante rinchiude il vuoto. Metto sempre fiori nelle sue vicinanze perché addoliscano la vita-morte della scatola – i fiori sono anche un omaggio all'artigiano anonimo che ha scolpito sull'argento pesante un'opera d'arte.

“La Casa”

Questo è un castello di pietra massiccia. Ma la sua aura è un nido di luce lieve come il colore del chiaro di luna. Su di esso il sole brilla come uno specchio.

La cosa più grande che si possa avere è la casa. Beethoven l'ha capito e ha composto una brillante apertura sinfonica intitolata “La consacrazione della Casa”. Ho sentito questa musica rassicurante alle sei e mezzo del mattino ancora mezza addormentata. Sentire questa musica insolita mi ha fatto fare un sogno delirante dove le cose della casa si muovevano e si stregavano. Allora ho pensato: ho bisogno perché ne ho bisogno di enormi corolle di fine e soave ma selvaggio dolore da mettere in casa mia.

Ho guardato la pietra sopra il tavolo. Era grande e molto pesante. Mi sono immersa in una vaga meditazione. L'ho guardata. Quasi nera. E inesorabile.

Un modo per vivere di più è quello di usare i sensi in un campo che non è propriamente quello a loro attribuito. Per esempio: io vedo un tavolo di marmo che viene

solitamente visto. Ma io passo la mano il più leggermente possibile sulla forma del tavolo, ne sento il freddo, immagino un odore di “cosa” che il marmo deve avere, odore che per noi sorpassa la barriera dell’olfatto e non riusciamo a sentirlo con l’olfatto, possiamo solo immaginarlo.

La teiera così esile, elegante e piena di grazia. Sì, ma tutto questo in un istante svanisce, e ciò che ne resta è una teiera vecchia e un po’ scheggiata, oggetto ordinario.

AUTORE. – Non so quale sarà il climax di questo libro. Ma lo riconoscerò, man mano che Angela scrive.

ANGELA. – *“L’Orologio”*

Si sente nell’orologio il tempo che vibra. Intanto, è così, mentre guardo le ore nell’orologio la vita si disperde e il mio cuore diventa un oggetto che brilla quando trema. Se io fossi Dio, dalla sua distanza vedrei l’uomo, come cosa. Noi siamo di fabbricazione divina.

L’orologio è un oggetto torturatore: sembra ammanettato al tempo. Le lancette dei secondi, se la gente continua a guardarle si muovono meccanicamente e inesorabilmente, ci rendono fanatici.

“Inferriata”

Intemperie.

Io, deteriorata.

In fondo al giardino ho visto un’inferriata che non serviva più a niente, tutta corrosa e con la ruggine incrostata. Sono rimasta a guardarla senza avvicinarmi oltre. Non sapevo perché la guardavo con tanta concentrazione. E all’improvviso mi è sembrato che l’inferriata mi guardasse. Era alta e si ergeva con un’intensità di cosa. Mi sono sentita consacrata. Dopo un profondo sospiro ad occhi chiusi, li ho riaperti come se stessi dormendo e infine mi fossi svegliata, dimentica del sogno, mi fossi svegliata venendo da un posto molto lontano dentro di me. Ho respirato profondamente e ho guardato di nuovo l’inferriata slanciata. E nel guardarla ecco che ho visto che quella cosa altezzosa non era nulla, non mi guardava, e sarebbe durata ancora un secolo.

AUTORE. – Il processo che Angela usa per scrivere è lo stesso processo dell’atto di sognare: si formano immagini, colori, gesti, e soprattutto un’atmosfera di sogno che sembra un colore e non una parola. Non sa spiegarsi. Ciò che sa fare è solo fare e fare senza capirsi.

ANGELA – “*La Macchina.*”

Il fotografo Francis Giacobetti, della rivista *Lui*, impiega tutte le ore della sua giornata lavorativa a ritrarre svestite le più belle ragazze di Parigi e dintorni.

Gli hanno chiesto, per un articolo sui nudi pubblicato nell’ultimo *L’Express*, che cosa gli piacesse fotografare di più, sopra a ogni cosa? “Non sono le donne. Sono i camion. Sono belli, i camion...”

Il grido rosso.

La macchina scarlatta levò un urlo porpora. Questa “cosa” aveva un clacson. E gridava richiamando l’attenzione dei passanti. E di Dio. Questa “cosa” ha le molle, ha le gomme, ha la radio.

AUTORE. – Angela a volte scrive delle frasi che non hanno nulla a che vedere con ciò di cui si stava parlando. Credo che queste inopinabili interferenze siano come le scariche elettriche che fanno interferenza e incrociano la musica alla radio. In lei semplicemente si combinano le scariche elettriche dell’aria. E se questo succede è perché lei non sa scrivere, scrive tutto, senza fare una selezione. Io stesso, se non presto attenzione, a volte mi oppongo all’interferenza elettrica e comincio a parlare all’improvviso di un trattore arancione. Il trattore mi serve perché sto plagiando Angela senza volerlo.

ANGELA. – Esempio di frase enigmatica e totalmente ermetica come una cosa chiusa: “calibrare i pneumatici”. Queste parole mi incantano e mi seducono. Calibrare è dar calibro, o no? Sì. Quindi quando vedo su di un camion una targa che dice “Inflammabile” – mi riempio di gloria.

Un’autogru montata su un telaio Scania Vabis con capacità di sollevamento fino a 18 o 22 tonnellate. Si tratta della “Giraffa di Ferro”, originariamente chiamata “Hudra Truck 18/22-T che verrà fabbricata in Brasile. Inizialmente, il piano di produzione

prevedeva tre unità mensili che diventeranno cinque, visto che il prossimo anno ci saranno grandi possibilità di esportazione”.

Allora vedo che la gru avrà figli e un giorno popoleranno la terra. Che sarà un mondo di oggetti. Ma gli oggetti non vogliono più essere oggetti. È la rivolta della “cosa”. La catastrofe delle cose è uno schiamazzo chiassoso in aria. Solo per i supersonici.

AUTORE. – Una meccanizzazione fatale fa sì che Angela veda le “cose” e non gli esseri umani.

ANGELA. – “*Giradischi*”

Sul disco di vinile le circonvoluzioni nere per poco non si mescolano con altri cerchi magici: e da lì esce l’aura della musica. Io ho un’aura musicale. Il disco lo prendo e lo sfioro lievemente con i peli del mio braccio e i peli si rizzano dritti. La sua aura tocca la mia.

“*Farfalla*”

La meccanica della farfalla. Prima c’è l’uovo. Poi si rompe ed esce un bruco. Questo bruco è ermeticamente chiuso. Si isola in cima ad una foglia. Dentro di lui c’è un bozzolo. Ma il bruco è opaco. Fino a quando non diventa trasparente. La sua aura risplende, e si riempie di colori. Allora dal bruco che si schiude escono prima le gambette fragili. Poi esce la farfalla intera. Allora la farfalla apre lentamente le sue ali sulla foglia – e va a svolazzare come una pazza leggerissima e allegrissima. La sua vita è breve ma intensa. La sua meccanica è alta matematica.

Ho visto una farfalla nera. Mi ha maledetta.

AUTORE. – Lei fa di una farfalla un’epopea. Ed è anticonformista.

ANGELA. – È quasi intollerabile vivere.

Io vedo la morte sorridere nel tuo viso bello come i segni fatali sul volto di Cristo sulla Sindone.

Se rimaniamo in silenzio – all'improvviso nasce un uovo. Uovo alchimico. E io nasco e sto rompendo con il mio bel becco il guscio secco dell'uovo. Sono nata! Sono nata! Sono nata!

La mia anima è distrutta dal desiderio.

Ah jilò che cosa sei? sei una cosa? amaro più della vita. Voglio sperimentare tutto ciò che posso, non voglio assentarmi dal mondo.

AUTORE. – Angela – se veramente potesse scrivere – appunterebbe idee in brutta perché è incapace di dirigersi ad un possibile lettore con la spontanea mancanza di ordine che usa per scrivere questo libro. Pensa che il contatto con il lettore si faccia solo attraverso il raziocinio complicato.

ANGELA – “*Bidone della Spazzatura*”

Il bidone della spazzatura è un lusso. Perché chi non ha qualcosa da mettere fuori in strada con le cose da buttare? e nel frattempo abbiamo un recipiente a posta per i rifiuti. Se buttassimo la spazzatura per strada diventerebbe un problema federale. La ferraglia è la spazzatura migliore che esista.

“Io sono pulito e non ho odore. Ma fatalmente mi riempiono di rifiuti sporchi e di immondizia. Solo gli animali randagi mi capiscono. “Lei” mi riveste di fogli di giornale: *Jornal do Brasil*. Ed io impavido fingo di non avere padrone. Ricevo mozziconi di sigarette spente. Un giorno prenderò fuoco. Di notte rimango solo al buio, vuoto, appoggiato in un angolo del suolo. Il mio silenzio puzza. Povero me, che sono il ricettacolo della morte delle cose.”

Il numero si è.

Il fiore è del 14 maggio.

Numeri... sono loro a nascondersi nei tuoi misteri, effluvi segreti e secrezioni succulente o, chissà, aguzze e sibilanti domande senza risposta? Che cosa nascondono, nuvole?

Quanto al mare. Il mare è impossibile da credere. Solamente immaginandolo si riesce a vederne la realtà. Solo come sogno possibile il mare esiste. Ma l'essere senza fondo del mare sboccia in me con lo stupore di uno spaventapasseri.

Un vaso con pallide rose già mezze marce è una cosa fantasmagorica che mi spaventa profondamente nel prendermi alla sprovvista. Loro minacciano di liberare nell'aria la loro aura che diventa un fantasma.

E il quadro delle rose dipinte fa sorridere. Ho paura delle rose vive perché sono così fragili e ostentate e perché ingialliscono. Ma dipinte sul quadro non mi spaventano.

Essere è solo uno stato di essere. L'ho imparato con le cose. È ovvio, è chiaro che le cose abbiano la tendenza ad essere soltanto. Ma un divano è così solitario.

La poltrona è muta, è grossa, è accomodante. Riceve qualsiasi sedere alla stessa maniera. Lei è madre. L'angolo del tavolo è già un'arma letale. Se ci sbatti contro, ti pieghi in due dal dolore. Il tavolo rotondo è subdolo. Ma non è pericoloso: è un po' misterioso, sorride leggermente.

AUTORE. – Angela ha una qualità invidiabile: lei è chiacchierona nel descrivere le “cose”, sembra dare una buona notizia.

ANGELA. – Non si deve vivere nel lusso. Nel lusso la gente diventa un oggetto che a sua volta possiede oggetti. Si vede la “cosa” solo quando si conduce una vita monastica o almeno sobria. Lo spirito può vivere di pane e acqua.

Il violino, cosa muta esala musica contenuta ma con gli occhi dormienti. Un violino che raggiunge il parossismo del suono acuto: la gloria di essere.

I fiammiferi fosforeggiano inquieti dentro alla scatoletta sigillata, impazziti per l'atto sessuale che consiste nell'essere sfregato sulla parte nera della scatola e trasformarsi in fuoco. Ma il fosforo non sa che si accende e arde solo una volta.

“Gioiello”

Rifulge. È senza eguali. È sempre unico. E ha una sacra collera.

Ma quando è una collana di perle, brilla delicato come una pietà dell'Ave Maria. Una collana di perle ha bisogno di stare sulla nostra pelle per ricevere il nostro calore. Altrimenti appassisce. Una, due, tre, sette, quante uova perlate di madreperla? E finisce con una delicatissima chiusura di brillanti incastonati nell'oro bianco.

Oro bianco? impallidisce di terrore: minaccia.

Quanto all'oro-sole si dà tutto aperto come una gloria d'amore. Una corrente lunga d'oro scorre tra le dita come acqua calda di un torrente tra ciottoli al sole. L'oro-sole non si nega. Ma – ma, mio Dio, com'è pericoloso il lingotto d'oro. Gli uomini uccidono per un mattone giallo.

La donna si vende per un diamante. È avida e chiede di più: vuole una stola molto grande di morbido visone.

I brillanti sono piccole allegrie in un acquazzone di risate di bambini. Sono piccole cascate d'acqua gelata in risatine tremolanti. Ah, che freddo. Preferisco i brillanti ai diamanti. Non so bene perché: forse perché la parola “brillante” sembra brillare anche con le sue scintille di luce obliqua, è una parola che sembra non riassumere se stessa, un brillante, ma contenere un acquazzone di brillanti, come occhi luminosi e trasparenti. I brillanti sonno un'allegria della terra, sono saltellanti e quando sono immobili sembrano stelle. Inoltre, i brillanti non sono mai immobili: la loro luce cristallina è restia all'immobilità. Un brillante illumina l'ambiente e gli occhi si schiariscono dolcemente. Ma un diamante è qualcosa di preso alla terra, è solido, e la parola “diamante” è un po' opaca nonostante la sua prima sillaba “di”. E il finale “amante” svela l'amore carnale e immortale. Il brillante è poeticamente irresponsabile, mentre il diamante-pietra è circospetto e stabile.

Ma la spilla è seria. È un argomento. Si lancia in aria come una donna-gazzella. Prende, pesa, aspetta. E quando è aperta – tutto rimane nudo, cadono i vestiti e i seni bianchi sembrano rosei. La spilla è un punto finale.

Esclamazioni sono gli orecchini pendenti che dondolano tra i capelli sottili. Orecchino fatto di cosa? fatto di tutto ciò che può scintillare è importantissimo. Gli orecchini sono issimi. E l'orecchino di una sola e modesta perla è la violetta dei gioielli. Ma gli orecchini di brillanti bisticciano e fanno urletti che mi spaventano. Fanno attrito, crudeli. Un orecchino d'argento è gravità ed è garanzia di una grande e severa sicurezza. Un orecchino d'oro è un “questo” qualsiasi, è un piccolo questo senza grande importanza. A meno che non sia una palla rotonda d'oro: allora è possesso ed è attività.

Istantaneo è il lieve e breve anello di perla. E quando sono molte le perle dell'anello – sono un sorriso e sono reticenze. È tra parentesi l'anello di diamanti incastonati nell'oro bianco perché dice in segreto un “io-ti-amo” in greco.

AUTORE. – Noto con sorpresa ma con rassegnazione che Angela mi sta comandando. E riesce pure a scrivere meglio di me. Ora i nostri modi di parlare si incrociano e si confondono.

ANGELA. – Il corallo selvaggio è appuntito e Isola di Capri al sole. La collana di corallo non si può stringere nel pugno di una mano: ferisce la conchiglia delicata di questa mano bianca e nervosa.

Intorno al collo, la collana di corallo è la corona di spine di Cristo.

Ah! Oh diadema! Sono la regina! Scintillo come la corona alta che sono. I re mi usano come cappuccio papale triangolare. Le principessine adornano con delicati diademi i visetti freschi, innocenti ma capaci di crudeltà. Maria Antonietta incoronata e bellissima, mesi prima di trovarsi con la testa decapitata che rotolava per terra in strada, disse a voce alta e risonante: se il popolo non ha pane perché non mangia zuppa? E la risposta fu: *allons enfants de la patrie, le jour de la gloire est arrivé*. Il popolo divorò ciò che poteva e mangiò gioielli e mangiò spazzatura e rise fragorosamente. Intanto il viso bianchissimo di Maria Antonietta mostrava un silenzio di perla sulla testa senza capelli e senza collo.

La giada mi permette la divinità. Il suo verde trasparente mi santifica in un'icona bizantina. Io, con le mani giunte davanti al mio viso serio e trasparente e allora il mio diadema è fatto di trecce attorcigliate sui miei folti e tranquilli capelli neri. La giada è la mia spada sguainata dall'harakiri della mia umile anima orgogliosa che si uccide perché ha davvero poco di tutto, è poverissima, ma ha l'orgoglio sovrano della morte.

Ma – ma solo il diamante taglia il vetro.

E adesso dirò una cosa molto seria, presta attenzione: un pezzo di vetro è un gioiello raro. E il suo spirito è il suono che si sente quando si è inginocchiati, che neanche il suono delle campane. Eleganti campane che sono anche cose gioielli. Le campane sono i gioielli della chiesa. Ed il rintocco delle campane è un rintocco d'oro che sparge nell'aria brillanti e passerì azzurri.

Il cavallo di fuoco è il rubino in cui io mi immergo così profondamente che mi rompo tutta.

E lo smeraldo? Lo smeraldo è da tagliare con i denti e romperlo in mille pezzettini di verdi e minuti figli dello smeraldo.

Il topazio è la trasparenza del tuo sguardo.

La pietra? la pietra che sta per terra? È un gioiello venuto dal cielo in un vortice e lì è caduta fino a quando non ho visto e l'ho vista e l'ho presa e l'ho toccata come una cosa mia, una cosa del mio cuore.

E lo zaffiro? ha un riflesso che acceca gli occhi degli incauti che lo comprano come se fosse un brillante. Io non ho mai visto uno zaffiro. Lo conosco solo per sentito dire. Ma nel giorno in cui io mi troverò davanti a uno zaffiro – ah! sarà spada contro spada e vedremo se sarà da me che sgorgherà il sangue.

Il braccialetto mi schiavizza, oh dolce schiavitù di donna al suo uomo preferito.

Il platino è il più caro. Ma non ti voglio, sei feroce nella tua freddezza bianca. Preferisco un gioiello poco costoso da donna povera che compra alle fiere i suoi brillanti levigati dall'acqua più pura degli scarichi torbidi.

Ametista, io non ti bacio perché non sono tua serva.

Onice! Principe nero delle rose, mi rendi amara e nuoto nelle acque – tenebre del tuo ferruginoso possesso, oh lutto di regina! ragno nero lanuginoso. Tu sia maledetta, pietra nera di sangue, coagulo di umori e miasmi.

Acqua marina? Il mio primo fidanzatino aveva gli occhi azzurri come l'acqua marina. Ma io non mi avvicinavo a lui: avevo paura. Perché l'acqua tranquilla è acqua profonda e mi dava i brividi.

Gioiello

Brividi

Tradimento

Ma profondo pentimento

E io l'unica a risposare all'erta nello scrigno di velluto rosso.

AUTORE. – Angela – è chiaro – ha una coscienza che non va d'accordo con il suo inconscio. È doppia? e la sua vita è doppia? Così: da una parte l'attrazione per l'intellettuale, dall'altra, è quella che cerca l'oscurità accomodante e misteriosa e libera, senza paura del pericolo.

ANGELA. – “*Ascensore*”

Il mio ascensore da subito si è rifiutato di portarmi su o giù. Semplicemente passava da un piano all’altro, apriva da solo la porta e mi dava come regalo lo schiaffo di una parete. Giorni così: imbronciato, arrabbiato, vendicativo. Per niente perché nessuno gli ha voluto male. La gente usava solo la sua energia. E lui si è innervosito e ha deciso di essere maleducato. Ci è voluto molto olio e molto avanti e indietro perché lui si riconciliasse con noi e ci portasse su e giù.

Quello che non tollero è la fretta. L’oggetto è muto e senza fretta.

C’era uno sguardo d’ambiente della stanza verso di me. Ho sentito questo sguardo come un conforto misterioso.

Quanto a sapere come la rotazione degli astri produce l’inerzia del mio posacenere – lo spieghi chi lo sa.

AUTORE. – Angela a volte mi fa venire la nausea allo stomaco come un frappè al cioccolato.

ANGELA. – Ansia della perplessità.

Il cielo è aria concentrata. È l’abisso.

Legna marcia.

Attenzione che la Natura pensa.

AUTORE. – Attenzione a cosa? e cosa vuole dire con una Natura che pensa? È matta da legare.

ANGELA. – Se pensi che siamo fatti di cera, devi pagare.

AUTORE. – Per chi scrive, un’idea senza parole non è un’idea. Angela è piena di pre-parole e pallide visioni auditive di idee. Il mio lavoro è tagliare il suo balbettio e lasciare annotato solo ciò che lei riesce almeno a balbettare.

ANGELA – l’uomo si siede. Perché? Sedersi è qualcosa di acquisito lentamente per mezzo di un processo nei millenni? O fa parte della natura umana? Così come fa parte

della natura del passero volare? Stendersi è diverso: a parte gli animali pennuti, tutti gli animali si stendono.

Io a volte ho tanta pena delle “cose”. Il tavolino con il piano di marmo, disgraziato così freddo e bianco e pallido e vagamente orgoglioso. Pensa di essere nobile. E il mio cestino della carta così elegante e sobrio, di legno a strisce, ma che mostra la sua bellezza e se ne sta sempre per terra, sempre con la carta accartocciata delle lettere che non ho mandato.

Addio, oh cosa.

Mene vado non so dove.

AUTORE. – Angela non ha l’ambizione creatrice fatta di una fame che non si sazia mai.

Scoprire un nuovo modo di vivere. Credo che la chiave sia vedere la cosa nella cosa, senza trasbordare da essa davanti o dietro, fuori dal suo contesto. Il risultato di un processo così nuovo di guardare il momento che passa sarebbe molte volte estraniare una cosa come se per la prima volta la vedessimo. Guardare la cosa nella cosa ipnotizza la persona che guarda l’offuscante oggetto guardato. C’è un incontro mio e di questa cosa che vibra nell’aria. Ma il risultato di questo guardare è una sensazione di cavo, vuoto, impenetrabile e di piena identificazione mutua. Dio mi perdoni, credo che sto divagando sul nulla. Ma di una cosa sono certo, questo nulla è il miglior personaggio per un romanzo. In questo vacuo del nulla si inseriscono fatti e cose. Quello che si vede in questo modo di rendere tutto assolutamente allo stato presente, il risultato non è mentale: è una forma muta di sentire completamente in traducibile con le parole.

Io rileggerò superficialmente quanto ho già scritto e ciò che Angela ha scritto perché non voglio farmi influenzare da me stesso, non voglio copiare. Non voglio imitare nemmeno la verità. Forse leggendo solo superficialmente quello che ho già scritto perdo il filo ed esce tutto frammentario e disconnesso. Oppure è disconnesso perché parlo di una cosa che è il mio cammino, mentre Angela parla di un’altra cosa che è il suo destino. Ma anche se frammentario e dissonante e stonato, credo che esista un ordine sommerso in tutto questo. Sì! esiste una volontà.

AUTORE. – Mi sono innamorato di un personaggio che ho inventato: Angela Pralini. Eccola che parla:

ANGELA. – Ah, come mi piacerebbe una vita languida. Io sono una delle interpreti di Dio.

AUTORE. – Quando Angela pensa a Dio, si riferisce a Dio o a me?

ANGELA. – Chi fa la mia vita? Sento che qualcuno comanda in me e mi guida. Come se qualcuno mi creasse. Ma sono anche libera e non obbedisco agli ordini.

AUTORE. – Sto bevendo troppo. Quando si beve, si resta con l'incosciente a nudo e si può solo sentire, sentire, sentire. Dio è una cosa che si respira. Io non credo in Dio. A volte la fortuna è non avere fede. Così un giorno potrò avere La Grande Sorpresa di coloro che non sperano nei miracoli. Sembra, d'altronde, che i miracoli vengano come manna dal cielo soprattutto per chi non crede in nulla. E queste persone nemmeno si accorgono che sono state privilegiate. Mi sono stancato di chiedere. Affinché il miracolo avvenga bisogna non aspettarselo. Non voglio nient'altro.

Io sono la notte e Lui è la lucciola.

Il tema della mia vita è il nulla.

La realtà è molto strana, è completamente irreali. Mio Dio, perché mi hai abbandonato? Io vivo scusandomi e ringraziando.

Angela ha dato a Dio il potere di curare la sua anima. È un Dio di grande utilità: visto che quando Angela sente Dio diventa immediata la verità esposta in modo terribile. Angela usa Dio per respirare. Divide Dio per usarlo come sua protezione. Angela non è mistica e non vede nemmeno quel che c'è di dorato nell'aria.

ANGELA. – Io vorrei condurre una vita da eremita, di purificazione, di contatto esclusivo con ciò che sta oltre. Ma come? Se allo stesso tempo voglio denaro per le mie comodità, voglio un uomo per la mia sensualità, voglio le pietre preziose che sono le gemme della terra e che per questo sono sacre? La mia dualità mi sorprende, sono intontita e felice. Allo stesso tempo è una ricchezza avere l'elemento cielo-aria e l'elemento terra-amore, senza che uno si confonda con l'altro.

Nel momento in cui riuscirò a captarmi – avrò raggiunto l'eternità non importa se effimera.

Dio non è stato fatto per noi. Siamo noi ad essere stati fatti per Lui. La vocazione, anche se Lui non si prende cura di noi, è adorarlo e nelle peggiori circostanze avere il cuore pieno di piacere di lodarlo.

AUTORE. – Un uomo ha immaginato Dio e ha fatto una sedia, in questa sedia deve esserci un po' di energia di quest'uomo. Così è lo spirito delle cose fatte, cose vissute.

Io ho inventato Dio – e non credo in Lui. È come se io scrivessi una poesia sul nulla e mi vedessi all'improvviso incarnato davanti il nulla in persona. Dio è una parola? Se così fosse sarei pieno di lui: migliaia di parole messe dentro un'anfora chiusa e che a volte apro – e mi abbaglio. Dio-parola è abbagliante.

ANGELA. – A volte, solo per sentirmi vivere, penso alla morte. La morte mi giustifica.

Un oggetto invecchia perché ha dentro di sé la dinamica.

Invece di dire “il mio mondo”, dico in modo audace: il mondo dipende da me. Perché se io non esistessi, cesserebbe in me l'Universo. Forse dopo la morte comincia l'astrazione?

Io, ridotta a una parola? ma che parola mi rappresenta? So una cosa: io non sono il mio nome. Il mio nome appartiene a chi mi chiama. Ma, il mio nome intimo è: zero. È un eterno inizio continuamente interrotto dalla mia coscienza di inizio.

Dio non è il principio e non è la fine. È sempre il mezzo.

AUTORE. – Partecipo all'inquietudine tremante di Angela ma non la imito.

ANGELA. – Sono debole, dubbiosa, c'è una ciarlatana dentro me anche se dico la verità. E mi sento colpevole per tutto. Io che ho crisi di collera, "collere sacre". E non trovo il raccoglimento della pace. Lasciatemi vivere, per pietà! chiedo poco, quasi niente, ma è tutto! Pace, pace, pace! No, mio Dio, non voglio avere pace con il punto esclamativo. Voglio solo il minimo, cioè: pace. Così, molto, molto lentamente... così... quasi dormendo... questo... questo... sta quasi venendo... Non spaventatemi, sono spaventatissima.

Lei è la parola ben impiegata. Io rotolo nello spazio come un bebè senza gravità. Dov'è la mia gravità? O si dice gravitazione? Mi dai un rifugio per favore. Non mi si deve credere. È per immaginarsi e non riuscirci. Ho voglia di parlare sbagliato. Così: Oid. Questo vuol dire Dio.

AUTORE. – Angela non sa vivere gradualmente: lei vuole mangiare la vita in un sol boccone. Così le avanza tempo vuoto. La meditazione nel vuoto è ciò che ottiene, essendo all'ultima prova umana prima delle nostre vite che sono gloriose, senza alcuna eccezione.

Aquila solitaria.

Vivere per lei è un hobby. Crede di non avere nulla a che vedere con se stessa e vive confinata al margine, senza passato e senza futuro; solo oggi sempre.

ANGELA. – Quello che mi sta succedendo è la Grazia? Perché non sento il corpo, non mi pesa, ne desidera, lo spirito non si contorce e non cerca, mi avvolge un'aura luminosa di silenzio: fluttuo in aria, libera dal tempo ma pienamente in questo stesso istante, senza prima né dopo. Mi ricevo e il mondo non mi tocca. Affinché io possa essere due e partecipare a questo stato, mi guardo allo specchio, guardo l'altra me. E vedo che la mia apparenza fluida ha la grazia del fluttuante viso umano. Allora sento con un delicatissimo piacere che sono una. E un'aria di verità. Sono finalmente scalza.

Ho fatto quello che era più necessario: una preghiera.

Prego per pensare al mio vero cammino. Ma ho scoperto che non mi consegno totalmente alla preghiera, credo di sapere che il vero cammino è di dolore. C'è una legge

segreta e per me incomprensibile: solo attraverso la sofferenza si incontra la felicità. Ho paura di me visto che tendo sempre a soffrire. Se io non mi amassi sarei perduta – perché nessuno mi ama a tal punto da essere me, da essermi. Devo amarmi per darmi qualcosa. Devo valere qualcosa? Oh, proteggimi da me stessa, che mi perseguito. Valgo qualunque cosa in relazione agli altri – ma in relazione a me, sono niente.

È così bello avere qualcuno a cui chiedere. Non mi disturba molto non essere completamente soddisfatta. Io chiedo a Dio di essere più bella – e non è che il mio occhio scintilli e allo stesso tempo che le mie labbra sembrino più dolci e piene? Io chiedo a Dio tutto ciò che voglio e di cui ho bisogno. È ciò che mi serve. Essere o non essere acccontentata – questo non mi compete, questo è già materia-magica che mi viene data o sottratta. Ostinata, io prego. Non ho potere. Ho la preghiera.

AUTORE. – Sono così in contatto con Dio che non ho nemmeno bisogno di pregare. È naturale che Angela mi assomigli un po'. L'ho anche contagiata con il credere misterioso che possiedo.

Ho paura di essere chi io sono.

C'è un silenzio totale dentro di me. Mi spavento. Come spiegare che questo silenzio è ciò che chiamo Ignoto. Ho ne paura. Non perché mi possa infantilmente castigare (il castigo è cosa da uomini). È una paura che viene da ciò che mi oltrepassa. E che è anche me. Perché è grande la mia grandezza.

Non vivo pericolosamente nei fatti. Vivo in pericolo estremo quando cado da solo in una profonda meditazione. È quando rimango pericolosamente esente anche da Dio. Esente anche da me. Sull'orlo di un precipizio abissale sull'altezza ripida di una rupe. E come cosa vive insieme a me – solo il cactus con la corona di spine di una natura che mi ha abbandonato. Sono solo da me.

Vivevo perdendomi dentro di me. Devo avere la pazienza di un santo. Io sono un uomo che ha scelto il silenzio. Ho dovuto amare un essere puro.

Ah, malinconia di essere stato creato. Prima che fossi rimasto nell'immanenza della natura. Ah, sapienza divina che mi fa muovere senza che io sappia a cosa servono le gambe.

Che Dio sappia di esistere?

Credo che Dio non sappia di esistere. Sono quasi sicuro che sia così. E da qui viene la sua veemente forza.

Oggi ho pianto molto e i miei occhi sono diventati gonfi e rossi. Ma ne è valsa la pena. Non mi chiedo nemmeno perché ho pianto.

Il peggio è che sono viceversa, a zig-zag. Sono inconcludente. Ma devo amarmi come involontariamente sono. Mi prendo la responsabilità solo per ciò che c'è di volontario in me e che è molto poco.

Io non capisco, quindi credo. Io credo "in cosa".

Sai che cos'è Dio? Dio è il tempo. Io a fatica faccio parte di questo itinerario verso il Nulla, mi chiedo con insistenza un po' tenue, perché sono nato. Giuro che non vale la pena per nessuno essere me. Angela, invece, segue la moda. Per esempio: al giorno d'oggi si parla molto di "condizione umana", "tipo di vita", "aura". Perché diavolo non si dedica a cercare di sapere se l'insetto è maschio o femmina, invece di voler dominare gli oggetti? La donna ha questo, il problema di seguire la moda. Non so quale sia la moda attuale ma so che è il momento di sesso e violenza. Io guardo film dell'orrore anche da solo. Esiste una guerra fredda che sta facendo fuori la mia vita.

Il tempo è l'indefinibile. Io mi colloco molto in fretta nel tempo, prima di morire. La vita è molto rapida, quando ce se ne accorge, è arrivata alla fine. Inoltre, prima di tutto, siamo obbligati ad amare Dio.

C'è un passaggio stretto dentro di me, così stretto che le sue pareti mi feriscono tutto, ma questo passaggio sbocca nell'ampiezza di Dio. Non sempre ho la forza di attraversare questo deserto sanguinoso, anche se sapessi che mi sforzerei di farmi male tra le pareti, anche se sapessi che uscirei alla luce aperta di un giorno tremulo di morbido sole.

ANGELA. – Tremavo all'incontro con me – e ho pensato di essere una stupida donna che si dimena tra le pareti dell'esistere. Rompo le saracinesche e mi creo nuova. Così allora posso incontrarmi con me stessa, a piedi pari.

Mi sono consacrata a Dio?

AUTORE. – Io, che vegliero come una candela accesa. A vegliare i misteri di Angela.

Angela non sa definire. Per questo per lei il mondo è molto più vasto che il mio. Non è che io lo sappia definire ma ho la coscienza dei limiti e limitarsi rende più semplice una possibile definizione.

Angela ha un dono che mi commuove: il dono dell'errore. La sua vita è tutta un inganno. Il modo in cui percepisce che qualcosa in lei è sbagliato, e molto gravemente errato, è la sua inquietudine, la sua permanente sfiducia. Lei vive di traverso. Un altro modo in cui sente che c'è un errore di base nella sua vita sta nella sua umiltà e nella sua innocenza. I mali devono essere perdonati. Gli innocenti hanno il perdono in sé stessi.

Io non mi approvo perché non riesco a vivere con me stesso. Faccio quasi l'impossibile per avere un esonero. Esonero da me. Sto per raggiungere questo stato di beatitudine.

ANGELA. – Oggi ho comprato oggi un vestito lungo con tonalità verde-smeraldo, rosso-scarlatta, bianco-urlante, nero-severo, blu-re, giallo-folle.

Dio è come ascoltare la musica: colma l'essere.

AUTORE. – Sembra che lei non abbia ciò che si suole chiamare “sentimenti elevati”. È egoista e avida. Non lascia le persone in parte per amore, un po' per non essere capace di rompere – e un po' per il conforto materiale quasi lussuoso che le danno. È felice tra i brillanti che sporadicamente riceve.

Lei non è immobile: le sue imperfezioni in movimento le danno una grande mobilità. Proprio nel peccato Angela si incontra con Dio. È frivola. Tutto ciò che tocca diventa frivolo. Ma quando le dico questo, risponde con un testo che ha copiato dalle *Selezioni* del Reader's Digest: “Joseph Haydn quando è stato criticato per la leggerezza della sua musica, sorrideva: Non posso evitarla. A malapena trasmetto ciò che sento. Quando penso al Creatore, il mio cuore si riempie di tanta allegria che le note escono dalle mie dita come in un gesto, e siccome ho un cuore gioviale, so che Lui mi perdonerà se Lo servo in maniera festosa.”

Ho scoperto perché ho soffiato nella carne di Angela, è stato per avere qualcuno da odiare. Io la odio. Lei rappresenta la mia terribile fede che rinasce tutti i giorni all'alba. Ed è frustrante avere fede. Odio questa creatura che sembra credere semplicemente. Sono nauseato dal suo Dio vuoto che riempie con estasi nervose. Quando ho cominciato a

provare odio e a farlo vivere in me? Rimango intontito con gli effluvi di un sentimento che ignoravo in me da quando ho cominciato a ricordare.

Può essere che io voglia che Angela Pralini sviluppi un sentimento che è ardente e insonne, il sentimento di odio che ho bisogno di esercitare adesso perché lei mi ha insegnato ad odiare? È come se fossimo legati per sempre? io la voglio. So che un giorno mi allontanerò da lei, ma la mia paura è non dimenticarla e rimanere con questa macchia scura sulla mia anima. Quest'anima che viene sempre sorpresa dalla novità del sentimento.

Poi mi bagno tutto in questa oscurità divorante, voglio conoscere la profondità del mio odio. Voglio conoscere tutti i sentimenti. Una persona deve aver sperimentato dentro di sé questa forza maledetta per essere una persona completa? Non lo so, ma è demoniaco.

Sto facendo una confessione vergognosa: è bello odiarla. La mia anima, potenziale assassina, conosce quindi le tenebre ricche del sangue, e questo che conosco mi fa sentire il peggio di me stesso. E, sì, l'anima assassina è ricca. A volte mi chiedo se lei vuole che io la uccida per portarmi al culmine dell'odio. È meglio dimenticarla altrimenti il mio stesso sangue mi farà male e mi riempirà di una rivolta nera senza nemmeno sapere contro cosa, bugia mia, io so bene contro cosa mi rivolto. Solo che non si può dire.

Sono teso davanti a quella specie di tranquillità in cui Angela vive. Non riesco a raggiungerla – ora mi sfugge, ora rimane a portata di mano – e quando penso che sia alla mia portata, si solleva, intrinseca.

Il tempo non è misurabile.

Angela non fa piani. E si spaventa di se stessa, visto che è sempre novità. Lei a volte si rifugia in un nido impenetrabile. Per esempio: esattamente adesso l'ho persa di vista e non so dove vive (nascosta dentro di me in un angolo mio buio?). Io non so più che cosa dirà. Confido nel suo impeto imprevedibile.

Angela Pralini a volte è svincolata e dolcemente acuta come le voci dei bambini che cantano eseguendo cantate di Bach, o un coro di monaci. Angela è il mio esercizio vocale.

Angela, non so come dirti e cominciare, senza ferirti. Ma io non ti sopporto più. Inventerò in fretta un'altra donna. Una che non sia magica come te, una con cui io possa camminare con i piedi per terra e mangiare carne. Voglio una donna vera. Sono stanco di mentire.

Inventerò una donna unica, che sia organizzata e logica, che abbia la stessa propensione di una chirurga. Va bene anche se è avvocato. E che a letto sia limpida e senza peccato. Vivrò con lei. Dà più sicurezza rispetto ad Angela. Ciò che mi stanca è che lei non è addomesticabile. Ha un falso equilibrio di forze opposte. Ha paura – per validi motivi – di rimanere senza spirito da un momento all’altro. Che cosa posso fare se lei è anarchica?

Se non imitarla visto che lei è più forte di me: io sono il prodotto di un pensiero, lei non è un prodotto: lei è tutta. Ha rotto il mio sistema. È la mia ancestrale ed è così la mia preistoria che riesce ad essere disumana, allora che scriva con falso ordine.

Angela è il mio afrodisiaco.

Angela non mi sembra avere sottigliezze. Mi scandalizza un po’. Perché è più libera di me.

La nostra estrema miseria.

Voler capire è una delle peggiori cose che mi potevano capitare. Ma attraverso l’innocenza di Angela sto imparando a non sapere solo di me.

Sono stanco di Angela. E di me soprattutto. Ho bisogno di rimanere solo da me stesso, al punto di non contare più nemmeno su Dio. Per questo, lascio in bianco una pagina o il resto del libro – tornerò quando posso.

Sono tornato. È la carica di Angela Pralini ad avermi chiamato. Davanti a lei – come davanti ad un’“opera prima” – sento una quasi intollerabile pressione sul cuore, una volontà di fuggire dall’emozione. Sento questo con i film di Fellini.

Ciò che crea la nostra immaginazione sembra il processo che usa Dio per creare.

ANGELA. – Mi rifugio nella pazzia perché non mi resta che la noia mezzotermine dello stato di cosa comune. Voglio vedere cose nuove – e questo riuscirò a farlo solo se non avrò mai più paura della pazzia.

La vita è poco a poco. Oggi faccio mezzo passo, dopodomani faccio un altro mezzo passo. Che impazienza. Voler ingoiare la vita in un sol boccone e poi forse voler qualcosa come morire. Ma il mio stesso sangue è lento.

Io voglio mostrarmi il più sporco e più basso di me – e così solo allora potrò perdonarmi. Voglio che mi perdonino per essere così piena di sensualità che è un grido animale dentro di me, un piacere di voce acuta di lupo che desidera la preda, io! io che aspiro al grande disordine dei desideri vili e alle tenebre che mi possiedono nell’orgasmo apocalittico del mio esistere. Il mio esistere è vittima di una fatalità. Così è: io sono, oh povera me umana e debole e carente e mendicante ed elemosinare. Voglio il tuo sorriso, voglio la tua carezza di velluto, voglio la lotta corpo a corpo, così intimi noi due, così bambini ingenui e perduti.

Io chiedo l’assolvimento! Oh, Dio onnipotente, pedona la mia vita sbagliata e dalle pessime abitudini di sentire, perdonami per esistere nel godimento così lussuoso e sensuale dell’assorbimento dei miasmi del corpo a corpo. Voglio un abisso per te e riceverti come una regina di Saba. I miei desideri sono bassi? Povera me, che ho un corpo infelice e insoddisfatto. Oh Dio dei disperati, trovami, hai il potere di distinguere la mia piccola parte nobile che brilla fioca tra la ghiaia comune, trovami! Adesso! Già! Ah... ah... ah... mi hai trovato... come vola l’anima liberata da pochi istanti dall’incontro con me. Dio mi HA TROVATA. ALLELUIA! Alleluia! E ho trovato Dio nella mia più

profonda incoscienza, in quella specie di stato di coma in cui vivo sono riuscita a balbettare la visione di Dio – in me stessa! Io, scelta anche dalla pietà divina. Che gloria. Ah, ma che gloria.

E la morte non può niente contro di me perché IO NON HO PIÙ PAURA! Nuoto e risplendo negli stati di vibrante fruizione divina. Ora capisco: io prima stavo tentando di aprire un sentiero nelle tenebre sapendo solo implorare. Ma solo quando io mi sono svestita le porte del cielo e della percezione si sono spalancate per lasciarmi passare. Io che sono così scintillante. Ecco allora che mi unisco a Te e non mi castigo più. Zampillo tranquilla tranquilla, povera me. È stato così che è successo: quando ho visto che non sopportavo più il mio peso, sono andata a letto e mi sono raccolta al massimo in posizione fetale, così: ridotta a zero, essendo quindi obbligata a consegnarmi a chi mi vedesse, giacché non sapevo la risposta di ciò che domandavo, ardevo di una specie di febbre interiore. Allora – nell’essermi consegnata al Nulla – è avvenuto il miracolo: ho sentito come un alimento sulle papille gustative della bocca, il sapore del Tutto. Questo sapore si è sparso come luce e sensazione di gusto in tutto il corpo, e io mi sono consegnata a Dio, con il delirio di un’anima che beveva acqua.

Ah, com’è ampia l’eternità. Visto che questo è stato ciò che ho visto: la vastità serena dell’eternità, il gusto dell’eterno. Allora il corpo prima tutto debole e tremante ha preso un vigore di appena-nato nel suo primo grido splastico nel mondo della luce. E sono diventata tutta forte e fremente come la spiga altezzosa del grano dorato. Così, in piedi come la spiga di grano perché solo in questo modo, con naturale nobiltà, potevo affrontare la grandezza del Dio. In piedi come una spiga di frumento, sono esplosa in Te e mi sono liberata dall’aver un’anima particolare. Io ero l’anima generale del mondo. Non ero più sola: mi ero incontrata nella compagnia intima e folgorante di Dio. Bianchezza. Infinita trasparenza. Ed il mio corpo si irradiava in cerchi di luce. Della luce che mi riceve. Ed io, nuda come una appena-nata, sono tornata a Dio. E questa volta come il figlio prodigo che ero mi consacravo completamente, consacravo la spiga fragile e forte del grano che io ero. E Dio era il rivelatore delle anime perdute. E io che prima non sopportavo la sensazione di pienezza di me stessa, pensavo paurosa che questo incontro era troppo grande e mi avrebbe annichilito. Povera me: mi dirigo a me stessa come una schiava adornata di ghirlande per compiacermi come schiava – e ho trovato la semplicità e la nudità di una regina, che siccome ha già tutto non ha più bisogno di niente. Benedicimi,

Dio: Ti sto sento su una bocca screpolata a causa della febbre di una lunga sete, Ti sto estendo con le mie quattro zampe tagliuzzate che perdono sangue per questo mio cercare di aggrapparmi a Te. Vieni e riempiami tutta con la Tua grande luce spaventosa, Amen, io donna da niente, infine, toccata da un sogno infantile, dalla rosea salute dell'anima, che si emana da me a me stessa e nobilita il mio modo di esistere, io vestale consacrata, drogata dall'essenza dell'eternità, io toccata dalla sorte della penuria estrema che, per non riuscire a sopportare oltre, diventa ricchezza. Non ho più bisogno di chiedere: Dio dà. Io che ho respirato dal mio stesso nutriente alito tiepido come un bambino messo sotto le lenzuola e protetto dalla paura. Qualcosa mi ha toccato la spalla e mi ha chiamata e io non mi sono resa conto che era Dio e ho avuto paura della grande solitudine e del grande silenzio che si aprono nell'anima quando questa li riceve. Ho avuto paura della mia stessa grandezza semplice di persona umana. Ho già avuto e sperimentato un po' tutte le frustranti bassezze e ambizioni umane – adesso sono quasi libera dal “peccato” dell'anima. Posso infine concedermi al lusso di essere libera da me stessa e cominciare a sentire una certa pace olimpica.

Vivere mi rende così nervosa, tanto sull'orlo di. Prendo calmanti solo perché sono viva: il calmante mi uccide parzialmente e attenua un po' l'acciaio troppo acuto della mia lama di vita. Io smetto di fremere un po'. E passo ad un atteggiamento più contemplativo.

AUTORE. – Credo che il punto alto di Angela, uno dei suoi climax, sia questo istante “mistico”. Solo Angela potrà sapere un giorno se è stato mistico o di mistificazione. Ad ogni modo, da quel che sembra, Angela si è legata all'esistenza di una realtà di vita alla quale non è comune aderire perché il quotidiano uccide molte volte la trascendenza. La realtà è frammentaria. È unica solo la realtà dell'ultrasuono e ultraluce dell'infinito.

Forse l'“unione di Angela con il Tutto!” non succede come un grande avvenimento e una grande accettazione.

ANGELA. – Sono ancora semi-immersa nelle sensazioni mistiche. Ho bevuto un po' troppo di questa forte bevanda mi sono un po' ubriacata. Non racconterò nulla di quello che mi è accaduto, visto che, invece di misticismo, si può dire che è mistificazione. Nel momento in cui io ricevevo il Dio, ero tutta al contrario e sentivo anche che oltre Dio,

io stessa generavo in me la fede che veniva dalla mia oscurità medievale. Ed io, fiore tremante.

A me non piace spiegare. Preferisco la penombra del non-sapere. Io vivo in estasi provvisorie. Vivo dei relitti del naufragio che il mare riporta alla spiaggia.

AUTORE. – Tutto ciò che Angela non capisce lo chiama Dio. Lei venera l'Ignoto.

Quest'estasi di illuminazione mi fa perdere la fiducia. È lo spirito che prende pieno possesso di se stesso fino agli angoli più remoti? O è il corpo della donna portato al punto di crisi e dopo dei miraggi fuori di sé ma che rappresentavano un "lanciare fuori" per alcuni istanti la nozione di bassezza e di peccato? libera dal corpo per averlo infine ammesso, lei, libera dal carico pesante della sensualità, ha accettato l'idea di un'unione intima di due corpi – libera, si scatena la grande vastità dell'universo, universo che trova la sua voce nel silenzio assoluto e sparso, silenzio portato dall'aria che respiriamo.

Quest'illuminazione di Angela non riesce a mostrarsi in parole. Così come la parola "olfatto" tenta di esprimere poveramente ciò che è l'"olfatto". Non ci sono parole pure di per sé. Loro vengono sempre mescolate così: "non so che cosa mi succede".

Sto cominciando a credere che forse lo stato di grazia di Angela è vero perché l'"illuminazione" è avvenuta immediatamente dopo un sentimento di totale abbandono e sofferenza. Santa Caterina di Genova diceva che "quando Dio vuole penetrare un'anima, prima la abbandona completamente".

Lei ha raggiunto l'estasi quando ha perso la molteplicità illusoria delle cose del mondo e ha cominciato a sentire tutto come uno. È qualcosa che viene nutrito dalle radici piantate nell'oscurità dell'anima e sale fino a raggiungere una "coscienza" che in fondo è luce sovranaturale e miracolo.

Quello che Angela non conosce la illumina e la domina più di quello che conosce. Non è un conoscere con conseguenze. In verità lei non sa nemmeno cosa farsene di ciò che conosce.

ANGELA. – Oggi ho sentito qualcosa di assolutamente terribile. Ho sentito che io non vengo capita da Dio.

AUTORE. – Chi rimane attento al rito della fede può perdere l'obiettivo della fede.

A volte quelli che non credono sono più predisposti a ricevere come scintillante miracolo o la manna caduta da nessun luogo. Questo “nessun luogo” è l'aria. E l'aria è ciò che gli altri chiamano Dio. Io chiamo Dio come lui vuole essere chiamato. È così: io apro la bocca e per chiamarlo lascio uscire da me un suono. Questo suono è semplice. E ha a che vedere con il soffio vitale. Il suono si limita ad essere solo il seguente: Ah...

Ah... l'assoluta indifferenza benevola e arguta... Ah... ed è nella direzione di questo Ah che noi, come in un respiro, andiamo incontro a Lui con il nostro Ah.

È una questione di fiato di soffio vitale.

Meditare è un vizio, si prende gusto.

E il risultato della meditazione è Ah, ciò che fa di noi degli dei. Va molto bene ma ora dimmi che cosa comporta essere Uomini o Dei?

Sembra che ci faccia comodo poter dire Ah. Allora finisco attraversato dalla voce di Dio e qui dico come chi soffia leggero: Ah...

Siamo nati per goderci questo Ah, forse essere mi basta? Non so. Non so di cosa sto parlando.

La pianta ha bisogno d'acqua, luce-calore-terra-aria per giustificare l'essere, e questo Ah, per caso, ci giustifica?

C'è qualcuno che aspetta dietro la nostra spalla destra per toccarci affinché diciamo Ah...

Quando io dico ti amo, mi sto amando in te.

Non sono relativo, sono infinito, per questo mi rifletto in ogni essere, mi incontro in ogni essere.

La cosa più perfetta che esiste nell'universo è l'aria. L'aria è il Dio accessibile a noi. Quando parlo di cose, non sto oggettivando la vita, ma umanizzando ciò che è inerte. Tutto questo è un gioco pulito, come ho già detto altre volte. Non nascondo nessuna carta. E se ho uno stile, che questo venga e si manifesti perché io non ne vado in cerca.

Tutte le nascite suppongono una rottura.

Io sono stato invitato ad assistere ad un parto ma non ho la forza di assistere alla drammatica nascita dell'aurora sulle montagne quando il sole è di fuoco.

Tutte le nascite sono una crudeltà. Bisognava lasciar dormire colui che vuole dormire.

La mia malvagità viene dalla sistemazione scomoda dell'anima nel corpo. È stretta, le manca lo spazio interiore.

È lei che non si è mai lasciata piegare a quattro zampe dal dolore di esistere, questo dolore a cui di tanto in tanto dobbiamo obbedire per continuare a vivere come un buon borghese.

Chiedo a Dio: perché gli altri? E lui mi risponde: perché tu? alle nostre domande Dio risponde con una domanda più grande e così noi ci dilatiamo con degli spasmi finché non nasce un bambino. Ma – ma pace sulla terra e tranquilla luce in aria. Dio che è il nulla-tutto brilla in un dolce rifulgere di un eterno presente, dormiamo allora fino alla prossima settimana.

Ed io? Forse non sono il mio stesso personaggio? Forse mi invento? Di me so solo che sono il prodotto di un padre e di una madre. È tutto ciò che so sulla creazione e la vita.

Noi vogliamo entrare nel Regno di Dio attraverso i peccati perché se non ci fossero i peccati non ci sarebbe il perdono e non riusciremo ad arrivare a Lui.

Mi sono rifugiato nella pazzia perché la ragione non mi bastava.

Io aspetto quello che succede. Questo è il mio unico futuro e passato.

Un giorno il rifugio in Dio, e per quanto infimo sia stato lo impariamo stando nel grembo tiepido quando nasciamo.

Non servire a niente è la libertà. Avere un senso sarebbe meschino, noi siamo gratuitamente solo per il piacere di essere.

E aspetteremo coscienti la mancanza di senso del futuro, una libertà nel dire, nel sentire Ah...

La felicità si riassume nel sentire con sollievo un Ah, allora solleviamo le nostre coppe e umilmente brindiamo un Ah a Dio.

Anche se mi costa finire fa tanto male il saluto di addio, no? Bene perché a me fa male Ah.

Perché Dio?

Perché non rimanermene seduta a fumare e a morire di fame Ah è perché tu vuoi poter dire Ah.

La gente esiste solo per avere sollievo?

Io presto attenzione solo per prestare attenzione: in fondo non voglio sapere.

Non voglio niente.

Dio è astratto. Questa è la nostra tragedia.

Io sono come le cicale che esplodono dal tanto cantare. Quand'è che esploderò? Che cosa canto? Canto lo splendore di morire? Canto il mio amore che da quanto è vivo si dibatte? Canto la stregoneria nell'aria? Canto le molecole dell'aria?

Mi spaventa la mia potenza che intanto sta in un limbo: io potrei uccidermi per tanta disperazione per la disperazione? No. Mi rifiuto di uccidermi. Voglio vivere fino a diventare un essere vecchio, meditativo, comatoso di lucidità più profonda e pure indicibile e irraggiungibile del semi-coma senile. Questo semi-coma senile assomiglia ad un quasi sonno dormiente dei superstrati della coscienza. In questo stato – immagino me appoggiata sugli sguardi che ho visto su vecchi e grigi mobili – in questo stato si riesce a rispondere a domande e anche a conversazioni: le super-finalità dell'uomo vivente sono facili da eseguire.

Il semi-incosciente letargo attuale è ciò che difficile, ma infine raggiungibile – senza passato né futuro: come per un drogato di morfina. È uno stato di verità ineluttabile e senza frasi. Questo stato è lattiginoso e azzurrognolo con puntini rossi e scintillanti.

Io ti scrivo perché oltre la superficie intima in cui viviamo tu conosca il mio prolungato ululato di lupo sulle montagne.

Io mi sono distillato tutto: sono più pulito dell'acqua della pioggia.

Quint'essenza.

Trasfigurazione.

Che l'autore abbia paura della popolarità, altrimenti verrà sviato dal trionfo. C'è un momento in cui si deve fare il ritratto di se stessi. La fame è sempre uguale alla prima fame. La carenza si rinnova intera e vuota.

AUTORE. – Nel momento dell'avvenimento non colgo l'occasione. E poi mi viene un'illogica nostalgia. Ma il tempo presente, come la luce di una stella, solo dopo mi raggiungerà in anni luce. Al momento non riesco a capire di che si tratta. Mi sembra solo di essere sensibile e all'erta mentre ricordo. Quasi come vivere nel passato per non riconoscere quella specie di ricchezza del momento attuale.

L'oblio delle cose è la mia valvola di fuga. Dimentico soprattutto per necessità. Anche che tento e riesco a dimenticarmi di me stesso, di me minuti fa, di me dimentico il mio futuro. Sono nudo.

ANGELA. – Quando mi domando se il futuro mi preoccupa, rispondo attonita o facendo finta: il futuro? ma che futuro? il futuro non esiste. Sono complicata? No, io sono semplice come Bach!

Ho paura dell'istante che è sempre unico. Oggi, entrando in casa, ho fatto un profondissimo sospiro come se fossi alla fine di una lunga e difficile giornata. Persone scomparse. Dove sono? Quando qualcuno sa di loro telefoni a Radio Tupi. Dov'è il *desaparecido* Francisco Paulo Mendes? È morto? Mi ha abbandonata, pensava che io fossi molto importante... e la Muraglia Cinese? Prima di Cristo voglio vederla. Voglio dieci anni di garanzia. Ho paura di avere una fine tragica. Ho fame. Allora mangio tre petali di rosa gialla.

Ah, la vita intima che ho per me non mi basta visto che pipistrelli e vampiri gridano il mio nome: Angela! Angela! Angela! E attraverso spazi smisurati per raggiungere l'epoca in cui vivo, io che vengo da lontano. Ci sono cose segrete che so come fare. Ad esempio: rimanere seduta a sentire il Tempo. Sono nel presente? O sono nel passato? E se fossi nel futuro? Che gloria. O sono la scheggia di una cosa, quindi senza tempo. Manca la trama e la suspense e il mistero e il punto che culmina il senso di tempo che scorre.

Io mi ricordo del futuro. L'armonia è prevedere un istante prima la frase musicale che viene dopo. Il treno delle tenebre collega il commercio al commercio. Conclave e patrocinio. Oh! La meraviglia del farsi giorno. Vivrò fino a sabato. E non verrò investita. Che bello. Il mondo a fuoco. L'anno prossimo esiste? Stato di emergenza?

AUTORE. – Sono il profeta di ieri
La gioia della vita è.

ANGELA. – Le due e venti minuti non sono il momento per niente, soprattutto di sabato.

Io tremo quando penso tra parentesi, oh mio Dio, attenzione: parlerò nell'anno 3000 – aiuto! E l'anno 40 000? Ho paura.

Nell'anno 40 000 sarò così morta. Che neanche tu. Attenzione, molta attenzione, mio signore. Aiuto, oh cielo azzurro inclemente. Io ho detto più calma che ho potuto: aiu-to! Sta diventando scuro. Ed io non ho né cibo né bevande. Sono diventata isterica, scusami. Sono per caso al contrario? No, che Dio mi aiuti. Voglio essere nel verso giusto, va bene? Ma è così difficile.

AUTORE. – Tu – dico a qualsiasi persona – tu sei colpevole delle formiche che rosicchiano la mia bocca rovinata dal meccanismo della vita. Angela non muore la morte perché già muore in vita: è così che lei fugge dal finale fatidico, ha un'atmosfera di morte totale nei giorni quotidiani.

E all'improvviso – all'improvviso! Cade in me una valanga demoniaca e rivoltosa: mi chiedo se vale la pena che Angela muoia. La uccido? si uccide? Tiro le mie redini nonostante il puledro si lamenti. È che in proprio in questo momento ho pensato meglio. Lo deciderò solo dopo che Angela si mostrerà davanti alla morte.

La vita è così nuda e cruda che vale di più un cane vivo che un uomo morto. Rabbrivisco così tanto per questa scoperta stupida che accendo una candela in memoria dell'uomo sepolto. Era così perfetto che è morto.

Io ho sempre voluto raggiungere uno stato di pace e di non-lotta. Io pensavo che era questo lo stato ideale. Ma succede che – che cosa sono io senza la mia lotta? No, non si può avere pace.

La mia domanda ha le dimensioni dell'Universo. E l'unica risposta che soddisfa le mie ricerche è lo stesso Universo.

Tuttavia, ho un timore: cioè, che se cerco non trovo.

Ho scoperto un potere: il potere di essere in una stanza chiusa a chiave: io mi imprigono e mi concretizzo. Anche se continuo ad essere un'astrazione. Non è contraddittorio concretizzarsi ed astrarsi: io mi concretizzo su un piano che non è del disegno del mondo. Io mi ottengo nel concretamente possibile che esiste nell'astrazione.

Voglio giustificare la morte.

Forse, una volta morti, di tanto in tanto ci svegliamo spaventati?

C'è un mistero in un bicchiere d'acqua: mentre guardo l'acqua tranquilla, mi sembra di poter leggere in lei la sostanza della vita. Come un veggente davanti alla sfera scintillante di cristallo. Questa storia non è ancora successa. Succederà nel futuro. Il futuro è già con me e non mi renderà meno attuale. O sbaglio?

Sono una domanda insistente senza sentire alcuna risposta. Mai nessuno mi ha risposto. Tento in vano di trovare in Angela la risposta. Mi metto ad ascoltare attentamente per sentire la risposta. Come se la mia domanda gridata mi desse più dell'eco della domanda. Io so che la vita intera è sempre quasi un simbolo. Ma il mio cuore non capirebbe. Allora mi mancherà sempre quella cosa? Si può vivere senza quella cosa? Non riesco a rispondere.

Io sento una bellezza quasi insopportabile e indescrivibile. Come un'aria stellata, come la forma informe, come il non-esistere, come lo splendido respiro di un animale. Mentre vivo avrò di tanto in tanto la quasi-non-sensazione di ciò che non si può nominare. Tra l'occulto e il quasi svelato. È anche una disperazione scintillante e il dolore si confonde con la bellezza e si mescola ad un'allegria apocalittica.

Mi piacerebbe vivere esclusivamente della meditazione pazza e feconda nella contemplazione della morte e di Dio. Mi piacerebbe dedicarmi a baciare bambini. Trasportatemi, io vi supplico, non voglio più essere me stesso, io so che non sono più di me stesso. Io sono voi. Sento la necessità di rischiare la mia vita. Solo così vale la pena vivere.

- Angela, amore mio, ho tastato nel buio delle parole per trovare la tua. E la mia mano è tornata con una parola che mi ha offuscato: scintillante. Non so cosa voglia dire se esiste ciò che ho scoperto. Di prima mattina c'è ancora un silenzio chiaro e lieve e

il piccolo giardino in ombra sembra essere quello di un chiostro. C'è una lieve trepidazione inaudibile negli alberi: si ode questa trepidazione con la pelle del corpo. Angela, nel crearti sento un gusto di sangue in bocca.

ANGELA. – Si muore.

AUTORE. – In fondo lei non crede che si muoia.

ANGELA. – Quando sono molto allegra all'improvviso penso che si muore.

AUTORE. – Ma lei è più spaventata dalla vita che dalla morte.

ANGELA. – Perché esisto? e la risposta è: la fame mi giustifica.

Ah, è così, no? Allora bene, giacché è così io mi vendicherò e vivrò la mia vita con brutalità, senza pietà.

AUTORE. – Perché esisto? E la risposta è: la fame mi giustifica. Divento allegro quando ho fame, avendo, ovviamente, di che mangiare. Solo per avere una finalità immediata. Quando ho fame, ho una ragione di vivere. O forse voglio che la mia vita si giustifichi con l'intenso desiderio di vivere. Ciò che mi sostiene è la necessità. La necessità mi fa creare un futuro. Perché il desiderio è qualcosa di primitivo, profondo, che dà impulso.

ANGELA. – Ho un sapore di lacrime.

Vengo accompagnata da un organo e anche da un flauto dolce. Il flauto a spirale. Io sono anche molto tango.

Sono stonata, cosa posso fare? Sono nata mancina.

E affamata.

Ho l'impressione che qualcuno viva la mia vita, che ciò che succede non ha nulla a che vedere con me, c'è una molla meccanica in qualche parte di me.

Voglio solo questo: l'impossibile. Vedere Dio. Sento il rumore del vento tra foglie e rispondo: sì!

Ci sono tanti movimenti intorno a me a cui ho pensato: la morte mi aspetta.
Il mio movimento più puro è quello della morte.

AUTORE. – Angela ha già imparato ad accettare le sue crisi di panico: quando le vengono si immobilizza con gli occhi chiusi e cerca di dimenticarsi di sé a tal punto da essere un nulla insensibile.

Io non arrivo mai ad un'immersione totale. Ah, il giorno in cui mi espanderò per intero – è quello che aspetto. Intanto, Angela è un'imperscrutabile roccia granitica. Oppure un fluido aereo che non riesco a respirare. In ogni istante prova un frutto nuovo con piacere e senza paura del gusto. Ma da quanto è esperta: sa che è veleno solo quel che il passero non mangia. La frutta fresca è una mela occulta e trasfigurata per non far paura e non uscire dal paradiso. Così inganna lei ed il suo Dio. Per non morire mai. Angela preferisce non esistere. Creo ciò che muore solo per oblio.

ANGELA. – Essere felice è una responsabilità molto grande. Poca gente ne ha il coraggio. Ho il coraggio ma con un po' di paura. La persona felice è colei che ha accettato la morte. Quando sono troppo felice, sento un'angoscia mordente: mi spavento.

Sono così paurosa. Ho paura di essere viva perché chi ha vita un giorno morirà. E il mondo mi violenta. Gli istinti esigenti, l'anima crudele, l'asprezza di coloro che non hanno pudore, le leggi a cui obbedire, l'assassinio – tutto questo mi dà le vertigini come alle persone che svengono quando vedono sangue; lo studente di medicina con il viso pallido e le labbra bianche di fronte al primo cadavere da sezionare. Mi spavento quando in uno slancio vedo le budella dello spirito degli altri. O quando cado molto profondamente dentro di me e vedo l'abisso interminabile dell'eternità, abisso attraverso il quale mi comunico fantasmagorica a Dio. Ho paura della legge naturale che la gente chiama Dio. Il timore. I suicidi molte volte si uccidono perché hanno paura di morire. Non sopportano la tensione crescente della vita e dell'attesa del peggio – e si uccidono per vedersi liberi dalla minaccia.

Passiamo da un'Alfa ad un'Omega e ci distruggiamo e lavoriamo e ci divertiamo e... Per cosa? Camminiamo su un vortice – *irrimediabilmente*.

Non fare nulla può essere una soluzione.

Confondevano questo con il suicidio ma è una mera coincidenza. Ha senso correre dietro in questo modo alla felicità, forse basta essere felici? Forse essere felici è uno stato di tolleranza?

AUTORE. – Io voglio per il mio corpo vestiti di qualità, cibo francese selezionato, soldi per viaggiare, un'amante da amare liberamente, una sposa che si prenda cura di me. Ma tutto questo conservato nella mia anima da monaco. So che questo è possibile. È come saper rimanere soli in mezzo alla moltitudine. È come distinguere la propria voce che rischia di confondersi con il coro unisono di molte voci: sentire il canto in gola e udirsi. Devo-devo udirmi: è che non mi sono ancora detto certe cose che sono misteriose e sacre ma con il gusto di sangue in bocca. Cose difficili da vivere a pieno e poi dov'è il vero centro della polpa della frutta che mordo? Lanciare infine la saetta. Ma se io non centrassi in pieno l'obiettivo perirei. È per paura di questo che non oso. La mia questione di vita o di morte. Morire a causa di una parola? Se questa parola fosse piena di sé e fonte di sogno – allora vale la pena morire a causa sua. Ma tutto ciò che faccio è per paura di essa. È per paura di essere diviso da una donna, quella inventata da me. Allo stesso tempo non ho bisogno di nulla – plurale per la nuda semplicità. Adesso lascerò parlare abbastanza Angela di ciò che vuole – nel frattempo io mi raccoglierò nel mio silenzio. Silenzio felice. Sono un uomo felice perché sono nato. E perché so tacere. Tacere è nascere di nuovo.

ANGELA. – Io non so più come si capiscano le cose. Tutto sembra impazzito. Oggi ho preso un taxi e la mia aria da Cristo ha fatto sì che l'autista di un altro taxi mi guardasse spaventatissimo quattro volte. Oh, che aspetto umano deve essere il mio e che è il tuo. Sono viva nonostante sia giunta alla morte.

AUTORE. – Nota: voglio vedere se non mi dimentico di dare un volto ad Angela.

ANGELA. – A volte io mi metto nella situazione di vedere un po' prima dello stesso vedere. Io sento prima l'istante che passa e e la mia respirazione con cadenza accompagna il ritmo del tempo. Io che sento prima di sentire. L'armonia è presentire la prossima frase, il prossimo suono, la prossima visione.

AUTORE. – La morte sta al di là della misura dell'uomo. Per questo trovo strana la morte. Io non conosco il suo linguaggio muto. O forse lei ha un linguaggio possibile che io possa capire? A volte mi sembra che la morte non sia un fatto ma una sensazione che dovrebbe già essere con me. Ma io non l'ho ancora sentita.

ANGELA. – È dopo aver vissuto che so che ho vissuto. Al momento il vivere mi sfugge. Sono un ricordo di me stessa. Solo dopo “essere morta” mi accorgerò di aver vissuto. Io mi scivolo via dalle mani. A volte riesco quasi a concludere un episodio intimo di vita, per poterlo captare in ricordi, e per, più dell'aver vissuto, vivere. Un vivere che è già stato. Deglutito da me e che fa ancora parte del mio sangue.

AUTORE. – Sono pieno di ricordi e tutto ciò che è già passato ha un tocco di dolorosa malinconia.

ANGELA. – Mia zia Sinhá è morta di una morte allegra. Lei rideva mentre stava morendo. Si può dire che è morta dal ridere. Lei ha semplicemente dribblato la morte: non è morta di niente. Solo che è passata all'al di là per sempre. Era lucida: sembrava un lampadario acceso, sembrava una musica d'organo.

Sento che in questo stesso istante muore qualcuno. Questo mi turba, quest'ultimo sospiro, e in Irlanda nasce un bambino forte e con i capelli rossi. È come se mi avvisassero. Io dico buongiorno al robusto fanciullo.

AUTORE. – Quando scriviamo o dipingiamo o cantiamo, trasgrediamo una legge. Non so se è la legge del silenzio che deve essere mantenuto di fronte alle cose sacrosante e diaboliche. Non so se è questa la legge che viene trasgredita.

Ma se parlo è perché non ho la forza di fare più silenzio su ciò che sappiamo e che dobbiamo mantenere sotto sigillo. Ma quando questa cosa silenziosa e magica diventa troppo grande smettiamo di rispettare la legge e gridiamo. Non è un grido triste non è nemmeno un grido di alleluia. Io ho già parlato di questo nel mio libro chiamando questo grido “it”. Forse sono già morto e non me ne sono accorto? Forse non esisto già più?

Sento che c'è un dito che mi punta e che mi fa vivere sull'orlo della morte. Dito di chi?

ANGELA. – Sì. Un dito sanguinante punta contro di me. Tremo. Forse è il dito della morte? Io che sopravvivo, io regina del Faraone. Ma mi piace anche il campionato di calcio. Sarò viva per la prossima coppa del mondo? Spero di no, mio Dio, la morte mi chiama, tutta attraente e tutta bella. Oh, morte perché non mi rispondi? Io ti chiamo tutti i giorni. Sono fatta per morire.

L'estasi di champagne freddo. L'estasi scientifica.

Credo di non essere all'altezza del presente: mi sorpassa un po'. Di me si può dire: "lei non sa godere". Dio mi ha detto: vieni. Ed io ero tutta fredda. L'estasi dell'apocalisse.

Ma può far sì che io non muoia mai. Può far sì che io sia eterna e anche tu, mio amore. Sarò eterna dopo la mia morte? O sono solo istantanea?

Io sono essenzialmente una persona contraddittoria.

Il sereno grafismo astratto.

La banalità come argomento.

Oh, come aspiravo ad una languida vita.

Albero storto: stregoneria.

Sento un'ansia assoluta come se stessi con le braccia aperte verso l'alto nel gesto di ricevere e le labbra socchiuse per ispirare meglio – è come se io ansimassi verso l'oltre. Oltre me. Oltrepasso le mie frontiere ed entro nell'aria: l'aria è il mio spazio. Prima era avvenuto il caos e da questo caos ne è venuto fuori uno spettacolo.

Io merito un'onorificenza per vivere ogni giorno e ogni notte trecentosessantacinque giorni di supplizio di tempo. Solo la morte risolve.

Mio Dio, dammi il coraggio di vivere trecentosessantacinque giorni e notti, tutti vuoti della Tua presenza. Dammi il coraggio di considerare questo vuoto come pienezza. Fa che io sia la Tua umile amante, legata a Te in estasi. Fa che io possa parlare di questo vuoto tremendo e ricevere come risposta l'amore materno che nutre e avvolge. Fa che io abbia il coraggio di amare Te, senza odiare le Tue offese alla mia anima e al mio corpo. Fa che la solitudine non mi distrugga. Fa che la mia solitudine mi serva da compagnia. Fa che io abbia il coraggio di affrontarmi. Fa che io sappia restare vuota e anche così sentirmi come se fossi piena di tutto. Ricevi tra le Tue braccia il mio peccato di pensare.

Vivo agonizzando.

Oh, si salvi chi può perché a tutte le ore è sempre arrivata l'ora. Ogni istante è si salvi chi può.

Nessuno riposa sulla sedia di un dentista.

AUTORE. – Che spiriti dispettosi sono venuti ad interferire nella linea telefonica-mentale di Angela? Perché ricordarsi del dentista, è una cosa che solo una donna può fare. Angela è capricciosa.

ANGELA. – È tutto putrefatto. Lo sento nell'aria e nelle persone in moltitudine spaventata e famelica. Ma credo che in fondo alla putrefazione esista – verde scintillante e redentore e terra promessa – nel più profondo dell'oscura putrefazione brilla limpido e scintillante il Grande Smeraldo. Il Grande Piacere. Ma perché questo desiderio e fame di piacere? Perché il piacere è il massimo della veracità di un essere. È l'unica lotta contro la morte.

Quanto a me, ho scoperto la Morte.

Ma come?! Morire senza aver compreso?? Ma questo è terrificante! È indegno per l'essere umano non essere capace di capire nulla della vita. Sì. Ma misteriosamente la gente compie i rituali della vita. Offro la mia vita in omaggio a chi o di che. Voglio dedicarla, come quando si dedica un libro. Dio non uccide nessuno. È la persona a morire.

Anche se qualcuno. Proteggi il mio obiettivo. Dio. Sono occupata per quindici minuti. Che pazzia deliziosa scrivere 13 in numero e non a parole. Ti aspetterò nell'altro mondo. Prima, però, bacio mio padre e mia madre. Sarò un bebè che rotola nello spazio. Satellite di chi? Che brivido ho sentito all'improvviso quando ho detto che non ero il satellite di nessuno.

Sono grave come la fame. Mi spavento. Si fa giorno. Mi faccio giorno. Sono la corda di un'arpa. Goal.

Sono grave come la fame. Mi spavento. Il mio cuore è in lutto. Ma si fa giorno. Le nostre sementi sbocciano. Mi faccio giorno. Non sono un giudice, no, mio signore. Sono una viola dolce. Meglio che Carl Orff sia il silenzio. Goal.

Ciò che mi separa dal mondo è la mia futura morte. La morte sarà il mio più grande avvenimento individuale: la persona si spoglia di se stessa per morire sola da sé. La morte

è un'attitudine biblica. Ed è senza storia discorsiva: è un istante. Si muore una volta solo. Il fermarsi del cuore non dura niente. È la più infima frazione di un secondo.

AUTORE. – Angela è continuamente in pericolo di vita. Perché non ho sempre la forza di affrontarla alla sua sfida. E, affrontandola, affrontarmi, quasi soccombo alla legge della facilità. Mi controllo per non raccontare gli avvenimenti della vita di Angela. Ma cadrei nel descrittivo e discorsivo e questo mi provocherebbe tedio e senso di colpa.

Angela non solo vive senza spiegazione ma anche agisce inspiegabilmente mentre vivo questo, guardando la quasi sempre immortalità delle cose. Una pietra vista come pietra, è così che diventa pietra con la sua relativa eternità. Angela pensa che esista la vita dopo la morte ma lei non è pronta a capire di quale specie di strana vita inaugurale continua con una semplicità inimitabile questa vita dopo la morte. Solo che la vita non è la vita che la gente pensa di avere e la morte ha un altro nome. C'è chi sa di questo perché ha scorto in un barlume la propria ignoranza di ciò che è vita e morte. Queste persone vivono in uno stato di inquietante curiosità mentre gli altri, pensando che VITA è la sua vita e la morte la fine. E non troveranno mai un'altra verità. Per non parlare della teoria della Fisica dell'antimateria, tutto ha un dritto e un rovescio, tutto ha un sì e un no, ha luce e ha ombra, ha carne e ha spirito, forse è in questa antimateria che cadremo una volta morti? Come si piega che ogni corpo nato ha uno spirito? Succede sempre l'inaspettato visto che mai nessuno ha messo un'anima nella vita che nasce.

È l'ora della consumazione.

Vivere è il mio codice ed il mio enigma. E quando morirò sarò per gli altri un codice ed un enigma.

Precipizio.

Io non sapevo che il pericolo è ciò che rende preziosa la vita.

La morte è il pericolo costante della vita.

Il vantaggio di Angela su di me è che lei non è spaziale, mentre io occupo un luogo e anche una volta morto continuerò ad occupare la terra.

ANGELA. – Il futuro mi chiama dannatamente – è lì che vado. Disastro? Vallo a sapere. Quando penso che un giorno morirò mi piego in due dal ridere. La vita è una battuta divertente. Ma tutti sanno qual è la mia rotta sicura.

Non l'ho imparato ma lo so.

Mentre scrivo sgocciolano i minuti irreversibili. È il Tempo che passa.

Io penso ad alta voce. Chi mi sente? Guardo il viso della persona e lo vedo: lei morirà.

Questa notte ho fatto un sogno dentro ad un sogno. Ho sognato che stavo guardando tranquilla degli artisti che lavoravano su un palco. E da una porta che non era ben chiusa sono entrati degli uomini con le mitragliatrici e hanno ucciso tutti gli artisti. Ho cominciato a piangere: non volevo che morissero. Allora gli artisti si sono alzati dal suolo e mi hanno detto: noi non siamo morti nella vita reale, solo come artisti, queste uccisioni facevano parte dello spettacolo. Allora ho sognato un sogno così bello: ho sognato questo: nella vita noi siamo artisti di una pezza teatrale assurda scritta da un Dio assurdo. Noi siamo tutti partecipanti a questo teatro: in verità non moriremo mai quando avviene la morte. Moriremo solo come artisti. Sarebbe questa l'eternità?

Vallo a sapere, so solo che mi piacciono i brillanti e le giade.

Non pensare che io scriva qui il mio più intimo segreto visto che ci sono segreti che io non racconto nemmeno a me stessa. E non è solo l'ultimo segreto che non rivelo: ci sono molti piccoli segreti primari che io lascio rimanere enigmi. Mi consegno al dolce convivio dell'eternità. Ma questa non so se la merito.

AUTORE. – Allo stesso tempo lei si concede il lusso di essere una sfinge. Non mi racconta nulla della sua anima. Non mi racconta nulla dei suoi timori segreti. Sono io a doverla indovinare e darle appoggio da cavaliere. Ma non ce la faccio più e un giorno di questi farò un grido di liberazione o la faccio suicidare. Ciò che desidero avidamente è iniziarmi nella fuggitiva Angela che mi sta sempre scappando.

ANGELA. – Ieri il mondo mi ha espulsa dalla vita. Oggi la vita è nata. Folate di vento, molto vento. Che instabilità. *Me muero*. Vivo nel futuro del vento. Perché si dice sempre: lo faccio la settimana prossima? Sono qui, qui ad aspettare. Vivo ora e il resto se ne vada a quel paese. E il mio cane che non ha fatto nulla. È solamente. Anch'io sono: è. Io con una bandiera a brandelli.

Ci sono vecchi che muoiono in primavera, non sopportano l'aratura della terra.

Io voglio una morte elegante. Del resto, potrei essere già morta e non saperlo. Sono il mio fantasma inquietante.

AUTORE. – Io ti vivo come se la morte ci avesse già separati. È così grande la nostalgia che ho di te.

Tutto ciò che penso esiste? perché la mia immaginazione è povera e penso solo alle realtà, e se non esiste, allora perché penso?

ANGELA. – Un'ansia. Vorrei poter vivere tutto in una volta sola e non vivere a poco a poco. Ma così arriverebbe la Morte.

Quando morirò non saprò che cosa fare di me.

Ci deve essere un modo per non morire, solo che non l'ho ancora scoperto. Almeno per non morire in vita: morire solo dopo la morte.

Il mondo sta diventando ogni volta più pericoloso per me. Una volta morta, cesserà il pericolo periclitante. Respirare è qualcosa di magico. Voglio che la mia fine sia così inevitabile come la morte: la mia fine in vita sarà possedere. Io sono vergine.

Io quasi so già come sarà dopo la mia morte. La stanza vuota il cane sul punto di morire di nostalgia. Le vetrate della mia casa. Tutto vuoto e calmo.

AUTORE. – Se mi domandassero se esiste la vita dell'anima dopo la morte, rispondo, so bene che misteriosamente, perché no il mistero, se la cosa è pure misteriosa – risponderei con uno schema esitante: esiste ma non mi è dato sapere sotto quale forma quest'anima vivrà. Nessuno ha ancora scoperto lo stato delle cose dopo la morte – perché è impossibile immaginare quale sarebbe l'attitudine del Dio, lo stesso Dio che inspiegabilmente per noi fa germogliare un seme. Io non so come germoglia un seme, io non so il perché di questo cielo azzurro, io non so perché questa mia vita perché tutto questo avviene in un modo che la mia mente umana non conosce. Vivo senza spiegazione possibile. Io che non ho un sinonimo.

Vita, vita ricoperta da un velo di malinconia. Morte: farò che mi guida verso una rotta certa. Mi sento magnifico e solitario tra la vita e la morte.

Tutto il mondo sa tutto.

L'umanità sta diventando dura. I fatti stanno diventando contundenti.

Il domani è un fiore prematuro.

Domani del mai più.

L'incomunicabilità di sé a se stessi è il grande vortice del nulla. Se io non trovo un modo di parlare a me stesso la parola mi soffoca la gola attraversandola come una pietra non deglutita. Io voglio avere accesso a me stesso quando voglio come chi apre le porte ed entra. Non voglio essere vittima del caso liberatore. Voglio io stesso avere la chiave del mondo e trasporlo come chi si traspone dalla vita alla morte e dalla morte alla vita.

ANGELA. – Nell'ora della mia morte – che cosa farò? Insegnatemi com'è che si muore. Io non lo so.

AUTORE. – Ho perso il Libro di Angela, non so dove ho lasciato la sua vita.

ANGELA. – Opera? No, io voglio la materia prima. Voglio la pietra che non è stata scolpita.

Io mi sono curata dalla morte. Non sono più morta.

Io vedo tutto come se io fossi già morta e venisse tutto da lontano. Allora arriva quella tristezza di tela di ragno in una casa abbandonata. Ciò che distrae è l'odio spumeggiante. Odio secco e fustigante.

Pensare è così immateriale che neanche le parole lo sono. Non dimenticarsi mai, quando si prova dolore, che il dolore passerà: non dimenticarsi mai che, quando si muore, la morte passerà. Non si muore eternamente. È solo una volta, e dura un istante.

AUTORE. – E ancora non mi sono raggiunto. Gli stracci di Angela fanno sì che si raggiunga? La mia assenza di me è dolorosa. Non c'è un gesto in cui io mi lanci completamente. E la grandiosità della vita è lanciarsi – lanciarsi pure nella morte.

“Voglio morire” d'amore con te.

Allora sognante sorrido: sì, vorrei morire d'amore con un con te.

Cerco qualcuno che le salvi la vita. E chi mi permette quest'azione è solo Angela. E nel salvarle la vita, salvo la mia.

ANGELA. – Un posto nel mondo è pronto perché io lo abiti. Sono fatta perché nessuno abbia bisogno di me.

AUTORE. – Da qualche parte nel mondo qualcuno mi sta aspettando.

Il mio viso sembra dire: la mia vita non ha significato.

Solo quando morirai ti amerò totalmente. Ho bisogno di tutta la tua vita affinché io la ami come se fosse mia.

C'è un modo di vedere che dà i brividi. L'ovvio dimenticato e spartano: vince il più forte.

Angela è più forte di me. Io muoio davanti a lei.

Un giorno c'era un uomo che andò, andò, andò e si fermò e bevve l'acqua gelata di una fonte. Allora si sedette su una pietra e fece riposare il suo bastone. Quest'uomo ero io. E Dio era in pace.

ANGELA. – Si sta facendo giorno: sento i galli.

Io sto albeggiando.

- Il resto è l'implicita tragedia dell'uomo – la mia mente e la sua? L'unica
attitudine è essere solidali? Ma io so che “solidarietà” contiene la parola “solo”.

*[Quando il suo sguardo si distanzia da Angela e
lei diventa piccola e scompare, allora l'AUTORE dice:]*

- Quanto a me, anch'io mi distanzio da me. Se la voce di Dio si manifesta nel
silenzio, anch'io taccio silenzioso. Addio.

Sposto indietro l'obiettivo della mia telecamera e Angela diventa piccola, piccola,
sempre di più – finché non la perdo di vista.

Ed ora sono obbligato ad interrompermi perché Angela ha interrotto la vita
andandosene sulla terra. Ma non la terra dove si viene sotterrati, bensì la terra in cui si
rivive. Con la pioggia abbondante nelle foreste e il sussurro delle ventate.

Quanto a me, sto. Sì.

“Io... io... no. Non posso finire.”

Io penso che...

Considerações finais

Um sopro de vida – pulsações é um livro que expressa uma profunda necessidade de criar, de dar à luz algo que antes ficava nas trevas, de revelar o que se esconde por trás dos segredos do interior do homem e, nesse ato de criação, dar vida a um novo mundo. Neste caso, o ato de dar à luz pode-se realizar só através das palavras, que têm limites na comunicação do que revelam, e enquanto a linguagem tiver esses limites haverá uma possibilidade de criação.

O afã de criar tem o mesmo ritmo das pulsações do coração, uma sucessão de sopros que fazem brotar a vida dos instantes. A respiração apresenta-se como o elemento central em todo o texto porque o fôlego – ou a palavra – é o que infunde vida, que leva o oxigênio ao sangue, e ao mesmo tempo cria, exatamente como Deus soprou no homem para dar-lhe vida. Os personagens existem através das palavras, que são o sopro de vida que lhes permite existir. Enquanto há palavras, há uma possibilidade de salvação.

O Autor, criado por Clarice Lispector através da palavra e da necessidade de escrever para salvar alguém, também por meio da palavra criou Ângela Pralini, que é a projeção do seu eu e ao mesmo tempo o seu mesmo eu. Com a criação de novos personagens, criam-se também novos mundos que estão em comunicação, mas que nunca poderão comunicar-se completamente. A criação desses novos mundos representa uma possibilidade de salvação, exatamente como Ângela num sonho viu os artistas mortos sobre o palco, mas não na vida real. Realidade e ficção chegam a ultrapassar-se, tornando mais sutil a fronteira que as separa.

A palavra, é o único meio que os personagens têm para conhecer o mundo. Ângela escreve o livro das coisas, onde analisa as sugestões e impressões que provocam nela os objetos, dos mais banais até aos mais preciosos. O “Livro de Ângela” apresenta-se como uma verdadeira e profunda reflexão sobre a aura das coisas e sobre a sua imanência em ser coisa. O livro é um contínuo fluxo de sensações despertadas por uma atenta e oblíqua observação do mundo fenomênico, à procura de uma revelação que permita conhecer o que está além das coisas, que não se pode expressar por meio da linguagem, mas só através do pensamento sem palavras, como uma tentativa de extrair o indizível do pensamento

humano. A aura das coisas é o que nunca é dito, uma sombra de luz que as envolve, é a sua seiva, o que o homem não pode conhecer imediatamente.

O olhar é um elemento fundamental, porque através do olhar se conhece o mundo: é através da nomeação que o homem organiza o mundo ao redor dele, através das palavras que significam uma ou outra coisa. É o reconhecimento do mundo através da palavra e o reconhecimento do “eu” perante um “tu” que permite a definição e indagação de uma verdadeira identidade.

No seu livro, *Ângela* enfrenta o tema da criação como identidade e como rutura: antes a mãe e o filho são uma coisa só, depois há uma rutura que permite ao filho sair da mãe e existir como identidade no mundo, mas a mãe no filho sempre verá o seu reflexo, sempre se reconhecerá no filho que criou. Assim Deus criou o homem à sua imagem e semelhança e de uma costela de Adão criou Eva, e assim Clarice Lispector criou o Autor que criou *Ângela* e os dois existem graças à sua escrita.

Desde a primeira obra publicada, *Perto do coração selvagem*, o estilo da autora apresenta-se com elementos inovadores particulares, que deixam os leitores e os críticos espantados. A sua maneira de escrever fragmentária, incisiva, precisa e que quer dizer sempre algo mais do que está a dizer, que tem de ser lida sempre nas entrelinhas, encantou todos os que se aproximaram dos seus livros. A língua portuguesa é revisitada, manipulada, adaptada às exigências expressivas do momento, colocando o leitor perante uma língua que reconhece como própria, mas que ao mesmo tempo lhe provoca uma espécie de estranhamento. Clarice Lispector afirma que o português de que se serve não é escrito errado porque não sabe as regras gramaticais, mas é só a expressão de uma necessidade de adaptar a língua ao que o pensamento sugere. É o português do mundo onírico, que permite às palavras do mundo dos sonhos vir à superfície e existir no mundo real, com as suas pausas e os seus silêncios.

A pontuação de Clarice Lispector é um guia que permite ao leitor dar um ritmo e um tom às vozes de que está a ler as palavras. As frases às vezes são muito breves, seguidas de um improvisado ponto final e depois o branco da página, como se visasse sugerir um profundo silêncio antes de recomeçar a falar. Outras vezes as frases são muito longas e articuladas, as palavras fluem uma atada à outra sem parar, como se fossem um fluxo de consciência que brota da fonte escura e primitiva do coração. O texto tem longos trechos constituídos principalmente por perguntas seguidas por uma falta de resposta, que

evidencia o questionamento constante e implacável perante a vida. A pontuação é o único modo que a autora tem para marcar o silêncio, inscrever uma ausência entre as palavras, que não é completamente revelada, mas percebida.

O leitor que se aproxima da obra de Clarice Lispector tem de estar pronto a lançar-se numa aventura que não é feita de acontecimentos, mas de palavras inesperadas, metáforas improvisas, reflexões profundas, questionamentos sem pudor e raciocínios sem filtros sobre o que o inconsciente oculta, sobre o primitivo que existe dentro do homem, que sempre existiu, mas que por causa da civilização o homem esqueceu e não tem a coragem de encarar de frente. O leitor tem de ter a coragem de despir-se de si mesmo e deixar-se levar pelas palavras, como numa jangada que se deixa levar nas águas de um rio impetuoso. Às vezes o que o texto expressa parece de compreensão imediata, outras vezes é mais difícil de aceitar e cabe ao leitor pôr-se em jogo e fundir a sua voz que lê com a voz do Autor ou de Ângela que falam e assim tornar-se numa única voz.

A criação apresenta-se como um ato de amor absoluto, a rutura de um “eu” para permitir ao outro existir, ser dois e um só ao mesmo tempo, respeitando a identidade do outro. A tradução pode ser então considerada um ato de amor que um texto faz para permitir ao outro existir, que é ao mesmo tempo a sua alteridade e a sua identidade. Na tradução reconhece-se o texto original, apesar de admitir que é outro texto. Sem o original a tradução não existiria e sem a tradução o original não sobreviveria no tempo e no espaço, e dessa maneira as palavras são a possibilidade de vida que um dá ao outro.

A tradução permite a uma obra sobreviver no tempo e no espaço e isso aconteceu também com a obra de Clarice Lispector, graças aos numerosos estudiosos, tradutores e críticos que, quando a descobriram, se apaixonaram e abriram novas oportunidades de interpretação e análise e, nessa esteira a, este trabalho veio contribuir com a tradução de um dos romances de Clarice Lispector, cuja tradução para o italiano ainda não foi publicada.. Por meio das traduções o nome de um autor ecoa em épocas e contextos culturais diferentes daquele em que a obra foi concebida e criada. Como se tentou evidenciar, devido às suas temáticas de carácter universal, como a indagação da alma e o questionamento da vida, a obra de Clarice Lispector por um lado representa um desafio para o tradutor, sobretudo na transformação do silêncio em palavras, mas por outro lado, representa um estímulo para compreender mais profundamente a relação entre o “eu” e o “outro”, um diálogo sempre necessário para reconhecer-se como identidade. Não existe,

de resto, metáfora mais bonita do que a troca de respiração entre dois amantes para expressar a relação entre o texto original e a tradução: amar-se por meio do amor que se dá ao outro, fundir-se sem confundir-se, “eu te respiro-me”.

Bibliografia

Bibliografia ativa

LISPECTOR, Clarice, *A bela e a fera*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1979.

LISPECTOR, Clarice, *A cidade sitiada*, Rio de Janeiro, A Noite Editora, 1948.

LISPECTOR, Clarice, *Água Viva*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1988 [1973].

LISPECTOR, Clarice, *Acqua viva*, Palermo, Sellerio, 1997.

LISPECTOR, Clarice, *A hora da estrela*, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1977.

LISPECTOR, Clarice, *A legião estrangeira*, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964.

LISPECTOR, Clarice, *A maçã no escuro*, Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1961.

LISPECTOR, Clarice, *A mulher que matou os peixes*, Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

LISPECTOR, Clarice, *A paixão segundo G.H.*, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964.

LISPECTOR, Clarice, *A Via Crucis do corpo*, Rio de Janeiro, Artenova, 1974.

LISPECTOR, Clarice, *A vida íntima de Laura*, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1978.

LISPECTOR, Clarice, *Como nasceram as estrelas*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1987.

LISPECTOR, Clarice, *Dove siete stati di notte*, Milano, Zanzibar, 1994.

LISPECTOR, Clarice, *Felicidade Clandestina*, Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

LISPECTOR, Clarice, *Il mistero del coniglio che sapeva pensare*, Milano, Mondadori, 1991.

LISPECTOR, Clarice, *Il segreto*, Milano, La tartaruga, 1999.

- LISPECTOR, Clarice, *Laços de família*, Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1960.
- LISPECTOR, Clarice, *La mela nel buio*, Milano, Feltrinelli, 1988.
- LISPECTOR, Clarice, *La passione del corpo*, Milano, Feltrinelli, 1987.
- LISPECTOR, Clarice, *La passione secondo G.H.*, Roma, La rosa, 1982.
- LISPECTOR, Clarice, *Legami familiari*, Milano, Feltrinelli, 1986.
- LISPECTOR, Clarice, *Le passioni e i legami*, Milano, Feltrinelli, 2013.
- LISPECTOR, Clarice, *L'ora della stella*, Milano, Feltrinelli, 1989.
- LISPECTOR, Clarice, *O lustre*, Rio de Janeiro, Agir, 1946.
- LISPECTOR, Clarice, *O mistério do coelho pensante*, Rio de Janeiro, Editora José Álvaro, 1967.
- LISPECTOR, Clarice, *Onde estivestes de noite?*, Rio de Janeiro, Artenova, 1974.
- LISPECTOR, Clarice, *Para não esquecer*, São Paulo, Editora Ática, 1978.
- LISPECTOR, Clarice, *Perto do coração selvagem*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980 [1943].
- LISPECTOR, Clarice, *Quase de verdade*, São Paulo, Editora Ática, 1978.
- LISPECTOR, Clarice, *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.
- LISPECTOR, Clarice, *Um sopro de vida – pulsações*, Lisboa, Relógio d'Água, 2012 [1978].
- LISPECTOR, Clarice, *Un apprendistato o Il libro dei piaceri*, Roma, La rosa, 1981.
- LISPECTOR, Clarice, *Vicino al cuore selvaggio*, Milano, Adelphi, 2014 [1987].

Bibliografia passiva

AGAMBEN, Giorgio, *La potenza del pensiero*, Vicenza, Biblioteca Neri Pozza, 2005, pp. 5-35.

BATTELLA GOTLIB, Nádia, *Clarice, uma vida que se conta*, São Paulo, Editora Ática, 1985.

BORELLI, Olga, *Clarice Lispector, esboço para um possível retrato*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1981.

CÂNDIDO, António, “No raiar de Clarice Lispector”, in *Vários Escritos*, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977, pp. 123-131.

CÂNDIDO, António, “O direito à literatura”, in *Vários Escritos*, Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2011, pp. 171-193.

CAVAGNOLI, Franca, *La voce del testo*, Milano, Feltrinelli, 2012.

“Clarice Lispector em italiano”, in *Colóquio Letras*, n. 63, setembro 1971, p. 101.

CORREIA DOS SANTOS, Roberto, *Na cavidade do rochedo*, livro eletrônico, São Paulo, IMS - Instituto Moreira Salles, 2012, PDF: <https://claricelispectorims.com.br/wp-content/uploads/2016/11/na-cavidade-do-rochedo-a-pos-filosofia-de-clarice-lispector.pdf> (07/12/2018).

DAL PONT, Stella, GUERINI, Andréia, “Itália e Brasil: paralelismo em tradução literária?”, em *Belas Infieis*, v. 6, n. 2, pp. 33-51, 2017, disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/28253> (28/11/2018).

DEL BARCO, Pablo, “La desconocida literatura brasileña”, in *El País*, 04/09/1977, disponível em: https://elpais.com/diario/1977/09/04/cultura/242172004_850215.html (15/02/2019).

DELISLE, Jean; LEE-JAHNKEE, Hannelore, *Terminologia della traduzione*, Milano, Hoepli, 2002.

DE MELLO DARIN, Leila Cristina, “Traduzindo Clarice Lispector: um exercício da diferença”, in *Cadernos de Literatura em tradução*, n. 5, pp. 105-107, disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49373> (28/11/2018).

DE SÁ, Olga, “Sou brasileira, de Pernambuco, oi” – Clarice Lispector, in *Revista Ângulo*, n. 134, julho 2013, pp. 54-61, disponível em: <https://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/viewfile/1126/890> (10/01/2019).

ECO, Umberto, *Dire quasi la stessa cosa*, Firenze, Giunti, 2018 [2003].

FERREIRA ALVES, Roberta Maria, “Um sopro de criação: movimento puro em direção à vida”, in *Scripta*, v. 15, n. 29, 2011, pp. 281-292, disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6137253.pdf> (13/09/2018).

FERRERO CANDENAS, Inés, “Los orígenes de la creación. Un soplo de vida, de Clarice Lispector”, in *Literatura: teoría, historia, crítica*, 19.1 (2017), pp. 287-304, disponível em: <http://dx.doi.org/10.15446/lhtc.v19n1.60887> (14/09/2018).

FRANCAVILLA, Roberto, “Nella ragnatela dello sguardo obliquo”, in *Il Manifesto*, 13/09/2018, disponível em: <https://ilmanifesto.it/nella-ragnatela-dello-sguardo-obliquo/> (15/02/2019).

GERVASON DEFILIPPO, Juliana, “Um sopro de vida: a gênese do outro para a própria criação”, *Recorte*, v. 12, n. 1, janeiro-junho 2015, disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2213/pdf_58, (14/09/2018).

HERNANDEZ, Juliana, “O duplo estatuto do silêncio”, *Revista de Psicologia*, n. 15 (1/2), 2004, pp. 129-147, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a16v1512.pdf> (28/11/2018).

HOMEM, Maria Lúcia, *No limiar do silêncio e da letra. Traços da autoria em Clarice Lispector*, São Paulo, Edusp, 2011.

LAUS PEREIRA, Maria Marta, “Aspectos da recepção de Clarice Lispector na França”, in *Anuário de Literatura*, n. 3, 1995, pp. 109-125, disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/5282/4783> (07/12/2018).

LOPES JUSTINO, Katiuce, *Esboço com luz e sombra: problemas de inscrição e apagamento do sujeito em Um Sopro de Vida*, dissertação de mestrado, São José do Rio Preto, 2006, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho,” disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/94161> (12/11/2018).

MACHADO GARCIA ARF, Lucilene, “Clarice Lispector e a literatura brasileira no mapa literário europeu”, in *Revista de Filologia Românica*, v. 28, 2011, pp. 147-156,

disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/viewFile/37224/36026> (28/11/2018).

MAGARELLI, Valerio, “In letteratura c’è un Brasile che ha già vinto”, in *La Repubblica*, 28/06/2014, disponível em: <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2014/06/28/in-letteratura-ce-un-brasile-che-ha-gia-vinto44.html> (14/01/2019) .

MATIZ BORDA, Daniela, *La vida brota en el sueño de un lenguaje delirante: una lectura de Um sopro de vida: Pulsações de Clarice Lispector*, trabalho de graduação Bogotá, Facultad de Ciencias Sociales, Pontificia Universidad Javeriana 2011, disponível em: <https://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/6466> (04/11/2018).

MATOS FRIAS, Joana, “Um sopro de vida de Clarice Lispector: a auto-destruição criadora do sujeito moderno”, in *Línguas e Literaturas*, XV, 1998, pp. 121-147, disponível em: https://www.researchgate.net/publication/37652091_Um_sopro_de_vida_de_Clarice_Lispector_a_auto-destruicao_criadora_do_sujeito_moderno (13/11/2018).

MENDES DE SOUSA, Carlos, *Clarice Lispector, figuras da escrita*, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2000.

FASCINA, Diego e MARTHA, Alice, “A recepção crítica de Clarice Lispector: momentos decisivos”, *Revista Desenredo*, v. 11, junho 2015, pp. 92-109, disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4976> (28/11/2018).

MOSER, Benjamin, *Why this world. A biography of Clarice Lispector*, New York, Penguin Group, 2009.

MOUNIN, Georges, *Teoria e storia della traduzione*, Torino, Einaudi, 2006.

NASI, Franco, *Sulla traduzione letteraria*, Ravenna, Longo Editore, 2001.

NERGAARD, Siri, *La teoria della traduzione nella storia*, Milano, Bompiani, 1993.

NEWMARK, Peter, *La traduzione, problemi e metodi*, Milano, Garzanti, 1988.

NUNES, Benedito, “Clarice Lispector ou o naufrágio da introspeção”, in *Colóquio Leras*, n. 70, novembro 1982, pp. 13-22.

NUNES, Benedito, *O drama da linguagem*, São Paulo, Editora Ática, 1989.

OSIMO, Bruno, *Manuale del traduttore*, Milano, Hoepli, 2011.

OSIMO, Bruno, *Storia della traduzione*, Milano, Hoepli, 2002.

PIZZOLO TORQUATO, Carolina, “Breve estudo sobre a literatura brasileira na Itália: traduções entre 1882 e 1996”, in *Fragmentos*, n. 33, julho 2007, pp. 381-393, disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/8693> (07/12/2018).

RASY, Elisabetta, “Il cuore selvaggio di Clarice”, in *Il sole 24 ore*, 08/05/2017, disponível em: <https://www.ilsole24ore.com/art/cultura/2017-05-08/il-cuore-selvaggio-clarice-130301.shtml?uuid=AEJnYfBB> (15/02/2019) .

RICOEUR, Paul, *Tradurre l'intraducibile. Sulla traduzione*, a cura di Mirella Oliva, Città del Vaticano, Urbaniana University Press, 2008.

SILVA SANTOS, R.; “A presença do inconsciente em Um Sopro de Vida, de Clarice Lispector”, in *Crátilo*, n. 10, agosto 2017, pp. 23-31, disponível em: <http://cratilo.unipam.edu.br> (13/09/2018).

STEGAGNO PICCHIO, Luciana, *Storia della letteratura brasiliana*, Torino, Einaudi, 1997.

TEJERA LISBÔA, Noeli, *A pontuação do silêncio, uma análise discursiva da escritura de Clarice Lispector*, Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul 2008, disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14943/000671261.pdf?sequence=1> (07/12/2018).

TREVI, Emmanuele, “Non so di cosa parla. Che meraviglia”, in *Corriere della Sera*, 26/03/2017, disponível em: <https://www.pressreader.com/italy/corriere-della-sera-la-lettura/20170326/28174985914736> (14/09/2018).

VENUTI, Lawrence, *L'invisibilità del traduttore*, Roma, Armando Editore, 1999.

VILLARINO PARDO, Maria Carmen, “Mercados para a literatura brasileira”, in *Lugares da Lusofonia*, Lisboa, Colibri, 2010, pp. 113-125, disponível em: https://www.researchgate.net/publication/266909482_Mercados_para_a_literatura_brasileira , (28/11/2018).

VV.AA., *Cadernos de Literatura Brasileira – Clarice Lispector*, Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, n. 17 e 18 (números especiais), dezembro 2004, disponível em: <https://claricelispectorims.com.br/cadernos-de-literatura-brasileira/> (07/12/2018).

VV.AA., “Clarice Lispector, la parola inquieta”, in *Rivista di Cultura Brasiliana*, Roma, Gangemi Editore, n. 2, setembro 2013, disponível em: https://ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_Cultura_brasiliana_2.pdf (07/12/2018).

WALDMAN, Berta, “A retórica do silêncio em Clarice Lispector”, in *Silêncios e Luzes*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998, pp. 283-294.

Artigos eletrônicos

FRANCAVILLA, Roberto, *Sulla vista obliqua. Note a margine della traduzione di Acqua viva di Clarice Lispector*:

<http://www.leparoleelecose.it/?p=27047> (11/09/2018)

HATOUM, Milton, *Clarice Lispector, a travessia da linguagem*, 11/12/2014:

<http://www.blogletras.com/2014/12/clarice-lispector-travessia-da-linguagem.html>
(28/11/2018).

HATOUM, Milton, *Tradução - Para uma política da língua*, entrevista, 12/12/2008:

<http://conexoeditaocultural.org.br/entrevistas/por-uma-politica-da-lingua/> (14/02/2019).

PETRUCCIOLI, Daniele, *Fecondità di una contraddizione, tradurre le lingue portoghesi*, 2013:

<http://rivistatradurre.it/2013/05/fecondità-di-una-contraddizione/> (14/09/2014).

Videografia

Clarice Lispector: a vida é um soco no estomago | Maria Lúcia Homem:

<https://www.youtube.com/watch?v=UQNTNas-qPg>

Clarice Lispector e o efeito do estranhamento | Noemi Jaffe:

https://www.youtube.com/watch?v=WV7vq5g_DQM

Momentos de Clarice | Aula de Nádia Gotlib:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=goX9Ti732H0

Panorama com Clarice Lispector (entrevista):

<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>

Sitiografia

Biblioteca Nazionale Italiana:

<http://www.bncf.firenze.sbn.it/pagina.php?id=187>

Index Translationum UNESCO:

<http://www.unesco.org/xtrans/>

Instituto Moreira Salles – Clarice Lispector:

www.claricelispectorims.com.br

Agradecimentos

Um agradecimento especial e de profunda estima vai às professoras Vanessa Castagna e Carla de Souza Faria pelo apoio e a confiança na tradução de uma das joias da literatura brasileira, o livro de uma das autoras que mais me encantou nesse meu percurso de estudo da língua portuguesa. Agradeço-as para a disponibilidade, os incentivos, os conselhos e sobretudo por ter-me encorajado a fazer o meu melhor na realização deste trabalho.